



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

# A CRENÇA DE QUEM MAIS ACREDITA: Uma série radiofônica sobre a religião na infância

AUTORA: ALESSANDRA WATANABE

ORIENTADORA: NÉLIA DEL BIANCO

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

BRASÍLIA/DF  
JULHO/2011

ALESSANDRA WATANABE

A CRENÇA DE QUEM MAIS ACREDITA:

Uma série radiofônica sobre a religião na infância

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção  
do título de bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Professor (a): \_\_\_\_\_

Orientadora

Professor (a): \_\_\_\_\_

Convidado (a)

Professor (a): \_\_\_\_\_

Convidado (a)

ALUNA APROVADO COM A NOTA: \_\_\_\_\_

Brasília, de julho de 2011.

Dedico esse trabalho a meus pais, Iochito e Angela, a meus irmãos, Fernanda, Henrique e Guilherme, e também a todos que de alguma forma o tornaram possível.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Iochito, por todo esforço em passar o que ele acredita ser o mais importante, a educação. À minha mãe, Angela, por todos os facilitadores ao meu projeto e pelo incentivo interminável. Aos meus irmãos, Fernanda, Henrique e Guilherme pela companhia e pelas conversas que tanto me ajudaram.

Ao meu namorado, Hugo Madoz, pelo amor e pelo empenho incansável em me ajudar e me ver bem sucedida.

Às minhas grandes amigas Ana Carolina Seiça, Bruna Lock, Danielle Dantas, Joana Saraiva, Luiza Andrade, Mariana de Paula, Mariana Niederauer, Marina Nessralla, Priscila Crispi, Rafaela Rocha, Talita Freire e Vanessa Vieira pela confiança em meu trabalho e pelos estímulos positivos.

À professora Nélia Del Bianco por todo conhecimento e disposição inigualáveis.

Ao técnico Josevaldo Sousa, pela dedicação ao meu projeto e energia de todos os dias. À amiga Rafaela Vianna pela contribuição da vinheta.

À diretora da Secretaria de Comunicação do Tribunal de Contas da União, Cíntia Caldas, por todo apoio ao meu crescimento como estagiária e pelas concessões feitas com tanta boa vontade.

Ao assessor da mesma Secretaria, Emerson Douglas, pela companhia, aprendizado e contribuição na locução das chamadas das reportagens.

Aos professores e servidores da Faculdade de Comunicação por toda colaboração e dedicação durante toda a graduação.

Às crianças entrevistadas, pelas quais desenvolvi uma verdadeira admiração. A seus pais pelas contribuições e pela permissão de entrevistar seus filhos. Aos especialistas entrevistados pelas sábias explicações.

## **RESUMO**

O presente projeto experimental é uma série de cinco reportagens de rádio sobre religião na infância. O objetivo é dar voz a crianças de oito diferentes religiões. A série pretende mostrar como alguns aspectos das doutrinas, tais como a iniciação e os ritos, acontecem na infância, expondo suas particularidades e desdobramentos. A ideia é discutir um universo tão complexo e misterioso pelos olhos daqueles que trazem os depoimentos mais sinceros e descontraídos.

**Palavras-chave:** religião . criança . iniciação . ritual . Deus

---

## **ABSTRACT**

This experimental project is a series of five radio reports about religion in childhood. The purpose is to give voice to children from eight different religions. It also intends to show how some aspects from religions, such as initiation and rites, occur in childhood, with their circumstances and developments. The idea is to show a complex and mysterious universe through the eyes of those who bring the most sincere and spontaneous testimonials.

**Key-words:** religion . child . initiation . ritual . God

# ÍNDICE

<b>Conteúdo</b>	<b>Página</b>
1. APRESENTAÇÃO.....	1
2. OBJETIVO .....	3
3. JUSTIFICATIVA .....	4
3.1 Do tema .....	4
3.2 Do meio de comunicação .....	6
4. PROBLEMAS DE PESQUISA.....	7
5. REFERENCIAIS TEÓRICOS .....	9
5.1 Jornalismo .....	9
5.2 Conteúdo .....	19
6. METODOLOGIA.....	23
6.1 Da produção e das reportagens.....	23
6.2 Da edição.....	30
7. CONCLUSÃO.....	31
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33
9. ANEXOS.....	40
9.1 Cronograma.....	40
9.1.1 De produção.....	40
9.1.2 De edição .....	40
9.1.3 Da memória .....	40
9.2 Orçamento .....	41
9.3 Transcrições das entrevistas.....	41
9.3.1 Davi (12 anos) – SANTO DAIME.....	41
9.3.2 Diego (11 anos) – ESPÍRITA.....	42
9.3.3 Elis (8 anos) – JUDIA .....	45
9.3.4 Emília (5 anos) – PAIS BUDISTAS .....	48

9.3.5 Fabiana (8 anos) – CATÓLICA .....	51
9.3.6 Isaiás (12 anos) e José Abílio (11 anos) – SANTO DAIME.....	53
9.3.7 Isabel (7 anos) – SANTO DAIME .....	59
9.3.8 Larissa e Letícia (8 anos) - EVANGÉLICAS .....	60
9.3.9 Luísa (7 anos) - EVANGÉLICA .....	62
9.3.10 Marina (12 anos) – ESPÍRITA .....	64
9.3.11 Matheus (11 anos) – SANTO DAIME.....	66
9.3.12 Pedro (5 anos) - UMBANDISTA.....	67
9.3.13 Rafael (7 anos) – CATÓLICO.....	68
9.3.14 Tayon (11 anos) - MAHIKARI .....	72
9.3.15 Théo (5 anos) – JUDEU .....	79
9.3.16 Thayná (8 anos) - EVANGÉLICA .....	80
9.4 Primeira versão de cada uma das reportagens.....	84
9.4.1 Reportagem 1.....	84
9.4.2 Reportagem 2.....	86
9.4.3 Reportagem 3.....	90
9.4.4 Reportagem 4.....	93
9.4.5 Reportagem 5.....	96
9.5 Autorizações para uso de voz de menor de idade .....	100

## 1. APRESENTAÇÃO

O Brasil sempre provou que a sua mescla cultural e étnica é capaz de se tornar um fator motivador de mudanças em diversas áreas sociais. Uma das áreas que sofreu transformação pela diversidade do país foi a religião.

Na história brasileira, o passado de colonização por exploração trouxe grandes grupos africanos ao país para servirem de mão-de-obra às extrações de pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro e ao cultivo de café. Os escravos traziam uma cultura religiosa totalmente diversa daquela que estava começando a se enraizar fortemente no Brasil, o catolicismo.

As religiões africanas permaneciam minoritárias enquanto o catolicismo se expandia fortemente derrotando qualquer barreira que lhe aparecia. O Brasil estava dividido entre a elite européia com seus descendentes e todo o resto que trabalhava para ela.

Com o passar dos anos, novos imigrantes foram trazendo ao país religiões ainda mais diversas como o judaísmo, islamismo, espiritismo e protestantismo. Elas foram penetrando no país convivendo lado a lado com outras nascidas aqui, no interior da Amazônia, por exemplo, como o Santo Daime.

Até que a pluralidade religiosa fosse conquistada foram longos anos de lutas e intolerância. E ainda hoje, as conquistas não significam uma completa harmonia entre todas as religiões, mas de fato a diversidade foi instituída. Enquanto alguns acompanharam todo esse processo, outros não tiveram essa oportunidade.

As crianças de hoje já nasceram em um diferente cenário religioso. Em Brasília, que não é uma cidade tão grande, há grupos formados e consolidados de quase todas as religiões. E são essas crianças que esse projeto pretende analisar.

Uma religião nasce dentro de uma família de várias maneiras. Entender o processo de formação religiosa desde o início, na infância, não é fácil. Ainda mais se tratando daqueles que já cresceram em meio a tantas formas de manifestar a espiritualidade. São envolvidas crenças, preconceitos e tolerância. Para crianças, conceitos, muitas vezes, desconhecidos.

Porém, só os conceitos. As crianças entendem o que acontece a sua volta por meio de exemplos e vivências. E mesmo não compreendendo bem as bases de sua religião ou os entraves enfrentados por um adepto, elas formam suas opiniões. E são essas ideias, aliadas às peculiaridades de cada religião, os enfoques desse projeto.

O universo da criança dentro da religião é o que esse produto de cinco reportagens radiofônicas objetiva abordar. Os temas foram subdivididos da seguinte forma: uma reportagem introdutória, apresentando algumas crianças e o contexto da religião no país; uma segunda sobre como a iniciação às doutrinas acontece; outra abordando os rituais praticados; uma quarta mostrando como as religiões influenciam o dia a dia das crianças fora do ambiente religioso; e por fim uma última explorando conceitos como a noção de Deus.

O trabalho conta com depoimentos de 18 crianças, entre cinco e 12 anos, de oito religiões diferentes: católica, budista, daimista, espírita, evangélica, judaica, mahikari e umbandista. O universo das práticas é em Brasília (DF).

## **2. OBJETIVO**

Produzir uma série de reportagens de rádio sobre a religião na infância, sob o aspecto do jornalismo humanizado e da imparcialidade. O objetivo é mostrar ao ouvinte como acontece o contato de crianças nas diversas religiões, satisfazendo a curiosidade do público em relação a alguns pontos polêmicos de cada uma das doutrinas e trazendo problemáticas presentes na vida de cada um dos personagens.

Uma das finalidades do produto é também nortear pais e familiares sobre a experiência da religião na infância. Tanto aqueles que já convivem com crianças religiosas, como aqueles que ainda pretendem passar um conhecimento religioso a seus filhos precisam conhecer sobre aspectos da iniciação, melhores formas de lidar com as dúvidas das crianças e principalmente o que as próprias crianças pensam sobre a questão.

### 3. JUSTIFICATIVA

#### 3.1 Do tema

Os dois universos abordados nesse trabalho – religião e infância – estão presentes no dia a dia de todos. A religião, mesmo que de forma indireta, permeia até o mundo de ateus, uma vez que seus postulados são questionados por eles. Para os adeptos de alguma doutrina, ela é tão importante como qualquer outro aspecto da vida. E para os que não acreditam em nada ou ainda não aderiram a nenhuma religião, a curiosidade sobre o tema certamente já lhes veio à cabeça.

Quanto à infância, o interesse nem sempre é comum a todos, mas certamente o convívio com elas acontece em todos os públicos. Entender como as crianças enxergam o mundo traz grandes contribuições para o trato com elas.

Sendo assim, esse projeto se justifica pela curiosidade. E seu público é o mais diverso, desde que se interesse pelo assunto. Primeiramente ele se direciona aos adeptos das religiões abordadas e principalmente aos pais que ainda não sabem como tratar questões tão densas como Deus, rituais e rotinas religiosas com seus filhos. Ouvir as histórias das reportagens, a opinião de especialistas e a abordagem jornalística podem trazer um norte para esse grupo.

As próprias crianças também fazem parte do público que as reportagens pretendem atingir. É interessante para elas perceber a diversidade religiosa e ouvir relatos vindos de alguém que tem o seu mesmo linguajar e maneira de se expressar. Há uma identificação e, mesmo que não se enxerguem nelas, o interesse facilmente é despertado, nem que seja para criticar.

A proposta das reportagens é ainda mais universal no sentido de que não se quis debater nenhuma religião ou contrapô-las, mas sim aliá-las a uma só ótica: a das crianças. Tanto que se o objetivo fosse discutir cada uma delas, os temas seriam o catolicismo, o umbandismo ou o protestantismo individualmente. Em vez disso, as reportagens acolheram temas como o dia a dia da criança permeado por cada uma das religiões ou os rituais de cada uma delas.

Tratar o tema dessa forma justifica a relevância do projeto no sentido de prestar um serviço à comunidade. Da mesma forma que uma reportagem no estilo de *hard news* informa sobre o que acabou de acontecer, essa reportagem, mesmo que atemporal, cumpre seu papel de informar, educar e entreter.

E sua urgência é tão importante quanto à do *hard news*. O jornalista Eugênio Bucci, no prefácio da obra *Sobre entrevistas – teoria, prática e experiência*, de Stela Guedes Caputo (2006), trabalha bastante a ideia de que se a matéria for dispensável não há porque publicá-la. Assim, é preciso refletir se as informações apuradas são relevantes o suficiente para fazer o público querer dedicar o seu tempo para a reportagem. O desejo da audiência mencionado por Bucci se relaciona muito com o entretenimento e a curiosidade que o projeto desperta no ouvinte. Além disso, os pequenos trazem consigo a doçura e a ingenuidade, o que faz com seus relatos se tornem tão atrativos.

Os adeptos de alguma doutrina, ao ouvir as reportagens, se sentirão contemplados pelo produto jornalístico e poderão acompanhar o que crianças de sua religião pensam sobre isso. Muitas vezes, os pensamentos das crianças são subjugados, pois estão por trás de uma aparência de inexperiência e inocência. Mas o que esse projeto mostra é que essa aparência, por mais verdadeira que seja, não quer dizer inexistência de opinião ou observação. Seus potenciais de discutir e perguntar são crescentes.

Unir dois mundos aparentemente tão distantes e até incompatíveis na visão de alguns pode parecer estranho, mas são justamente essas diferenças que pretendem despertar o interesse de um público sem religião, por exemplo, que a princípio não gostaria de ouvir as reportagens. Ouvir crianças falando de morte, de Deus, de práticas adultas, de sacrifícios não é comum. É então que o inusitado chama o público.

Os ouvintes são moradores de Brasília, por isso a opção de trabalhar com instituições e personagens dessa cidade. Além disso, é preciso restringir o objeto de pesquisa. Analisar centros e igrejas de todo o país seria inviável nesse projeto. O que também contribui para a escolha dessa cidade é o fato de ela reunir moradores de diversas partes do país, que trazem consigo as características religiosas de seu estado. Muitos praticantes do umbandismo, por exemplo, são da Bahia. Restringir o projeto nesse município poderia reduzir a participação de todas as outras religiões. Brasília representa essa mescla tão necessária à série de reportagens.

### 3.2 Do meio de comunicação

O rádio se justifica nessa série de reportagens como o meio que melhor permite valorizar uma opinião. Na televisão, a imagem de alguém por si só já cria no público preconceitos, predisposições, credibilidade, enfim, antes de ouvir o que o personagem tem a dizer, o público faz um pré-julgamento em questões de segundos. A ideia do projeto é dar voz às crianças, então é exatamente isso que foi feito. Só suas vozes aparecem e, conseqüentemente, só suas opiniões ficam em destaque. A doçura da Emília, por exemplo, não interfere em sua forte opinião quanto a não aderir ao budismo. Ao mesmo tempo, a forma de falar, o jeito de expor as ideias é importante, o que descarta a utilização de meios impressos.

A abertura que o rádio permite à imaginação também justifica seu uso nesse projeto. Em uma série sobre um assunto que envolve criança e beleza das religiões, a imaginação é bem-vinda. Robert McLeish, em seu livro *Produção de rádio, um guia abrangente de produção radiofônica*, traz uma definição que muito contribui para essa justificativa. “Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação. [...] Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser.” (MCLEISH, 2001, p.15).

A escolha do rádio ainda se justifica por conseguir ressaltar algo muito presente nas religiões: as músicas, hinos e cantos. No impresso, por exemplo, esse elemento, essencial às religiões, seria perdido.

E por fim, o rádio, em sua função jornalística, comumente é um meio de comunicação associado a quem está na correria, dentro do carro ou fazendo outra tarefa em casa. Esses ouvintes estão muito habituados a ouvir o *hard news*, as atualidades. Por isso, a proposta também foi oferecer um conteúdo leve e interessante para o consumidor desse meio. Algo diferente do que está, cotidianamente, em sua programação.

#### 4. PROBLEMAS DE PESQUISA

Tratar de um assunto tão polêmico, como a religião, e direcioná-lo para um grupo tão delicado, como as crianças, foi um constante desafio desde a concepção do produto até sua finalização. Em razão disso, algumas dúvidas estiveram presentes ao criar o projeto.

A primeira delas era em relação à relevância do tema. A religião por si só é importante na vida das pessoas, mas vem como um complemento à vida profissional, familiar, amorosa. E só isso não basta para ser um objeto de pesquisa. É um tema imensamente abrangente. Mas à medida que a religião é tratada em determinadas peculiaridades úteis a quem consome o produto jornalístico, ai sim, ela ganha valor. Por isso também o recorte para o universo infantil.

A infância levanta assuntos importantes, uma vez que as crianças estão em fase de formação, de educação e agregação de conhecimento. Uma iniciação religiosa inadequada, por exemplo, traz problemas mais sérios a uma criança do que a um adulto, uma vez que elas, em muitos casos, não têm o poder de escolha.

O fato de existir pouco material publicado sobre o assunto trouxe, a princípio, um desconforto. Uma bibliografia reduzida voltada para religião na infância e um enorme leque de referências direcionadas para os dois assuntos, mas de forma isolada, ou sobre o desenvolvimento da criança ou sobre religiões. Mas o desânimo inicial deu lugar ao desafio de se discutir algo pouco trabalhado até então. Mas não se trata de um projeto inédito. Mesmo que reduzido, existe material nessa área. A jornalista Stela Guedes Caputo dedicou seu mestrado e doutorado às crianças do Candomblé. E por isso, se tornou uma das principais referências para esse projeto.

Outro grande problema de pesquisa foi a abordagem das crianças na mídia. Os depoimentos dos menores de idade não podiam simplesmente virar produto jornalístico sem autorização expressa dos pais, ainda mais em um projeto onde se optou, para levar mais personalidade ao relato, por relevar parte da identidade das crianças com o uso do primeiro nome. A autorização escrita chegou a ser um entrave no momento de se decidir por começar o projeto. Não era possível prever a reação dos pais. E se todo o material não fosse autorizado? O projeto ficaria limitado ou até não existiria. Mas o planejamento de abordagem desses pais e a transparência com os entrevistados garantiriam as autorizações.

As dezoito crianças presentes nas matérias estão autorizadas por seus pais (ver anexo 9.5). No entanto, houve barreiras para se conseguir essas permissões. Algumas crianças não puderam se tornar personagens das reportagens pela falta da autorização. O principal argumento dos responsáveis ao negar o pedido era a exposição da criança. Geralmente, a recusa acontecia com os pais de crianças adeptas de religiões minoritárias, como o umbandismo e o judaísmo. Mas a grande maioria dos entrevistados não apresentou resistência. O fato de existir uma autorização representava para muitos deles a segurança de poder participar do projeto, uma vez que esse resguardo condiz com a ética jornalística e atende a preceitos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente.

E o maior desafio indiscutivelmente foi extrair os depoimentos. Por mais desinibida que uma criança possa ser, conversar com um estranho nem sempre é agradável, ainda mais com hora marcada e assunto delimitado. As técnicas de abordagem de criança foram indispensáveis. Em quase todos os casos resolveram o problema. Em outros, a própria personalidade da criança não permitia um avanço nas entrevistas. E só saber abordar não adiantou. Foi preciso fazer um estudo de cada uma delas, observá-las durante semanas para que aquela que melhor representasse o grupo pudesse falar.

As entrevistas mostraram que a ideia inicial de se trabalhar apenas a iniciação infantil na religião e alguns de seus desdobramentos não era suficiente. As crianças tinham muito mais para contar. E uma nova problemática surgiu. A de reorganizar algumas ideias iniciais de temas para as reportagens a partir dos depoimentos. E isso representou um enorme crescimento no trabalho. No papel de jornalista, não se pode iniciar uma apuração com a pauta fixa e perguntas restritivas. A abertura feita durante as entrevistas é que permitiu o aprimoramento da pauta.

## 5. REFERENCIAIS TEÓRICOS

### 5.1 Jornalismo

Em um projeto como esse, em que histórias são contadas e um assunto tão humano como a religião é discutido, um dos principais embasamentos teóricos não podia deixar de ser o jornalismo humanizado. Uma das autoras que contribuíram para esse fundamento foi a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, que em mais de uma de suas obras<sup>1</sup> defende a humanização nas diversas etapas de produção jornalística.

Em seu livro *Entrevista – O Diálogo Possível*, dentre as muitas comparações entre Jornalismo e Ciências Sociais, discute, antes mesmo da humanização da entrevista e do relato, a escolha do personagem.

*Nas Ciências Sociais, quando se faz uma enquete, uma pesquisa de campo, a técnica de amostragem é rigorosa. No jornalismo, embora se dê alguma aparência de representatividade, o aleatório é específico. Assuma-se esse aleatório como significativo, pois, a rigor, qualquer pessoa procurada no anonimato tem alguma coisa importante a dizer. (MEDINA, 1995, p.18)*

Mesmo buscando a criança que melhor represente aquele determinado grupo de religiosos, como é explicado em detalhes adiante na Metodologia, esse produto primou pela linha de raciocínio da autora. Os melhores depoimentos, em alguns casos, vieram de crianças abordadas ao acaso, sem uma prévia seleção. O aleatório se mostrou significativo e representativo.

Começar as entrevistas baseadas na relação humanizada parecia utópico, uma vez que seriam poucos encontros e pouca intimidade, mas essa relação se fez possível, na medida em que foi construída passo a passo, aliada a sensibilidade. Foi tudo uma questão de gestos, atitudes, interesse, olhar. “[...] a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU” (MEDINA, 1995, p.7). Isso aconteceu, por exemplo, logo na primeira entrevista realizada. Foi com o espírita Diego. Depois de mais uma

---

<sup>1</sup> A humanização jornalística também é abordada em seu primeiro livro: *A arte de tecer o presente* (2003).

hora de conversa no primeiro encontro com ele, houve uma troca de experiências. O entrevistador saiu transformado pelos ensinamentos do menino de 11 anos e o entrevistado percebeu que poucas vezes foi questionado sobre sua religião e suas ações. O encontro fez ambos refletirem.

A falta desse toque humano pode levar a um grande problema em entrevistas, ainda mais com crianças, que é a mecanização das respostas, abordada por Medina e discutida adiante nessa Memória.

*Pela timidez ou a prudência, que conduz a respostas de polidez, procurando-se responder de forma supostamente agradável ao investigador; que se traduzem pela tendência a responder antes sim do que não, pela tendência (prudência) a optar pela cifra do meio quando é proposta a escolha de uma percentagem. (MEDINA, 1995, p.12)*

A carência da humanização na abordagem, bem como a entrevista fracassada, são fruto de um jornalismo que enxerga o personagem como fonte de informação e não como pessoa. Quem o pratica chega à entrevista já com perguntas rígidas. Nesse projeto o cuidado com esse tipo de jornalismo foi constante. Havia uma pauta, mas o roteiro era aberto, permitindo a abordagem de outros assuntos. Não foi decidida uma pré-determinação do enfoque. Os temas só foram decididos depois das entrevistas concluídas. Isso fica claro no momento em que se encontram respostas surpreendentes, como a da Luísa, que quer ser pastora da China, ou da Elis, que já sabe sobre os impasses em relação a Jesus Cristo no Judaísmo. Ou ainda a história do Davi, que sente o preconceito por ser do Santo Daime depois dos acontecimentos envolvendo o cartunista Glauco. São todos tópicos que inicialmente nem entrariam na conversa, mas que foram surgindo. Outra história que não entrou na série e que nem seria discutida devido a pouca idade, foi a da Emília, de cinco anos. O assunto morte apareceu e ele foi abordado. Ou seja, esses exemplos mostram a aplicação dessa importante atitude que é a de não ir à entrevista com ideias fixas e amarradas, que pode levar a respostas igualmente amarradas.

Dentre as muitas categorias de entrevistas criadas pelos teóricos, duas caracterizaram esse trabalho. A primeira é a *entrevista-diálogo* de Edgar Morin (1973) e a outra é o perfil humanizado de Cremilda Medina (1995).

*Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Esse diálogo é mais que uma conversa mundana. É uma busca comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram*

*no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema [...] (MORIN, 1973).*

*Perfil humanizado. Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para 'condenar' a pessoa [...] ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Essa é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, 1995, p. 18).*

Ao lado desses autores, uma premiada jornalista brasileira da atualidade se transformou em um grande referencial desse projeto na abordagem humanizada: Eliane Brum. Em seu livro *O olho da rua*, a autora reúne dez grandes reportagens e os bastidores de cada uma delas. A primeira grande lição da jornalista nessas dez reportagens é a doação ao jornalismo. Os encontros com os personagens e as visitas às instituições religiosas foram feitos tentando colocar em prática o que Brum explica por meio de suas vivências. Em uma das reportagens, *A casa de velhos*, a jornalista se internou em um asilo do Rio de Janeiro e viveu por uma semana tudo que os idosos dali viviam. “Me internei. E logo fui tomada pelo peso daquelas paredes, me senti desligada do mundo lá fora.” (BRUM, 2009, p. 125). Esse tipo de doação foi inviável nessa série de reportagens, por uma questão de permissão das próprias instituições. Na comunidade do Santo Daime foi perguntado se havia uma forma de passar uma temporada com eles. O pedido foi negado. Mas o contato constante com os personagens foi buscado. Não foram poupadas visitas, encontros e reencontros e buscas para entender o que as crianças sentiam e vivenciavam. Esse desligamento do mundo exterior aconteceu em inúmeros casos. O sentimento de pertença do grupo e esquecimento de que era a primeira vez que um ritual estava sendo praticado, tomou conta da experiência em muitos casos. Ao cantar uma reza budista em japonês por mais de duas horas, o livro com as sílabas a serem cantadas era quase dispensável. Em cada uma das oito religiões houve a experiência dos rituais ao lado das crianças, como será mais detalhado na Metodologia desta Memória.

Outra importante lição de Brum foi a de que “nenhuma reportagem é mais importante que uma pessoa. [...] As pessoas sabem que vai ser publicado, mas não sabem o que isso significa.” (BRUM, 2009, p. 129). Com essa informação em mente, antes de começar cada entrevista, a proposta do trabalho foi exposta, com explicações de que a princípio ele não seria publicado, mas que isso poderia acontecer no futuro. Além disso, a documentação ficaria registrada no sistema da biblioteca da universidade. Essa apresentação sacrificou muitas histórias. Uma delas

foi a de duas crianças judias com histórias fantásticas, mas não autorizadas pelo pai. Ele foi entrevistado e, ao explicar a questão de uma futura publicação, imediatamente pediu que o material fosse apagado e que seus filhos não fossem entrevistados. Qualquer jornalista ficaria decepcionado com a atitude. E mais uma vez, a lição de Brum foi colocada em prática. A reportagem não valia a exposição daquelas vidas.

Em outra reportagem de Brum, *O inimigo sou eu*, foi levantada a questão tão discutida no jornalismo: a primeira pessoa. No caso da jornalista, houve uma forte justificativa para que a matéria fosse escrita dessa forma. Não havia outra maneira de demonstrar tudo que ela viveu e sentiu em um centro de meditação em regime de silêncio a não ser pelo uso do “eu”. “Acredito que o repórter tem licença para entrar na história se sua participação puder revelar mais do outro – e não de si mesmo.” (BRUM, 2009, p. 349). No caso dela, funcionava. No caso desse produto, não. Mesmo em meio à tentação de contar a história das crianças sob uma perspectiva própria, uma vez que há coisas que só o jornalista viu, ouviu e sentiu, o conselho de Brum foi seguido. A participação em primeira pessoa poderia até revelar muita do outro, mas a alternativa de deixar o outro falar, no caso a criança, seria mais apropriada, além de se prestar ao propósito dessa série.

Também em relação à escrita, um questionamento de Cremilda Medina veio à mente: a clássica objetividade jornalística. Nesse tipo de reportagem especial, a adjetivação é comum, porém com o cuidado para nunca ser excessiva ou tendenciosa. Dessa forma, a autora defende uma aproximação com a literatura. “Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente se faz presente o imaginário, a subjetividade. [...] ao se tratar do Homem, seja ele personagem ficcional ou fonte de informação, não há como desvincular essa ambiguidade entre o real e o sonho, o objetivo e o subjetivo.” (MEDINA, 1995, p. 43 e 45).

Nessa forma de escrever que mistura objetividade e subjetividade, não há como seguir a risca os padrões da pirâmide invertida, ainda mais pela sua predominância no meio impresso, que não é o caso da série em questão. Nas cinco reportagens, o lead não se encontra no início das matérias (ver anexo 9.4). Para alguns, isso seria nariz de cera, mas no rádio e em séries especiais, a técnica é comum e tem embasamento teórico. “O rádio está sempre sujeito a ser desligado [...] ‘A primeira sentença deve despertar interesse, a segunda deve informar’” (MCLEISH, 2001, p. 62 e 63). Por isso, as matérias começaram com a história de personagens ou até mesmo com sonoras.

Para fazer a produção radiofônica, o principal teórico estudado desse meio foi o acima citado Robert McLeish. Em seu livro *Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*, o autor detalha cada etapa de um produto destinado a esse meio. Dentre elas, está o programa especial, que é o mais próximo do que foi feito neste trabalho. McLeish (2001) diferencia três tipos de entrevista que acabam se mesclando nesse tipo de programa.

*Essas diferentes categorias de entrevista (informativa, interpretativa e emocional) provavelmente se juntam quando se prepara um documentário ou programa especial. Primeiro os fatos, os antecedentes ou a sequência de eventos; depois a interpretação, o significado ou a implicação dos fatos; por último, o efeito sobre as pessoas, uma reação pessoal à questão. (MCLEISH, 2001, p. 44).*

As entrevistas da série produzida contaram exatamente com esses aspectos. Exemplos disso são as entrevistas com o sociólogo das religiões Eurico Cursino, que expõe os fatos que levaram à formação religiosa brasileira; com alguns pais e com a psicóloga do desenvolvimento infantil Ângela Branco, mostrando as implicações da iniciação religiosa; e com as crianças, dizendo o que elas sentem e o que pensam sobre a religião em suas vidas.

Questões de ordem técnica, como as sonoras, também são abordadas no guia de McLeish. A qualidade delas é imprescindível. Nesse projeto, algumas sonoras não ficaram adequadas pelo fato de que muitas entrevistas só puderam ser feitas no ambiente religioso, que inevitavelmente possui ruídos e principalmente músicas. Além disso, houve problemas de ordem técnica em relação aos gravadores emprestados pela Faculdade. Quando possível, as sonoras foram refeitas. E uma importante dica do teórico foi seguida.

*Se por alguma razão ele (entrevistador) quiser refazer partes de uma gravação, seria bom ele adotar uma abordagem totalmente nova em vez de tentar recriar o original. Para não gerar problemas na edição posterior, as perguntas devem ser formuladas de modo diferente, evitando assim um esforço inconsciente de lembrar a resposta anterior. (MCLEISH, 2001, p. 50).*

Essa técnica foi utilizada. Além de criar melhores condições de ambiência, a abordagem foi diferente. As perguntas foram direcionadas de forma que a criança pudesse dar respostas mais completas e de forma mais natural. Um exemplo disso foi, em vez de perguntas como “O que é o okyomi?”, fazer questionamentos como “Me conta sobre aquilo que você faz com as mãos...”. Dessa forma, na primeira gravação, o pequeno Tayon respondeu “É uma luz que sai da mão.”,

enquanto na segunda: “O okyomi... é uma luz de Deus que a gente transmite para ajudar as pessoas”. Assim, a palavra “okyomi” foi conquistada e o até o conceito foi melhorado. Claro que tudo isso depende da contextualização que é feita antes e do ganho de intimidade em uma regravação.

Além disso, esse projeto teve um desafio a mais que deve ser levado em conta antes de se utilizar qualquer técnica jornalística. O fato de que os entrevistados eram crianças. Isso concentra muito do referencial teórico em autores que direcionam a abordagem jornalística para crianças, o que não é comum de se encontrar. Teóricos antigos não falam sobre esse tipo de entrevistado, mesmo porque o jornalismo não apresentava um perfil de dar voz a crianças. Isso tem mudado aos poucos, mas mesmo assim, a entrevista com crianças só costuma ser feita para mostrá-las como vítimas de guerras, desastres, pobreza ou exploração. Ou então sua fala é usada como piada ou ainda para deixar a matéria engraçadinha, para os adultos, porque elas não gostam de serem retratadas de nenhuma dessas formas. A mudança dessa perspectiva é o que traz o guia da United Nations Children’s Fund (Unicef): *Interviewing Children: a training pack for journalists*. Ele foi escrito e organizado por Sarah McCrum, uma professora que se especializou em entrevista com crianças e já fez vários programas para a rádio BBC, e por Paul Bernal, um matemático com mestrado em Direitos Humanos. Eles entrevistaram crianças de oito países aplicando diversas teorias e técnicas. Além disso, escutaram conselhos das próprias crianças sobre como gostariam de ser abordadas por jornalistas. E elas reclamam: “Eles pensam que nós não sabemos o que estamos falando, mas nós sabemos” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 3, tradução nossa).

Uma breve experiência, sugerida pelo guia da Unicef, justifica esse projeto. A proposta é tentar escutar a participação de crianças no que é produzido no rádio e na televisão e se questionar como seus depoimentos são utilizados, com que frequência as opiniões e sentimentos das crianças são ouvidos e qual a diferença entre adultos falando sobre elas e as próprias crianças falando delas mesmas. O que vem sendo produzido, normalmente, coloca a criança em alguma das posições mencionadas acima, sem ouvir seus pensamentos reais.

O guia defende que os pais deixem de falar por seus filhos quando as crianças sabem mais da experiência do que eles, além de deixá-las opinar sobre os mais diversos assuntos. “As crianças são quase a metade da população mundial e estão cientes da maioria das coisas que estão acontecendo nas sociedades em que elas vivem [...] Trabalhar com crianças pode ser

fascinante, inspirador e gratificante se você deixá-las fazer o que elas sabem fazer bem.” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 4, tradução nossa).

E as razões para deixá-las se expressar, segundo o guia, são, além do direito garantido pela *UN Convention on the Rights of the Child*, o fato de elas terem pontos de vista interessantes e perspectivas diferentes dos adultos. Além disso, alguns assuntos afetam mais crianças do que adultos. Elas também constituem uma nova audiência, pois crianças gostam de ouvir outras crianças falando. Trabalhar com elas pode trazer ao jornalista novas dinâmicas de produção.

Uma vez justificada a presença das crianças no jornalismo, é preciso saber lidar com elas. Muitas técnicas do guia da Unicef são abordadas mais adiante na Metodologia. Outras tiveram como base recomendações adaptadas pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) de instruções também da Unicef e da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ). “Ao escolher crianças para uma entrevista, não as discrimine por critérios de sexo, raça, idade, religião, **classe social, nível educacional ou capacidades físicas**” (ANDI<sup>2</sup>, grifo nosso). Essa recomendação foi seguida, uma vez que o importante era entender a opinião da criança. Dados como os grifados acima nem são conhecidos.

Outra importante instrução é em relação à autorização dos pais. Todos os pais estavam cientes do uso do material, bem como sobre o fato de estarem falando com uma jornalista. As autorizações foram feitas por escrito, seguindo os padrões da Unicef e da FIJ. (ver anexo 9.5).

O ambiente das entrevistas também foi escolhido criteriosamente sempre que possível. Os ruídos procuraram ser descartados ou amenizados e o conforto da criança foi buscado. Em muitos casos, sentar no chão com ela foi uma interessante alternativa para deixá-las mais à vontade.

*Preste atenção em como e onde a criança é entrevistada. Limite o número de entrevistadores e fotógrafos. Assegure-se de que a criança está confortável e pronta para falar sua história sem qualquer forma de pressão - inclusive por parte do entrevistador. Em gravações em vídeo ou para rádio, lembre que a escolha do cenário ou do acompanhamento musical podem inferir sobre a criança e sua história. (ANDI).*

Não ofender a criança ou fazer comentários críticos e insensíveis a seus valores culturais naturalmente foram observados. Bem como ter atenção de não divulgar o nome ou a localização

---

<sup>2</sup> Referências retiradas do site: [www.redeandibrasil.org.br](http://www.redeandibrasil.org.br).

dos centros religiosos. Crianças como o umbandista Pedro sofrem preconceitos diários. Divulgar o nome da instituição que frequentam só aumentaria a exposição da criança e os riscos envolvidos. “Assegure-se de que a criança não será colocada em risco ou será afetada prejudicialmente pela exposição de sua casa, comunidade ou localização.” (ANDI).

Também com o objetivo de preservar as crianças, uma importante decisão foi tomada: a de se referir a elas apenas pelo primeiro nome. Essa decisão se baseou nos estudos da jornalista Stela Guedes Caputo - outra importante referência desse projeto - em seu trabalho de doutorado em relação a questionamentos dos teóricos Kramer (2002) e Algebaile (1995).

*De imediato, diz Kramer, alternativas como usar números ou mencionar as crianças pelas iniciais foram rejeitadas, já que essa via negava a condição de sujeitos, desconsiderava sua identidade e simplesmente apagava quem eram e as relegava a um anonimato incoerente com o referencial teórico que orientava a pesquisa (id., p. 47). (CAPUTO, 2005, p. 42).*

Nesse sentido, o primeiro nome deu mais pessoalidade ao relato das crianças e situou melhor o ouvinte ao utilizar nomes próprios. Nenhum responsável pelas crianças solicitou a omissão do nome ou a utilização de um fictício, mas essas possibilidades sempre foram oferecidas a eles. A utilização do rádio como meio de comunicação contribuiu muito para isso. Apenas a voz dificilmente é suficiente para identificar uma pessoa, mesmo que associada ao primeiro nome.

Durante a entrevista, um importante conselho de Caputo, em seu livro *Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências*, se refere ao fascínio pelo entrevistado. “Há que se encontrar (ou pelo menos tentar encontrar) serenidade e equilíbrio para que nossas paixões não embacem nosso olhar, nos paralisem ou nos destrambelhem.” (CAPUTO, 2006, p.26). Essa colocação foi extremamente importante durante todo o projeto, pois lidar com crianças, dependendo do entrevistador, pode despertar paixões. Seus sábios depoimentos impressionaram, mas a admiração teve que se colocar fora da construção do produto. O contrário também é válido. O desinteresse por um assunto fora dos objetivos do produto facilmente poderia tomar conta das entrevistas, no entanto, tratando-se de crianças, esses assuntos são essenciais para se chegar à abordagem principal.

Outro referencial teórico muito utilizado e que ajudou a lidar com a inverdade de que não ter uma religião tornaria a cobertura jornalística isenta foi a obra do jornalista Luiz Costa Pereira

Júnior. Em seu livro *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*, o autor traz uma visão pessimista, mas de fato verdadeira, sobre a realidade. A sua constante afirmação de que a realidade é criada no jornalismo e que tudo é uma versão ajudam a compreender que mesmo na ausência de uma doutrina dominando o entrevistador, falar sobre religiões certamente passaria por um filtro primário: o próprio jornalista.

*Para teorizações instrumentalistas sobre a imprensa, a notícia seria, por óbvio, retrato da realidade. Mas não vemos 'a' realidade quando lemos um texto, navegamos pela internet, vemos a TV, ouvimos o rádio. [...] Expor o acontecido significa, antes de mais nada, escolher episódios, aproximar eventos dispersos, privilegiar um incidente em lugar do outro.* (PEREIRA JR., 2006, p. 19).

O jornalista é, então, um intérprete e inevitavelmente suas visões e opiniões irão alterar essa interpretação. É como se a intervenção humana se tornasse a própria realidade como coloca Pereira Jr. (2006). Sustentado por Bill Kovach e Tom Rosenstiel, Pereira Jr. acredita no método objetivo, mas não no jornalista objetivo. Apesar disso, é possível minimizar os efeitos negativos desse fato. Foi a tentativa desse produto. O cuidado era ainda maior em relação às religiões totalmente opostas ou a favor de algumas convicções próprias. Esse cuidado se traduz na reescrita de algumas frases, na escolha das músicas, na mudança de direcionamento. Um exemplo disso foi a alteração de uma música evangélica que entrava em uma das reportagens. Esta era a única música referente a alguma religião em toda a matéria. Por que não colocar de outras religiões? A música isolada conseguia dar, paradoxalmente, um ar de que a jornalista era evangélica ou até mesmo de deboche com essa religião. Mesmo nenhuma dessas hipóteses sendo correta, uma vez que o fato surgiu de um ato inocente, o ouvinte perceberia aí uma imparcialidade indesejada. A percepção do ocorrido e a mudança da música são exemplos do cuidado citado acima.

Também em relação a essa visão formada pelo jornalista, Nilson Lage foi outra referência. Em seu livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, uma categoria de jornalismo é discutida, o jornalismo interpretativo, que foi um conceito surgido na década de 70.

*A interpretação objetiva oferecer ao leitor os fatos que permitem estabelecer conclusões – mas sem fechar essas conclusões. [...] O risco do jornalismo interpretativo é subordinar a matéria a crenças ou teoria não comprovadas, transformando informação*

*em opinião, diante da qual o receptor poderá apenas concordar ou discordar.* (LAGE, 2002, p. 137)

O jornalismo interpretativo, de uma forma ou de outra, teve que ser utilizado nesse projeto para traduzir algumas das histórias das crianças em exemplos de rituais, de iniciação, de preconceito etc. Porém, não se tratou de uma construção de teoria infundadas ou mera opinião, mas sim de uma exemplificação do que as próprias crianças e seus pais defenderam e do que foi estudado e embasado a respeito das religiões. Exemplo disso é identificar algumas das práticas realizadas pelas crianças, como o culto no lar dos espíritas, como rituais de acordo com o que as referências relacionadas ao conteúdo afirmavam.

Outra contribuição de Lage (2002) se deu a respeito das fontes institucionais. “[...] segundo estatísticas americanas, elas respondem por 60% de tudo que é publicado.” (LAGE, 2002, p.95). O uso ou não de fontes institucionais nas reportagens foi um forte dilema ao construir o projeto. Parece automático ao jornalista querer ter dados oficiais presente nas matérias. No entanto, no caso dessa série em especial, quem falaria institucionalmente em nome das religiões seriam os líderes religiosos. Sem desmerecer o grupo, eles poderiam trazer visões específicas e defensoras de suas religiões, que não era a proposta da série. Outro caso seria o de um representante da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que ofereceria uma perspectiva otimista de melhorias na área de ensino religioso. Em vez disso, um componente da comissão formada para discutir a medida parecia mais imparcial, uma vez que almejava tanto quanto o governo que a implantação do ensino religioso funcionasse, mas que ao mesmo tempo fez parte do processo e viu a comissão se desfazer e as conquistas serem perdidas. Esse projeto buscou alternativas para reduzir o excesso de fontes oficiais nas reportagens, mas sem deixar que a informação seja passada. O uso de dados do Censo, de documentos do Ministério da Justiça, de artigos da Constituição Federal e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por exemplo, pareceu mais coerente. Não se trata de ocultar vozes, mas de utilizar o dado direto da fonte oficial para que o ouvinte interprete, sem fornecer opiniões marcantes de personalidades com interesses envolvidos. “Trata-se inegavelmente de uma troca (com as fontes institucionais), mas o que deve ser trocado é sempre a informação, nada a mais.” (LAGE, 2002, p.95).

## 5.2 Conteúdo

Além das técnicas jornalísticas para se saber a lidar com crianças, foi preciso entender o processo de aprendizagem delas. A importância desse estudo se deu pela melhor compreensão de como os ensinamentos religiosos são assimilados e principalmente para entender algumas características da infância.

Um dos principais teóricos do desenvolvimento infantil foi o suíço Jean Piaget. O psicólogo, filósofo e epistemólogo ficou conhecido pelas diversas teorias que desenvolveu observado seus filhos e outras crianças. Sua metodologia era por meio do método clínico, que consiste em enfrentar a criança, perguntando a ela, aplicando testes, provocando-lhes reações, sem que elas sejam influenciadas. Piaget serviu de embasamento teórico, ao lado de outros autores que o interpretaram.

O psicólogo criou uma categoria de quatro fases do desenvolvimento infantil. A primeira delas, chamada de **Sensório-Motor**, vai do nascimento até os dois anos e compreende a fase de imitações, de ações antes do pensamento, de percepção dos movimentos e da inteligência traduzida em ações. A segunda fase, o **Pré-Operatório**, vai dos dois aos sete anos e corresponde à primeira infância. Nessa etapa a linguagem é uma das principais conquistas e o raciocínio é transdutivo, ou seja, uma mesma explicação serve para situações similares. É nessa fase também que a característica de dar vida a seres inanimados aparece, bem como o egocentrismo. O **Operatório Concreto** é o terceiro estágio, que vai dos sete aos 11 anos. É aqui que a criança começa a lidar com conceitos mais abstratos, como números e relacionamentos. A última fase é o **Operatório Formal**, que começa por volta dos doze anos. A criança começa a raciocinar mais logicamente e a abstração fica mais sistematizada. Piaget defende que a personalidade da criança se forma entre oito e 12 anos, com a formação de valores e a afirmação da vontade. Depois daí, na vida adulta, não há o surgimento de nenhuma nova estrutura mental. O que acontece é que há um aumento gradual do desenvolvimento cognitivo.

Essa classificação auxiliou na definição da faixa etária a ser trabalhada nesse projeto. Só nas duas últimas fases é que se percebe na criança a sua capacidade de falar sobre conceitos mais abstratos como a religião. A fase do Pré-Operatório também foi contemplada nesse projeto, que trabalhou com crianças entre cinco e 12 anos, devido a críticas feitas à teoria de Piaget, como será abordado mais adiante.

Todo esse embasamento serviu para fazer as perguntas mais adequadas às crianças dependendo de sua idade. E a teoria de Piaget de fato se comprovou. As crianças na fase do Pré-Operatório, como o Pedro e a Emília, de cinco anos, sempre falavam de si. Dificilmente fizeram como as mais velhas que falaram das relações sociais com amigos e família, além de assuntos mais densos como o preconceito.

Dois conceitos muito trabalhados por Piaget e explicados por Lauro de Oliveira Lima, em seu livro *Piaget para principiantes*, são equilibrados na fase do Operatório Concreto. São eles a assimilação e a acomodação. “A primeira é a modificação no meio (alimentos, experiências, etc.), de modo que os elementos possam incorporar-se ao organismo. A segunda significa modificação no próprio organismo para que este possa adaptar-se ao ambiente.” (LIMA, 1980, p. 280). Em muitas das histórias das crianças esses conceitos foram identificados, como na da judia Elis, que recebeu destaque na quarta reportagem por conta de alguns hábitos que a desagradavam, como não poder comer bolo em seu aniversário nem ganhar presente no Natal. A teoria foi importante, por exemplo, para questioná-las sobre a aceitação dessas limitações.

Mas nem tudo é explicado por conceitos definidos. “De dentro da criança mesma é que saem, de acordo com Jean Piaget, as mais fortes motivações em face de novos encontros com o ambiente.” (LIMA, 1980, p. 280). O contato com o exterior é trabalhado como um forte estímulo às reações das crianças. E isso foi demonstrado constantemente pelas crianças desse projeto. O Tayon era motivado imensamente pelo contato com seu centro religioso, a Mahikari.

Além do desenvolvimento em si, Piaget estudou a aprendizagem infantil. Para o teórico, em seu livro *Aprendizagem e Conhecimento*, só pode ser considerada aprendizagem o que for fruto da experiência e que for mediata. “Thorpe e Shumuller falam de uma ‘aprendizagem por insight’ [...] a compreensão imediata não é uma forma de aprendizagem. [...] só falaríamos de aprendizagem na medida em que um resultado (conhecimento ou atuação) é adquirido em função da experiência” (PIAGET; GRÉCO, 1974, p. 52). Porém, nem tudo adquirido pela experiência é aprendido, assim como aquisições por meio de induções também não podem ser consideradas. Há uma exceção à limitação da experiência, que seria aquele aprendizado adquirido pela união de um ou mais aprendizados anteriores. Essa abordagem foi interessante para diferenciar, dentro do que as crianças contaram, o que foi adquirido ao longo do tempo com a religião e o que era mero conhecimento reproduzido ou decorado.

A linguagem foi outro aspecto trabalhado pelo teórico. Ele a dividiu em **egocêntrica e socializada**. “Ao pronunciar as frases do primeiro grupo, a criança não se preocupa em saber a quem fala nem se é escutada. Ela fala seja a si mesma, seja pelo prazer de associar qualquer um à sua ação imediata.” (PIAGET, 1999, p. 8). No segundo grupo, pelo contrário, há a preocupação com o interlocutor. Cada um desses modelos possui subdivisões. Na linguagem egocêntrica há a *repetição (ou ecolalia)*, que guarda traços da vida como bebê, repetindo por repetir; o *monólogo*, que consiste em falar para si mesma, como em um pensamento em voz alta e o *monólogo a dois ou coletivo*, que seria apenas associar ao outro a sua fala, sem se preocupar se está sendo ouvida. Já a linguagem socializada é subdividida em *informação adaptada*, que se trata da real troca de pensamentos com outros; a *crítica*, que compreende as observações sobre o trabalho ou conduta de alguém, as *ordens, súplicas e ameaças*, que remetem a ação de uma criança sobre outra, e por fim as *perguntas e respostas*.

Essa categorização de Piaget se refere especialmente para crianças de seis, sete anos, no entanto, ela pode ser aplicada às diversas idades da infância. Nesse projeto, foi possível acompanhar as diversas formas de linguagem nas crianças. O Rafael é um exemplo marcante monólogo a dois. Durante toda a entrevista, o garoto parecia se preocupar em contar sobre sua vida, independente do que lhe era questionado. Já Diego é exemplo de linguagem por informação adaptada, pois buscava discutir de fato e expor um tema.

Apesar do prestígio inegável de Piaget ao tratar a aprendizagem infantil, suas teorias foram também muito criticadas. O inglês David Wood foi um desses críticos. Em seu livro *Como as crianças pensam e aprendem*, o professor de psicologia faz uma crítica à generalidade da teoria de Piaget.

*A promessa da generalidade é o que torna a teoria piagetiana tão atraente e importante. [...] Hoje, uma quantidade significativa de pessoas são de opinião que os métodos e demonstrações de Piaget levaram-no a subestimar ou interpretar mal a natureza do pensamento infantil. (WOOD, 1996, p. 78).*

Alguns dos argumentos de Wood são os de que há muitos registros em escolas primárias afirmando que crianças fora da idade considerada por Piaget apta para desenvolver um raciocínio mais elaborado, já conseguem apresentá-lo. Além deste, outro argumento é o de que muitas crianças testadas pelo suíço não entendiam a pergunta ou o próprio teste realizado, o que levava a resultados distorcidos. Para esse projeto, tanto as teorias de Piaget se comprovaram como as

exceções de Wood apareceram. O Théo foi uma delas. Aos cinco anos, o garoto já parece ter saído da fase Pré-Operatória (correspondente a sua idade) e ter entrado na fase Operatório Concreta (só aos sete anos segundo Piaget), desenvolvendo as noções de relacionamento tão cedo. As duas visões – de Piaget e Wood – foram importantes de serem estudadas para que os dois comportamentos e linguagens fossem esperados nas crianças. O estudo permitiu que a entrevista fosse conduzida de forma mais adequada.

Além das referências no campo da psicologia e pedagogia, muitas outras foram necessárias na área fim do projeto, a religião. O francês Patrick Banon foi uma delas. O pesquisador em ciências da religião e sistemas de pensamento, em seu livro *Para conhecer melhor as religiões*, traz uma abordagem simples e interessante sobre o mundo antes das religiões, a construção de um mundo religioso e o nascimento de vários grupos de religiões, como o judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo, xintoísmo, hinduísmo e sikhismo.

*Dar à luz uma criança não é suficiente para que ela exista. Sua longevidade, sua saúde, seus lugar na sociedade: nada está implícito. Consolidar o ser físico e social de um recém-nascido ou de um menino necessita de uma sucessão de ritos, um aparelho simbólico incontestável tanto pela sociedade quanto pelas divindades. (BANON, 2010, p.45).*

A literatura de Banon se mostrou importante para compreensão dos significados da religião, dos rituais e da história que levou às nações a criarem formas de demonstrar a espiritualidade. Todas as outras referências utilizadas para compreender melhor cada uma das oito religiões trabalhadas estão distribuídas em livros feitos pelas próprias instituições religiosas, sites, blogs e materiais referenciados na bibliografia deste projeto.

## 6. METODOLOGIA

### 6.1 Da produção e das reportagens

A produção dessa série começou com a pesquisa, que teve que ser bem aprofundada, uma vez que foram oito religiões trabalhadas, cada uma com características diferentes, e às vezes opostas umas das outras. Os estudos começaram com a identificação das religiões mais praticadas em Brasília (DF), a partir do contato com grupos da cidade e dados do Censo<sup>3</sup> de 2000, o último com informações sobre religião. No centro-oeste, os católicos representavam 69,1% da população, os evangélicos, 18,9%, e outras religiões (orientais, afro-descendentes etc), 4,2%. Como não existe um levantamento das religiões mais praticadas na cidade, a descoberta de quais seriam utilizadas no projeto foi a partir do contato direto com as instituições e pela leitura de dados não oficiais em sites, pesquisas etc.

A partir de buscas sobre os centros religiosos de Brasília, as seguintes religiões começaram a ser estudadas: católica, budista, espírita, evangélica, islâmica, judaica, testemunhas de Jeová e umbandista. Parecia estar presentes representantes de diversas manifestações religiosas, suficiente para o projeto. As pesquisas se deram por livros sagrados das religiões, artigos, material das próprias instituições, sites etc.

Um importante aspecto que parece ter facilitado a compreensão das balizes de cada religião foi a ausência de uma religião própria. Os conceitos foram assimilados sem um pré-julgamento, sem obstáculos internos de aceitação. Claro que isso não significa imparcialidade completa. Até o fato de nunca ter feito a opção por uma religião já significa que existem conceitos formados de algumas delas. A jornalista Stela Guedes Caputo acredita que a neutralidade é uma hipocrisia. “Porque neutralidade não há. [...] Ao escrever nos colocamos sempre de um lado ou de outro, ainda que neguemos” (CAPUTO, 2006, p. 31). Mesmo não garantindo a imparcialidade, a ausência da opção religiosa foi um entrave a menos a ser combatido no momento de estudar as doutrinas.

Foi durante a pesquisa que uma religião foi incorporada ao grupo das que seriam estudadas. O Santo Daime se mostrou como uma doutrina especial para ser trabalhada na série de

---

<sup>3</sup> Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

reportagens devido à particularidade das crianças desde recém-nascidas fazerem uso do chá que envolve uma polêmica devido a suas propriedades alucinógenas.

Uma vez finalizada a pesquisa, começaram os contatos telefônicos e pessoais às instituições religiosas. A recepção dificilmente foi boa. Ser apenas estudante se mostrou um obstáculo inúmeras vezes. Aliado a isso, o fato da graduação ser em jornalismo incomodava ainda mais. As religiões não querem muita exposição, ainda mais em relação a suas crianças. Uma importante técnica de abordagem foi conversar pessoalmente e portando o pré-projeto e uma carta com explicações destinadas à diretoria dos centros. Isso trouxe mais seriedade e credibilidade ao trabalho.

Mesmo assim os entraves foram grandes. Em alguns casos, não era permitida a entrada nos centros, muito menos o contato com as crianças. Por isso uma nova técnica, que se mostrou efetiva, foi a de participar primeiro das cerimônias sem nenhuma identificação como pesquisadora. Quando os religiosos acostumavam com a presença e o interesse, aí sim se mostravam mais abertos a qualquer diálogo. Mesmo sem essa identificação inicial nunca foi utilizado nenhum artifício para enganar os adeptos. Sempre que uma apresentação era feita, eles estavam cientes de que era uma busca acadêmica para se conhecer melhor a religião. Em poucos casos houve uma boa recepção, como no Santo Daime. Acostumados a serem mal compreendidos, tudo que pudesse esclarecer aspectos sobre a religião era bem-vindo.

Muitas das técnicas de abordagem foram baseadas no guia *Interviewing Children: a training pack for journalists*, da *United Nations Children's Fund* (Unicef). Nele, Sarah McCrum e Paul Bernal falam da importância de se fazer uma visita preparatória, que foi a metodologia seguida nesse projeto. “Se você tiver oportunidade, uma das melhores formas de fazer uma entrevista realmente boa com crianças é visitá-las antes, para conhecê-las um pouco, e mais importante, para deixar que elas te conheçam” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 13, tradução nossa).

Durante as visitas, a ideia, além de conhecer as crianças, era participar de tudo que um adepto vivia. Por isso, fazer parte das missas católicas, dos louvores evangélicos, dos cantos japoneses do budismo e dos passes espíritas foi tão importante. Em outras religiões, as práticas envolviam uma aproximação mais intensa, mas que foi necessária. No umbandismo, certa de 50 médiuns, incorporados de pretos-velhos, um a um, fizeram o ritual de limpeza em cada um dos

presentes. Para quem nunca passou pela experiência, o incômodo é natural. Muitas palmas, música, gestos diferentes... mas muito importante para se compreender o que a criança vivencia.

Em apenas um dos casos a experiência não foi completa que foi no Santo Daime, com a ingestão do chá. Todos os rituais foram feitos, inclusive a entrevista sobre saúde para se permitir ou não a ingestão. A aprovação aconteceu, mas a dúvida se aquilo não estaria ultrapassando a barreira do envolvimento do jornalista foi maior. O depoimento das crianças é o que importava. Sabendo da sensação, a entrevista poderia ser um pouco parcial e direcionada.

Com a ida a campo, algumas religiões tiveram que sair do projeto. A primeira delas foi o Islamismo. Na mesquita de Brasília não há crianças, pois há políticas de só trazerem os filhos quando já conseguem ficar mais disciplinados. Nas três visitas, nunca foi encontrada uma criança e o Sheikh e seus auxiliares não indicavam nenhuma família. A tentativa não se limitou ai. Foram feitas visitas às embaixadas do Egito e do Paquistão, mas nenhuma pareceu se importar com o projeto. A busca em redes sociais também aconteceu e rendeu um excelente contato com um adepto, mas que não tinha filhos. Todas as suas indicações não aceitaram dar entrevistas.

Outra religião que não pôde entrar foi a das Testemunhas de Jeová. Por serem bem fechados, permitiram apenas que uma pessoa de dentro providenciasse internamente o contato com as crianças, o que acabou não acontecendo por motivos que não foram explicados.

Além disso, pareciam faltar mais representantes orientais, uma vez que o Islamismo não iria mais fazer parte do projeto. A ideia não era falar de religiões ocidentais apenas. Assim, junto ao budismo, outras religiões foram procuradas: o Hinduísmo, a Mahikari e a Seicho-no-ie. A comunidade hindu em Brasília é extremamente limitada, o que não representaria as religiões mais praticadas na cidade. Entre a Mahikari e a Seicho-no-ie, a primeira se mostrou mais apropriada pelo número de crianças presentes. Uma das melhores histórias, a do Tayon, foi encontrada lá.

Outro aspecto que foi modificado com o decorrer das visitas foi a delimitação da idade das crianças. Inicialmente, a ideia era entrevistar crianças entre quatro e doze anos. Isso porque quatro parecia ser uma idade em que a criança já consegue falar bem e emitir algumas opiniões. Mas isso não se mostrou verdadeiro. As crianças de quatro anos dificilmente conseguiam formular um pensamento mais coerente sobre religião. Por isso, a idade mínima passou a ser cinco anos, o que fez grande diferença nas entrevistas. O limite de doze anos foi estipulado pela própria definição de criança do Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 2º:

“Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (ECA, Lei 8.069/1990).

Portanto, devido a alguns desses obstáculos citados, apenas nove das 25 instituições contatadas foram visitadas com mais frequência e acompanhadas. São os centros, igrejas, templos, sinagogas e terreiros freqüentados pelas 18 crianças participantes das reportagens.

Depois de acompanhar a rotina religiosa dessas crianças, algumas delas foram selecionadas por sua desenvoltura, expressão e representatividade. A escolha partiu de critérios como a participação nos rituais, a espontaneidade, a timidez e o grau de envolvimento com a religião. Algumas escolhas foram acertadas, mas outras não. O judeu Théó, por exemplo, se mostrou ser o mais participativo da sinagoga, inclusive sabendo algumas expressões em hebraico. No entanto, no momento da entrevista, mesmo com a utilização de todas as técnicas de entrevista que serão expostas adiante, ele não se soltou e seu depoimento acabou ficando bastante prejudicado. O oposto também aconteceu. A também judia Elis não havia sido selecionada e acabou se mostrando extremamente articulada.

Em outros casos, as selecionadas não foram autorizadas pelos pais. No caso do Santo Daime, a comunidade formada em torno da igreja é grande, mas só alguns se dispuseram a falar. No umbandismo, outro problema era frequente: o grupo de crianças não era fixo. Toda semana, um grupo novo, e o contato com algum selecionado se perdia.

Depois das escolhas, era o momento de abordar os pais. Inicialmente era preciso conversar com eles em um momento em que tivessem tempo e não na chegada ou saída de uma das cerimônias. Normalmente um breve contato era feito para se conseguir o telefone e, depois, o projeto era explicado com mais calma. O ponto principal da abordagem era mostrar que o projeto não tinha o objetivo de contrapor religiões, mas sim aliá-las a perspectiva comum da infância. Ainda assim, muitos não gostavam do fato de se falar em outras religiões e não apenas na deles.

A metodologia para apresentar a autorização escrita foi sendo desenvolvido na prática. Quando se entregava antes da entrevista, muitos pais se assustavam e desistiam. Mesmo tendo aceitado a entrevista, só com a autorização é que imaginavam que podiam ser identificados ou que suas crianças poderiam ser expostas de forma negativa. Por isso a técnica mais utilizada foi a de falar da autorização após a entrevista com a criança e com o responsável. Mesmo assim, houve casos em que os pais não autorizaram e todo o material foi descartado. Mas o depoimento

dessa criança serviu para embasar outros e também como parâmetro para o projeto como um todo. Então em nenhum momento houve desperdícios ou retrabalhos.

O primeiro passo das entrevistas com as crianças era a apresentação. “Explique para a criança de forma clara e simples quem você é, o que você está fazendo e porque está fazendo” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 16, tradução nossa). Foi exatamente a metodologia usada, acrescida de um exemplo: sempre era comparado esse projeto com um trabalho que a criança fazia para a escola. Isso facilitou sua compreensão. Em alguns casos, essa apresentação precisava ser acompanhada de alguma brincadeira para quebrar o desconforto inicial. A observação foi crucial nesse momento. Um simples chinelo do homem-aranha, um uniforme de judô ou algum pertence da criança eram deixas para esse quebra-gelo. Dar pequenos presentes como doces, por exemplo, não é aconselhado pelo guia da Unicef. Alguns pais podem não aprovar e principalmente, a criança deve se sentir a vontade sem que seja necessário “comprá-la”. Ela deve se divertir por conta da própria entrevista.

Outro fator importante era familiarizá-la com o gravador. “Se você for usar equipamento durante a entrevista – gravadores, câmeras, fitas – essa é a chance de mostrá-los para elas e explicar o que vai acontecer” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 13, tradução nossa). Era preciso deixá-las tocar no gravador e experimentá-lo para que pudessem entender que suas vozes ficariam registradas ali. Uma das crianças chegou a se distrair mais do que devia com o aparelho, o que prejudicou a entrevista, mas foi um caso isolado.

Escolher um local foi o próximo passo. O ambiente ideal era o que permitisse certa privacidade com a criança para que ela não se sinta inibida por outros. De preferência longe dos adultos. Nos casos em que os pais aceitaram se afastar, as entrevistas tiveram o maior rendimento, mas a maioria deles queria acompanhar. Sentar no nível dos olhos da criança também era importante. Dessa forma a criança se sentia mais confortável para conversar.

“Se possível, tente a entrevista com a criança em um espaço relacionado com o assunto a ser abordado” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 15, tradução nossa). Essa orientação foi fundamental. As melhores entrevistas se deram nos ambientes religiosos, antes ou depois das atividades do lugar. Nos casos em que as entrevistas tiveram que ser feitas em casa, algumas crianças demoravam a entrar no espírito da entrevista, já que antes disso estavam brincando ou fazendo qualquer outra coisa que lhes interessava mais do que responder perguntas sobre religião.

Explicar as “regras” da entrevista também era importante. Mas sempre de forma sutil. Pedir de forma impositiva que a criança fale alto e de forma clara só a intimidava e a deixava mais preocupada com esses fatores formais do que com o conteúdo em si de sua fala.

Mostrar que elas são importantes também faz parte do processo. O guia da Unicef ressalta que elas merecem atenção especial, mas que não devem ser tratadas como bebês. Devem ser levadas a sério. A linguagem do entrevistador pode definir os rumos da entrevista. “Se você não tem certeza do que é apropriado para uma criança de cinco anos ou uma de treze, ouça cuidadosamente como elas falam e observe seus sinais de quando e como elas te entendem” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 19, tradução nossa). Durante as entrevistas a metodologia utilizada foi usar palavras simples, do dia a dia e nunca fazer perguntas ambíguas.

A entrevista em grupo foi outra técnica utilizada nesse projeto. “[...] sozinhas, as crianças podem se sentir intimidadas por um adulto estranho e podem levar muito tempo para relaxar e se sentirem aptas a mostrar suas visões. Se as crianças estão em um grupo, se sentem mais poderosas e mais relaxadas, especialmente quando estão entre amigos [...]” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 10, tradução nossa). A técnica surtiu muito efeito em alguns casos como o dos meninos Isaías e José Abílio. Eles estavam mais descontraídos, brincando e complementando as repostas um do outro. Já no caso das gêmeas Letícia e Larissa, a entrevista em grupo prejudicou o trabalho. Isso porque as meninas eram tímidas e acabaram copiando as respostas uma da outra. Individualmente, talvez tivessem retirado a resposta de suas mentes. Em grupo elas copiavam com medo de responderem algo “errado”. Mas de forma geral, a entrevista em grupo trouxe mais benefícios do que prejuízos. As crianças respeitavam a hora da outra falar para que não houvesse sobreposição de vozes nas sonoras.

Uma característica facilmente identificada nas crianças durante as entrevistas é a necessidade de encontrar uma resposta que satisfaça os adultos. Então esse foi um grande desafio: fazer com que elas entendam que a entrevista não era nenhum teste com respostas certas ou erradas. Dentre as técnicas para deixá-las mais a vontade, principalmente as bem pequenas, estava o desenho. Ilustrando o centro onde praticavam suas religiões, mais facilmente elas conseguiam falar sobre ele.

Com as mais tímidas, a forma de perguntar mereceu atenção especial. Uma técnica muito utilizada foi a de fazer uma pergunta fechada, que gere sim ou não (Ex: Você gosta de comer matzá?), seguida imediatamente por uma aberta (Ex: Por quê? Quando você come? Qual o

gosto?). Essa técnica se mostrou bastante efetiva, uma vez que as crianças respondem com facilidade o sim ou não. Com essa segurança, ai passam a pensar no complemento da resposta.

E por fim, duas outras atitudes foram essenciais na entrevista com as crianças. A primeira é respeitar a criança acima de tudo. “Nunca pressione a criança para falar se ela não quer. Ela pode não ter escolhido estar ali, pode estar com medo e pode sentir que não tem nada para dizer sobre o assunto, ou até pode simplesmente ser tímida e sua única defesa é o silêncio.” (MCCRUM; BERNAL, 1994, p. 22, tradução nossa). Esse silêncio foi respeitado. Muitas vezes elas não se lembravam de nenhuma experiência com a religião, ou simplesmente não queriam comentar. Por mais frustrante que isso tenha sido, a criança foi respeitada. A outra atitude é a de encorajar as crianças. Foi preciso fazê-las perceber que estavam no caminho certo, que mesmo se contradizendo em alguns depoimentos não havia problema algum em mudar de opinião.

Com as entrevistas em mãos, as decupagens começaram. Era possível realizar o projeto sem a transcrição do áudio. Porém, foram quase 500 minutos de gravações. Ouví-las uma a uma para a escrita das reportagens, bem como para a edição, seria inviável. A metodologia da transcrição era fazer a cada um ou dois minutos uma marcação do Time Code.

E por fim, teve início o processo de escrita das reportagens. Primeiro foi preciso separar quais depoimentos encaixavam em cada um dos temas das cinco reportagens. Depois, a tarefa era tentar unir sonoras a um texto que discutisse em profundidade o tema. No início as matérias ficaram extremamente superficiais, como uma simples união de histórias (ver anexo 9.4). Foi preciso reescrevê-las incessantemente. Algumas tiveram cerca de cinco diferentes versões. Em momentos em que se perde a razão da escrita, um conselho muito sábio da jornalista Stela Guedes Caputo, em seu livro *Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências*, traz de volta a motivação. Se perguntar "Por que estou escrevendo isso?" ajuda o jornalista. “Quando encontro a resposta recupero o sentido da minha escrita” (CAPUTO, 2006, p.25). E foi exatamente essa pergunta que conseguiu dar às reportagens a profundidade e a humanização necessária.

Como todo o projeto durou mais de um ano, muitas situações vividas nas entrevistas acabavam ficando de lado na hora de escrever por conta do grande espaço de tempo entre o contato com as crianças e a escrita final. Mas relembrar a transformação que a experiência trouxe permitiu retomar tudo isso. As crianças trouxeram à tona conceitos esquecidos pelos adultos, demonstraram extrema maturidade em relação a assuntos que envolvem a religião e conseguiram

em seu depoimento levantar discussões relevantes. A repórter, que iniciou com uma visão, no meio do caminho mudou conceitos e aprendeu com as crianças.

## 6.2 Da edição

Uma edição constante em todas as matérias foi para adaptar alguns vícios do jornalismo impresso, como o excessivo uso de expressões como “pois”, “mas”, “também”, “explica fulano”, “diz”. No rádio elas não são necessárias. Pouco a pouco novas construções foram feitas sem o uso dessas palavras, como demonstra as versões finais das reportagens.

Outra questão importante foi sempre direcionar as chamadas das reportagens para um só ouvinte. Apesar de o rádio falar para multidões, a mensagem chega individualmente a cada um, como defende Robert McLeish em seu livro *Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. Direcionando a cada indivíduo, as palavras ganham mais impacto (2001).

Na gravação da locução, algumas palavras repetidas tiveram que ser substituídas ou suprimidas, bem como expressões que não eram harmônicas no rádio. A questão da inflexão de algumas palavras também mereceu atenção. A locução cresceu imensamente quando a monotonia e a previsibilidade foram trocadas pela mudança do padrão vocal e pelo destaque dado a determinadas palavras.

Um problema encontrado foi em relação ao tamanho das reportagens. Foi preciso cortar muitas sonoras e até alguns blocos de informação das matérias. Mesmo ultrapassando o tamanho inicial proposto chegou um ponto em que cada trecho se justificava.

A sonoplastia é parte essencial das séries de rádio. Ela é capaz de dar novo tom à locução e despertar as mais diversas emoções no ouvinte. Ao pensar em sonoplastias que tenham a ver com religião, é fácil associar a músicas mais sérias ou belas, sempre em ritmo mais lento. Muitas delas foram utilizadas, mas se a série só fosse composta por elas, cairia no erro de representar uma reportagem triste. E falar de infância e da fé apaixonante das crianças não é nada triste. Por isso, algumas músicas são mais animadas e descontraídas. Claro que os cantos e músicas de cada uma das religiões não podiam ficar de fora.

## 7. CONCLUSÃO

Depois de mais de um ano de envolvimento com esse projeto, muito foi aprendido com ele. Esse produto não só conclui a etapa da graduação, mas também simboliza a reunião de tudo que foi absorvido durante esses quatro anos, seja nas salas de aula, em campo ou nos estágios.

O desafio do projeto foi utilizar todos esses ensinamentos em algo diferente do que costumava ser feito até então. Trabalhar com o factual foi o mais comum em quase todas as disciplinas. Apesar de algumas delas se focarem em grandes reportagens, nenhuma envolveu um assunto tão delicado. Falar sobre religião sempre foi um desafio e continuará sendo. Foi preciso colocar em prática aquilo que até então era apenas um conhecimento teórico e distante. E isso não foi nada fácil. Muito ainda tem que ser aprendido.

A imparcialidade, como eterno impasse do jornalista, ganhou ainda mais relevância nesse projeto. Um simples adjetivo ou uma música já denotava uma predileção por uma ou outra religião. Nessa série, a parcialidade conseguia chegar com facilidade sem que sua presença fosse sequer notada. Por isso foram necessárias tantas revisões, tantos concertos para que ela conseguisse explorar com igualdade a visão das crianças sobre cada uma das religiões, sem destacar nenhuma.

Uma das crianças, a judia Elis, teve sua história contada de forma mais significativa em duas reportagens. Isso porque seu depoimento foi muito interessante. Para trabalhar parcialmente o judaísmo em relação às demais doutrinas, a menina foi protagonista de apenas uma das reportagens, sendo secundária em outra. A imparcialidade foi ainda mais difícil de alcançar por conta dessas particularidades das entrevistas.

Lidar com as instituições religiosas também não foi nada fácil. O mecanismo de defesa de muitas delas é se esquivar da imprensa por conta de experiências ruins com alguns colegas de profissão. Foi preciso muito tato com cada uma delas. Uma instituição espírita, por exemplo, surpreendeu ao negligenciar algumas demandas mesmo tendo um contato de confiança internamente. Um centro islâmico também se mostrou resistente ao dar informações, sendo que sempre foi reforçado o objetivo de contribuir para acabar com a visão preconceituosa do islamismo. Por isso, a insistência precisou ser marca constante desse trabalho.

Por outro lado, outras instituições apresentaram uma abertura que enriqueceu a produção. Foi o caso de algumas igrejas evangélicas, templo budista e igreja daimista. Essa vontade de colaborar refletiu diretamente no depoimento das crianças pertencentes a essas religiões.

O envolvimento com as fontes, outro dilema jornalístico, teve que ser trabalhado. Com tanto contato com essas 18 crianças era difícil não se apaixonar por elas e não se deixar envolver. A tarefa foi complicada, mas inevitável, uma vez que o relato ficaria completamente comprometido caso não houvesse um distanciamento. O foco era o mais importante nas entrevistas, mas ao mesmo tempo, para se chegar ao assunto religião e ganhar a confiança dos meninos e meninas foi preciso brincar com elas e conversar sobre outras questões.

Analisando hoje os objetivos propostos no pré-projeto dessa série, é possível perceber que eles foram atingidos, inclusive no que diz respeito aos depoimentos que ainda não tinham sido realizados à época. Esperavam-se respostas inusitadas e relatos interessantes. E foi exatamente isso que aconteceu. Como não se emocionar com a grandeza de espírito do Diego? Ou rir com a maneira que a Elis conta suas histórias? E ainda, como não sentir vontade de receber um okyomi do Tayon?

Assim, a série conseguiu cumprir sua função de informar como a religião acontece na infância, bem como entreter os ouvintes interessados no assunto. O projeto permite uma continuidade. Ainda há muito material não utilizado e questões interessantes para se tratar. O universo da religião é muito complexo, o que permite abordar novos temas. Falar sobre a morte com as crianças, sob uma perspectiva menos séria, é possível por exemplo. Algumas dessas crianças já falaram sobre isso nas entrevistas. Essa continuidade pode acontecer sob outros aspectos como novas religiões e novas crianças.

O projeto permitiu a exploração dessa nova fonte tão versátil e imprevisível que são as crianças. O maior desafio foi a relação com elas, mais ainda do que discutir religião. Esse aprendizado inédito foi essencial e se torna um diferencial no mercado. Muitos estudantes saem das universidades sem esse conhecimento, que dificilmente seria passado pela teoria.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A teoria de Piaget do desenvolvimento cognitivo.** Célio. Disponível em:

<<http://infopiaget.blogspot.com/2009/05/teoria-de-piaget-do-desenvolvimento.html>>. Acessado em 13 abr. 2011.

ARRUDA, José Jobson de e PILETTI, Nelson. **Toda História: história geral e história do Brasil.** São Paulo, Editora Ática, 2000.

**As diferenças entre o Judaísmo e o Cristianismo.** Conversão Judaica. Disponível em:

<<http://www.conversaojudaica.org/diferencas.php>>. Acessado em 12 jan. 2011.

Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos da Criança.** 20 nov. 1959. Disponível em: <[http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id\\_article=55](http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=55)>. Acessado em 20 maio 2011.

BANON, Patrick. **Para conhecer melhor as religiões.** São Paulo, Claro Enigma, 2010.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, 16 jul. 1990, Seção 1, p. 13563.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

BRUM, Eliana. **O olho da rua.** Ed. Globo, 2008.

CAPUTO, Stela Guedes e PASSOS, Mailsa. **Cultura e conhecimento em terreiros de candomblé: lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=gmail&attid=0.1&thid=127576af3f48ac41&mt=application/pdf&url=http://mail.google.com/mail/?ui%3D2%26ik%3Db312dc125d%26view%3Datt%26th%3D127576af3f48ac41%26attid%3D0.1%26disp%3Datt%26zw&sig=AHIEtbQqD7LLh19s9EG9Phb5XJIDQLNJVw&pli=1> >. Acessado em 16 mar. 2010.

CAPUTO, Stela Guedes. **Crescendo entre Orixás**, 2006. Disponível em: <<http://www.fazendomedia.com/novas/educacao090206.htm> >. Acessado em 14 mar. 2010.

CAPUTO, Stela. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis, Vozes, 2006.

**Cartas de Israel**. Ministério das Relações Exteriores de Israel.

CARVALHO, Ana M. A.; BERALDO, Katharina E. A.; PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Maria Cristina N. de. **Batismo**: uma iniciação à função transcendente. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/batismo.htm>>. Acessado em 20 maio 2011.

**Classificação Indicativa**: construindo a cidadania na tela da tevê. ANDI e Ministério da Justiça. Disponível em: <[http://www.andi.org.br/pdfs/Classificacao\\_indicativa\\_livro.pdf](http://www.andi.org.br/pdfs/Classificacao_indicativa_livro.pdf) >. Acessado em 1º nov. 2010.

COELHOAE, Maria Teresa. **O uso de entrevistas em estudos com crianças**. Psicologia em estudos, Maringá, v.9, 2004.

**Crianças cristãs se recusam a se converter ao islamismo e podem ficar sem escola**. Disponível em: <<http://www.crentes.net/artigo/criancas-cristas-se-recusam-a-se-converter-ao-islamismo-e-podem-ficar-sem-escola.php> >. Acessado em 15 mar. 2011.

Da Silva, VANIA. **Budismo**. Disponível em: < <http://www.sepoangol.org/buda.htm>>. Acessado em 15 mar. 2011.

DAWKINS, Richard. Carta a sua filha Juliet. Disponível em: <<http://naturalmente.wordpress.com/2008/08/20/como-explicar-o-mundo-das-crencas-as-criancas-uma-sugestao-interessante/>>. Acessado em 15 out. 2010.

**Dicas de abordagem da criança na mídia.** Recomendações adaptadas pela ANDI de orientações do Unicef e da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ). Disponível em: <<http://www.redeandibrasil.org.br/eca/guia-de-cobertura/midia/orientacoes-e-recomendacoes-para-a-cobertura-de-pautas-que-envolvam-criancas-e-adolescentes>>. Acessado em 1º nov. 2010.

GASPARINE, Wagner. **Legalidade da Ayahuasca**, 2010. Disponível em: <<http://floraisdaamazonia.wordpress.com/2010/03/18/legalizacao-da-ayahuasca/>>. Acessado em 13 fev. 2011.

**Giras de Umbanda.** Disponível em: <<http://www.girasdeumbanda.com.br/2010/>>. Acessado em 6 de fev. 2011.

GOMES, Marília Miranda Fortes e CATALÃO, Igor de França. **Migração, Religião e a Dinâmica Urbana:** um enfoque sobre o Pentecostalismo no Distrito Federal. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_405.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_405.pdf)>. Acessado em 10 nov. 2010.

GUEDES, Maristela. **Educação em terreiros:** e como a escola se relaciona com crianças que praticam candomblé. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

**Hinários:** perspectivas. Disponível em: <<http://www.daime.org/site/pages/perspectiva.htm>>. Acessado em 22 mar. 2011.

HINZE, Sarah. **Vida antes da vida:** antes de nascer eles conversaram com seus pais! São Paulo: Butterfly Editora, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

**Islamismo e criança**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6570693/140-Ciencia-Etica-Sustentabilidade>>. Acessado em 15 mar. 2011.

**Islamismo:** suas práticas, costumes e cultura. Disponível em: <<http://islamismo2008.blogspot.com/2008/09/prticas-e-costumes.html>>. Acessado em 15 mar. 2011.

**Jean Piaget e a educação**. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/palestras/piaget/piaget-e-a-educacao.html>>. Acessado em 13 abr. 2011.

**Judaísmo:** A história dos judeus, livros sagrados, símbolos e rituais da religião judaica, festas religiosas. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/judaismo/>>. Acessado em 12 jan. 2011.

**Judaísmo**. Disponível em: <<http://www.casadobruxo.com.br/religa/judaismo.htm>>. Acessado em 12 jan. 2011.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo, Record, 2002.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget para principiantes**. São Paulo, Summus, 1980.

LOPES, Joaquim. **Entrevistar crianças**, 2010. Disponível em: <<http://metinvestiga.wordpress.com/2010/02/15/entrevistar-criancas/>>. Acessado em 15 out. 2010.

MCCRUM, S.; BERNAL, P.. **Interviewing children: a training pack for journalists**. Reino Unido: Children's Voices – UNICEF, 1994.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão**. In: Cadernos de Jornalismo e Comunicação, nº 11, Rio de Janeiro, 1986.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo, Scipione, 15ª Edição, 1998.

**O que é Santo Daime?** Disponível em: <<http://www.oqueesantodaime.blogspot.com/>>. Acessado em 27 jan. 2011.

PASSOS, Alfredo. **Ensinos budistas para crianças**. Disponível em: <<http://blogs.universia.com.br/alfredopassos/2008/07/15/ensinos-budistas-para-criancas/>>. Acessado em 15 mar. 2011.

PIAGET, Jean; GRÉCO, Pierre. **Aprendizagem e conhecimento**. Brasil, 1974.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

PIAGET, Jean. **O raciocínio da criança**. Rio de Janeiro, Record, 1967.

Rede Brasileira de Informação e Documentação sobre Infância e Adolescência. Disponível em: <[http://www.rebidia.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=157:congresso-une-religiosas-para-discutir-a-infancia-brasileira&catid=18:rebidia-noticias-&Itemid=1](http://www.rebidia.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=157:congresso-une-religiosas-para-discutir-a-infancia-brasileira&catid=18:rebidia-noticias-&Itemid=1)>. Acessado em 20 maio 2010.

**Santo Daime**: A doutrina da Floresta. Disponível em <<http://www.santodaime.org/>>. Acessado em 25 jan. 2011.

SERRA, Daniel Acelino. **O fardamento**. Disponível em: <<http://afamiliajuramidam.org/liturgia/fardamento.html>>. Acessado em 27 jan. 2011.

**Sociologia da religião.** Disponível em: <<http://sociologiareligiao.blogspot.com/2008/02/como-podemos-definir-o-conceito-de.html>>. Acessado em 23 mar. 2011.

SOUSA, Gebaldo José de. **Comemorações nas Instituições Espíritas.** Disponível em: <[http://www.espiritismogi.com.br/colunistas/comemoracoes\\_centro.htm](http://www.espiritismogi.com.br/colunistas/comemoracoes_centro.htm)>. Acessado em 11 jan. 2011.

TAFNER, Malcon. **A construção do conhecimento segundo Piaget.** Disponível em : <<http://www.cerebromente.org.br/n08/mente/construtivismo/construtivismo.htm>>. Acessado em 13 de abr. 2011.

**Testemunhas de Jeová: Quem são, em que crêem?** Disponível em: <[http://www.watchtower.org/t/jt/article\\_03.htm](http://www.watchtower.org/t/jt/article_03.htm)>. Acessado em 17 jan. 2011.

VALTEÓRGENES, Carlos. **Páscoa judaica e páscoa cristã: um diálogo entre a fé a cultura para resgatar a nossa origem.** Disponível em: <[http://www.salvatorianos.org.br/textos\\_pascoajudica.htm](http://www.salvatorianos.org.br/textos_pascoajudica.htm)>. Acessado em 12 mar. 2011.

WOOD, David. **Como as crianças pensam e aprendem.** São Paulo, Martins Fontes, 1996.

## REFERÊNCIAS AUDIO-VISUAIS

Chico Xavier, de Daniel Filho. Lereby, 2010.

Hinário Santo Daime. Disponível em <[http://plasamusic.com/mp3/santo\\_daime/1/-\\_hino\\_santo\\_daime\\_carioca.html](http://plasamusic.com/mp3/santo_daime/1/-_hino_santo_daime_carioca.html)>. Acessado em 5 jun 2011.

Nosso Lar, de Wagner de Assis. Cinética Filmes, 2010.

Sagrado. Rede Globo, 2009. Disponível em <<http://www.sagrado.org.br/bibliotecadevideos/>>. Acessado em 3 mar. 2011.

Taboo. National Geographic. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Pi4sna7yVoo&feature=related>>, <<http://www.youtube.com/watch?v=f3d3RbtTyK4&feature=related>> e <<http://www.youtube.com/watch?v=HWTsI0IQ8t4&feature=related>>. Acessado em 27 de jan. 2011.

## 9. ANEXOS

### 9.1 Cronograma

#### 9.1.1 De produção

Concepção da ideia do projeto: 3 de janeiro a 21 de março de 2010

**Leituras sobre cada uma das religiões: 13 de setembro a 11 de novembro de 2010**

Leituras sobre a abordagem jornalística: 12 de novembro de 2010 a 2 de março de 2011

**Primeiros contatos e visitas com as instituições religiosas: 2 a 23 de dezembro de 2010**

Visitas e conversas com responsáveis das instituições: 3 de janeiro a 5 de fevereiro de 2011

**Entrevistas com as crianças e seus pais: 27 de janeiro a 9 de março de 2011**

Entrevistas com especialistas: 11 a 23 de março de 2011

**Decupagens: 12 de março a 19 de abril de 2011**

Definição dos temas e quantidade das reportagens: 24 de março de 2011

**Escrita das versões da reportagem 1: 20 de abril a 27 de maio de 2011**

Escrita das versões da reportagem 2: 29 de abril a 24 de maio de 2011

**Escrita das versões da reportagem 3: 4 a 29 de maio de 2011**

Escrita das versões da reportagem 4: 8 a 28 de maio de 2011

**Escrita das versões da reportagem 5: 12 de maio a 5 de junho de 2011**

Busca por sonoplastias: 24 de maio a 7 de junho de 2011

#### 9.1.2 De edição

Edição das matérias: 5 de maio a 5 de junho de 2011

**Gravação da locução: 28 de maio e 6 de junho de 2011**

Montagem: 31 de maio a 2 de junho e 7 de junho de 2011

**Finalizações: 11 e 15 e 17 de junho de 2011**

#### 9.1.3 Da memória

Escrita da memória: 1º a 17 de junho de 2011

## 9.2 Orçamento

Ligações telefônicas: R\$ 500

Transporte: R\$ 350

Pilhas: R\$ 15

Livros: R\$ 147,90

DVDs: R\$ 6

Impressão e encadernação da Memória: R\$ 149,40

Autorizações escaneadas: R\$ 5,40

**Total:** R\$ 1.173,70.

## 9.3 Transcrições das entrevistas

(Com as crianças apenas. Decupagem só das perguntas, sem introdução e conversas sobre outros assuntos)

### 9.3.1 Davi (12 anos) – SANTO DAIME

**Entrevistadora:** Gosta de freqüentar o santo daime?

**00:22 Entrevistado:** Gosto.

**Entrevistadora:** O que você faz lá?

**00:25 Entrevistado:** Depende do dia do mês e da semana. Geralmente nos domingos então não toma daime nem nada, só sentado e canta. nos trabalhos e na concentração toma o daime e canta e baila.

**Entrevistadora:** O que você acha da bebida?

**01:01 Entrevistado:** Gosto até do gosto, é bom.

**Entrevistadora:** E o que você sente quando toma?

**01:07 Entrevistado:** Ah depende. Fisicamente nada, mas dá uma tonturinha de nada assim, acho que é só.

**Entrevistadora:** Você tem alguma percepção quando toma?

**01:40 Entrevistado:** Não, ainda não.

**Entrevistadora:** O que é Deus pra você?

**02:04 Entrevistado:** É uma forma de vida que não é vida então e, não é uma pessoa exatamente, é mais uma energia.

**Entrevistadora:** E como é sua reza?

**02:20 Entrevistado:** Principalmente agradecer e depois pedir algumas coisas.

**Entrevistadora:** Você está querendo se fardar né? Como é a cerimônia?

**02:28 Entrevistado:** Aham, em julho. Entrega a estrela e só. Canta os hinos...

**Entrevistadora:** Tem idade específica pra fardar? (acho que não) E você está pronto pra usar?

**02:53 Entrevistado:** Acho que sim.

**Entrevistadora:** Você tem amigos aqui na escola que são do santo daime?

**03:15 Entrevistado:** Tinha, saíram.

**Entrevistadora:** Você conversa com os colegas da escola sobre santo daime? Acha que eles achariam estranho?

**03:25 Entrevistado:** Depois da história do Glauco e tudo, talvez, se eles tivessem visto a história e tudo.

### **9.3.2 Diego (11 anos) – ESPÍRITA**

**Entrevistadora:** Você gosta de freqüentar o centro?

**00:07 Entrevistado:** Sim, eu sempre busco a evolução espiritual, eu visito os centros, eu procuro sempre rezar. procurando que a minha sabedoria sempre se eleve cada vez mais à Deus maior.

**Entrevistadora:** E desde quando você frequenta? Desde que nasceu?

**00:25 Entrevistado:** Não, mais ou menos desde o ano passado, mas eu gosto muito assim dos centros espíritas.

**Entrevistadora:** E você lembra do primeiro dia que veio no centro?

**00:38 Entrevistado:** Eu acho que foi no ano passado, em fevereiro né... janeiro.

**Entrevistadora:** E como foi?

**00:49 Entrevistado:** Teve uma palestra, teve o passe, aí eu fui pra casa.

**Entrevistadora:** E você achou estranho?

**00:55 Entrevistado:** Não, eu achei comum.

**Entrevistadora:** E as palestras, você gosta, acompanha?

**1:06 Entrevistado:** Adoro. Eu sempre busco também estudar cada vez mais.

**Entrevistadora:** E o passe, o que você sente quando está lá dentro?

**1:19 Entrevistado:** Eu rezo e, e sinto uma energia positiva.

**Entrevistadora:** E na escola? Você conversa sobre isso com seus amigos, eles são de outra religião?

**1:34 Entrevistado:** Pra falar a verdade eu sou novato aqui porque eu me mudei tem pouco tempo né. Mas eu tenho uma prima assim né que eu não conheço muito bem a religião dela, mas a gente é muito amigo, do mesmo colégio.

**Entrevistadora:** E vocês falam sobre Deus, religião?

**1:50 Entrevistado:** Não, eu quase nunca falo sobre isso com ela.

**Entrevistadora:** E em casa, como é? Vocês fazem culto no lar, você fala bastante?

**2:01 Entrevistado:** Fazemos. Pra falar a verdade a gente só reza mesmo pedindo a deus que ajude a gente a alcançar cada vez mais a evolução espiritual.

**Entrevistadora:** Seu pai me falou que você tem uma mediunidade. Você vê, sente o que?

**2:30 Entrevistado:** Eu sinto uma leveza muito grande, eu sinto como se uma coisa bem leve, pura estivesse começando a me purificar, como se estivesse, como se me trouxesse cada vez mais alegria. É uma sensação inexplicável.

**Entrevistadora:** E você conversa com os espíritos?

**03:03 Entrevistado:** Pra falar a verdade eu não sei como te explicar.

**Entrevistadora:** Você só sente, ou vê também?

**03:15 Entrevistado:** Eu sinto, eu escuto, a gente conversa...

**Entrevistadora:** E nem sempre são espíritos de luz né, ou sempre são?

**03:25 Entrevistado:** Sempre. Os ruins eu não consigo ouvir, graças a Deus.

**Entrevistadora:** E você saberia explicar o que é Deus pra você?

**03:39 Entrevistado:** Deus é o grande mestre, o criador, aquele que nos criou pra ver se conseguimos alcançar algum dia uma evolução maior. Pra conseguirmos só se nós pudermos aprender como é essa sua doutrina. É o grande mestre, o criador, aquela pessoa que tenta nos ajudar em qualquer ocasião.

**Entrevistadora:** E o que você tenta fazer no seu dia a dia pra ficar de acordo com o espiritismo?

**04:15 Entrevistado:** Eu oro... estudo... eu tento ser o mais humilde possível.

**Entrevistadora:** E você tenta ajudar seus pais em casa e eles te ajudam, é assim?

**04:36 Entrevistado:** E vice-versa.

**Entrevistadora:** E você pensa em outras vidas?

**04:50 Entrevistado:** Bem, quase sempre.

**Entrevistadora:** O que você pensa?

**05:01 Entrevistado:** O que eu fui, o que é que eu sou...

**Entrevistadora:** E isso te deixa refletindo bastante?

**05:07 Entrevistado:** E como...

**Entrevistadora:** E você sabe o que você era?

**05:21 Entrevistado:** Eu era apenas um ser buscando evolução, como sou agora.

**Entrevistadora:** E em cada vida você esta evoluindo um pouquinho mais?

**05:31 Entrevistado:** Esse é o motivo da reencarnação.

**Entrevistadora:** Sobre Deus.

**05:42** Pra falar a verdade, deus sempre está com todo mundo né. Deus sempre é aquela pessoa que te ajuda, que tenta te aconselhar, mas mesmo assim deixa você seguir seu caminho porque é isso que você veio fazer aqui. Você planeja alguma coisa e deus lhe dá permissão pra você cumprir ela, mas isso é o livre arbítrio de cada um, se quer ou não quer cumprir, aí é decisão, decisão de cada um.

**Entrevistadora:** E tem dias que você não fica bem, a vibração baixa, você fica irritado? Como são esses dias?

**06:26 Entrevistado:** Na verdade esses dias me frustram muito né porque ai eu começo a ficar estressado...

**Entrevistadora:** E o que você faz nessas horas?

**06:45 Entrevistado:** Rezo.

**Entrevistadora:** E o que você pede a Deus?

**06:50 Entrevistado:** Pra que me ilumine, que eu consiga continuar seguindo o caminho que eu defini pra mim mesmo.

**Entrevistadora:** E você ora todos os dias?

**07:02 Entrevistado:** Todos os dias. Antes de eu dormir e quando eu acordo.

**Entrevistadora:** Algumas experiências:

**07:40 Entrevistado:** Quando eu tinha oito anos de idade eu tava dentro da sala de aula na segunda serie quando do meio do nada a professora começou a falar coisas sem sentido, a professora de religião. Ai eu comecei a não entender nada, ela começou a falar coisa que não tinha sentido, ai a única coisa que eu pedi pra ela fosse que pensasse em deus, e depois daquilo, simplesmente a luz começou a piscar e ela parou.

**Entrevistadora:** E o que ela estava falando?

**08:18 Entrevistado:** Ela começou a falar que Maria não era virgem e esse negócios. Ai depois que eu pedi pra ela , ela parou.

**Entrevistadora:** Você pediu diretamente ou só mentalmente?

**08:30 Entrevistado:** Pedi mentalmente para que ela pensasse em deus.

**Entrevistadora:** E o que você sentiu nessa hora?

**08:41 Entrevistado:** Eu senti um aperto. A sala toda tava gritando quando começou a piscar, piscar, piscar, piscar, caindo trovão...

**Entrevistadora:** Você se assustou?

**08:52 Entrevistado:** Pra falar a verdade eu fiquei um pouquinho assustado sim porque eu não conhecia como é que eram essas coisas.

**09:07 Entrevistado:** No ano passado também teve uma outra experiência com uma professora de ciências chamada marina. o irmão dela havia morrido de AVC, de AVC, de convulsão, de parada cardíaca, uma doença que ele tinha que fazia sentir esses sintomas todos acontecerem. ai então ela ficou muito abalada, não conseguia fazer as aulas direito. ai eu recomendei a ela que “desse” um livro. ai eu comprei a ela um livro chamado violetas na janela que conta como é a vida após a vida... e depois interessadamente quase todas as professoras do colégio se tornaram espíritas.

**10:20 Entrevistado:** A professora de português Renilda, é... falava, pedia pra gente que quando a gente lesse algum livro, e como eu leio muitos livros espíritas, pra poder contar a história do livro, pra poder falar o autor... ai eu falei assim, eu vou é doutrinar essas crianças aqui. (1º dia de aula no colégio novo em Brasília)

**Entrevistadora:** E o que você contou?

**10:51 Entrevistado:** Eu mostrei o livro da prece de caritas que foi uma das apóstolas de cristo, que tinha muita fé e escreveu a prece que todo mundo conhece que é assim: deus, nosso pai, que sois todo poder e bondade, dai força àquele que passa pela provação; dai luz àquele que procura a verdade, pondo no coração do homem a compaixão e a caridade. Deus, dai ao viajor a estrela guia; ao aflito a consolação; ao doente o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, a criança o guia, ao órfão o pai. Senhor, que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes. Piedade senhor, para aqueles que não vos conhecem, esperança para aqueles que sofrem. que a vossa bondade permita aos bons mentores espirituais derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé. deus, um raio, uma faísca do vosso imenso amor pode abrasar a terra. Deixa-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores acalmar-se-ão. Um só coração, um só pensamento subirá até vós como um grito de reconhecimento de amor. como Moisés sobre a montanha, nos vós esperamos com os braços abertos, oh! Bondade... Oh! Beleza... Oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte alcançar a vossa misericórdia. senhor, dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até vós. dai-nos a caridade pura; dai-nos a fé e a razão; dai-nos a humildade, a simplicidade que fará de nossas almas, o espelho onde deve refletir a vossa pura e santa imagem. (falou tudo de cor, sem ler nada)

**13:02 Entrevistado:** Pra falar a verdade eu só mostrei o livro e falei que era um bom livro pra poder ler né...

**Entrevistadora:** E você acha que eles vão ler?

**13:08 Entrevistado:** Não sei, depende de cada um.

**13:18 Entrevistado:** Ahh sim, e teve uma época também com um amigo meu que tava passando por um momento de separação dos pais dele e todo dia a gente ia pra um cantinho lá do colégio e rezava secretamente e ai essa separação começou a parar, parar, parar e pffff, os pais melhoraram.

**13:50 Entrevistado:** com Deus me permitindo... e pela última vez, sou apenas um ser buscando a evolução divina.

### **9.3.3 Elis (8 anos) – JUDIA**

**Entrevistadora:** Elis, você gosta de vir aqui? Oque você aprende?

**00:13 Entrevistada:** Sim, eu aprendi as festas judaicas e a gente fez um monte de desenhos, meu irmão tentou brigar com as crianças.

**Entrevistadora:** E sua família é de judeus?

**00:41 Entrevistada:** Aham, mas minha mãe não era. Ela estudou, estudou, estudou pra virar judeu e casar com meu pai.

**00:54 Entrevistada:** Mas ela já queria virar judeu antes do meu pai, antes do meu pai conhecer ela.

**Entrevistadora:** E você é judia desde que nasceu?

**01:05 Entrevistada:** Sou.

**Entrevistadora:** E o que vocês fazem do judaísmo em casa?

**01:10 Entrevistada:** A gente rezava antes, mas ai minha mãe, depois da mudança de casa, a gente não sabia mais onde estava o livro de rezas. A gente rezava pra não ter pesadelo.

**01:26 Entrevistada:** Eu sempre tenho. Quando eu vou pra praia, todo dia, se eu vejo uma piscina grande e funda, eu sonho que tem um jacaré, que eu to sendo perseguida por uns jacarés lá. É esse meu sonho.

**Entrevistadora:** E como é a oração pra não ter pesadelo?

**01:50 Entrevistada:** Eu não lembro. Só um pedacinho. Só uma palavra eu acho. barô adoná adoná eloreino.

**Entrevistadora:** E o que isso significa?

**02:07 Entrevistada:** Eu não sei.

**Entrevistadora:** Mas é o que você ora pra não ter pesadelo?

**02:12 Entrevistada:** É uma parte. Eu acho que toda reza começa assim.

**Entrevistadora:** E você está vindo aqui pra aprender mais?

**02:24 Entrevistada:** Sim, logo eu vou fazer o meu bar mitzvah. Quando eu tiver 12 anos eu vou ter que fazer o meu bar mitzvah. e ai eu vou ter que saber um pouco mais.

**Entrevistadora:** E o que é o bar mitzvah?

**02:40 Entrevistada:** O bar mitzvah eu acho que é quando os judeus ficam mais... quando as crianças ficam mais adultas, e eles começam a fazer o jejum.

**Entrevistadora:** E as festas judaicas, vocês participam?

**03:08 Entrevistada:** Sim, a gente... geralmente a gente faz poucas em casa. Geralmente a gente viaja pra são paulo pra ficar junto da nossa família e faz junto com a família.

**Entrevistadora:** E natal, vocês comemoram?

**03:25 Entrevistada:** Natal... não. a gente comemora outra coisa.

**Entrevistadora:** E o que você acha disso? Você já teve algum natal?

**03:38 Entrevistada:** Minha família... como a família da minha mãe é católica, eu tenho natal, mas é só porque eu sou meio judaica. Eu não sou totalmente judaica porque minha mãe também não é totalmente judaica.

**Entrevistadora:** E como são as outras festas?

**04:29 Entrevistada:** A gente só faz uma lá em casa. Uma das 7 velas eu acho.

**Entrevistadora:** E você ora todos os dias?

**05:08 Entrevistada:** Hu-hu. por causa que... a gente não consegue rezar muito porque eu acho que a minha mãe perdeu o livro.

**Entrevistadora:** E o que é deus pra você?

**05:34 Entrevistada:** Deus é tudo. Eu acho que deus é tudo. Deus é ar e deus também é um pedacinho do nosso coração. Deus é amor. Eu acho que Deus é isso.

**Entrevistadora:** E na escola você tem amigos judeus?

**06:01 Entrevistada:** Não, só tem um, dois... não, três, mas o outro saiu.

**Entrevistadora:** E você já falou sobre judaísmo com eles?

**06:21 Entrevistada:** Sim, mas eles são muito chatos. Não são muito legais. hmmm, eu falei um pouquinho com eles, mas eles nunca vão pra ACIB.

**Entrevistadora:** E tem algo que você não gosta da sua religião?

**06:49 Entrevistada:** É... o fato de não ganhar presentes e ovos da páscoa. E o fato também de não poder comer pão perto do meu aniversário. Tipo a gente tem um pão especialista que é feito do matzá que a gente come, aí a gente pode comer. a gente não pode comer tipo farinha de trigo, ou seja, eu não como bolo no meu aniversário.

**07:24 Entrevistada:** Eu não sei, às vezes fica no meu aniversário. Eu acho que essa época é móvel. Já teve um dia que ficou no meu melhor aniversário que ficou assim.

**07:40 Entrevistada:** Na verdade o cachorro-quente que a minha mãe fez com a receita da minha vó com aquele pão de matzá... não gostei muito. Eu não gosto de matzá.

**Entrevistadora:** E você acha isso estranho?

**08:04 Entrevistada:** Não, eu não acho nada estranho. Eu só acho chato.

**Entrevistadora:** Experiências...

**08:21 Entrevistada:** Um dia eu tive que viajar pra São Paulo porque eu vi o bat mitzvah da minha prima. É mais ou menos assim: tem um monte de meninas, algumas você pode não conhecer. São as melhores meninas das escolas escolhidas cuidadosamente. E durante o bat mitzvah cada uma delas tem uma música própria, ou seja, que as outras cantam e ela faz o coral.

**Entrevistadora:** E você está ansiosa para o seu?

**09:09 Entrevistada:** Não sei, é que eu não sei cantar nenhuma dessas músicas judaicas que elas cantaram. Eu to meio que nervosa, mas eu gostei. O vestido é bonito. Só tem meninas de 12 anos. Os meninos fazem o bar.. não sei o nome, é tipo um bat mitzvah, só que eles fazem com treze. Ou seja eu vou ficar “mais velha” que alguém que

tenha, que tenha, um ano, um ano a mais que eu. Eu gostei disso. Eu vou ficar adulta antes de alguém que tem um ano a mais que eu.

**Entrevistadora:** E quando você começou a vir pra cá, na Acib?

**10:12 Entrevistada:** eu comecei a vir aqui porque a minha mãe viu a Sarah numa das cerimônias aqui e ela conversou com a Sarah e ela falou dessa escolinha e minha mãe ficou interessada. foi no final do ano pra cá. e a gente foi pra cá, legal, e eu fiz muitas amizades.

**Entrevistadora:** Mas seus pais falam com você sobre judaísmo desde quando?

**11:05 Entrevistada:** Na verdade eu acho que eu descobri algumas e outras eles falaram, tipo Davi. Eu vi uma história e ai eu descobri que era de israel. e eu falei pro meu pai. A história é de um moço que ofereceu sacrifício e virou rei e ele não fazia o que deus mandava pra ele. Tipo um dia teve uma guerra e deus falou pra ele matar todos os humanos e seres vivos entre os da guerra, até uma formiga, todos os animais também. mas ele não fez isso. ele pegou aqueles animais e ofereceu em sacrifício. e como aquele que deus falava pra ele falar pro rei, aquele que lia o que deus falava e falava pra deus fazer ficava zangado com ele. um dia o rei também ficou zangado com esse moço e arrancou um pedaço da blusa dele. e ele falou “um dia seu reino também vai ser rasgado de você igual você rasgou um pedaço da minha blusa”... (continua história com Davi).

**Entrevistadora:** Sobre Jesus cristo:

**15:15 Entrevistada:** Jesus Cristo? Eu não sei, só sei que pra gente Jesus não era real. A gente não tinha nada contra Jesus, quem tinha eram os romanos. A gente só não achava que ele existia. A gente não acreditava que filho de deus existia.

**Entrevistadora:** E você acha errado os outros acreditarem?

**16:06 Entrevistada:** Não, porque eles tem a religião deles e eu tenho a minha.

### **9.3.4 Emília (5 anos) – PAIS BUDISTAS**

**Entrevistadora:** Emília, deixa eu te perguntar, sabe o templo budista que sua mãe vai?

**0:30 Entrevistada:** Sei.

**Entrevistadora:** Você já foi lá?

**00:32 Entrevistada:** Já.

**Entrevistadora:** E o que você achou? Quando é que você foi lá? Você lembra?

**0:35 Entrevistada:** No meu aniversário, no aniversário de uma tia, muitas vezes.

**Entrevistadora:** E o que você achou de lá? Você achou estranho, você achou bonito?

**00:44 Entrevistada:** É legal, é legal, muito legal e muito bonito.

**Entrevistadora:** E o que você fez lá?

**0:48 Entrevistada:** A gente já brincou lá, tinha um pula pula, tinha muitas coisas.

**Entrevistadora:** E o que o pessoal faz lá dentro?

**0:58 Entrevistada:** Eles...

**Entrevistadora:** Eles rezam? Como é que é?

**1:03 Entrevistada:** Eles perguntam e o monge fala.

**Entrevistadora:** Ah é? E você achou bonito? Você entendeu o que eles falaram?

**1:11 Entrevistada:** E tem um chá que eu gosto, tem um chá e a gente pega com a colherzinha, e a gente põe no monge.

**Entrevistadora:** Ah é? Que bacana. E você gosta de fazer isso lá?

**1:23 Entrevistada:** Eu gosto, já fui muitas vezes.

**Entrevistadora:** E o que mais você faz lá? Vocês rezam em japonês?

**1:30 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Não? É em português?

**1:33 Entrevistada:** Não, é em japonês.

**Entrevistadora:** E você sabe falar alguma coisa?

**1:38 Entrevistada:** Não, em japonês não.

**Entrevistadora:** E o que você sabe falar? Sabe falar Frances? Mas lá não precisa né? E o que mais? Lá tem incenso, o que vocês fazem? Você lembra do incenso que tem? E o que acontece com aquele incenso? Fica pegando fogo assim né?

**1:54 Entrevistada:** Arã.

**Entrevistadora:** E você gosta do cheiro?

**1:58 Entrevistada:** Eu gosto, minha mãe tem um verde.

**Entrevistadora:** Ah, traz aqui pra eu ver, senta aqui. Você gosta do cheiro?

**2:29 Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** Mas pra que serve?

**2:30 Entrevistada:** Pra pegar fogo e pra... e aí a casa fica cheirando um monte de incenso.

**Entrevistadora:** Ah, entendi. Emília, você é budista ou só sua mãe?

**3:57 Entrevistada:** Só minha mãe.

**Entrevistadora:** Ah. E você quer ser budista um dia?

**4:23 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Porque não?

**4:26 Entrevistada:** Eu quero... quando eu for grande eu quero trabalhar de veterinária.

**Entrevistadora:** Ah, mas você pode ser veterinária e pode ser budista também. Budista é uma religião, né? Você sabe o que é uma religião?

**4:42 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Você pode ser os dois. Sua mãe não trabalha e também é budista? Não é assim?

**4:47 Entrevistada:** Trabalha.

**Entrevistadora:** Mas aí você não quer não ser assim também?

**4:50 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Ela conversa com você sobre o budismo?

**4:54 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** E você reza antes de dormir?

**5:00 Entrevistada:** Rezo.

**Entrevistadora:** E o que você pede? Você agradece? O que você fala?

**5:04 Entrevistada:** Eu peço a Deus que eu quero um dia ter um cachorrinho.

**Entrevistadora:** Ah é? E quem é Deus? Você sabe?

**5:21 Entrevistada:** Deus ele nasceu há muito tempo.

**Entrevistadora:** E o que ele faz?

**5:27 Entrevistada:** Deus protege a gente.

**Entrevistadora:** Ah, muito bem. E aí você fala com ele? Você fala mentalmente ou você fala em voz alta?

**5:39 Entrevistada:** Eu falo em voz baixa.

**Entrevistadora:** Ah, mas aí quando que é? Antes de você ir dormir ou depois? Ou quando acorda?

**5:49 Entrevistada:** Antes de dormir.

**Entrevistadora:** E Buda? Sua mãe fala do Buda pra você?

**5:59 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Então não é pra ele que você ora não? É pra Deus?

**6:03 Entrevistada:** Hurum.

**Entrevistadora:** Eles são a mesma coisa?

**6:07 Entrevistado:** Acho que não.

**Entrevistadora:** Qual é a diferença deles?

**6:12 Entrevistada:** Que ele já nasceu há muito tempo.

**Entrevistadora:** E o Buda?

**6:21 Entrevistada:** O Buda...

**Entrevistadora:** O que você sabe do Buda, me conta?

**6:27 Entrevistada:** Nasceu depois de Deus, Deus e Jesus. Jesus nasceu primeiro do que Deus e depois...

**Entrevistadora:** E aí, o que mais você sabe que ele fez? Você sabe alguma coisa que ele tenha feito?

**6:45 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Não sabe? Mas então como é que você sabe quem é ele? Você já ouviu falar? Você já ouvi alguma história? Como é que foi?

**6:57 Entrevistada:** Não, que minha mãe me contou.

**Entrevistadora:** Ah, então ela conta isso pra você? E tem alguma coisa lá do templo que você não gosta quando você vai?

**7:09 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Você gosta de tudo, tudo?

**7:12 Entrevistada:** Menos de ficar lá, porque lá tem que ficar muito quieto.

**Entrevistadora:** Ah é, e você não gosta?

**7:24 Entrevistada:** Hurum, eu falo alguma coisa e ela “xiiii”.

**Entrevistadora:** Ah é? Aí você quer ir embora logo?

**7:33 Entrevistada:** Não, aí eu vou brincar.

**Entrevistadora:** Então ta bom Emília.

### **9.3.5 Fabiana (8 anos) – CATÓLICA**

**Entrevistadora:** Fabiana, desde quando você vai pra igreja?

**0:31 Entrevistada:** Desde pequenininha, desde 1 ano, acho que é desde um ano.

**Entrevistadora:** Então você nem lembra a primeira vez que você foi.

**0:40 Entrevistada:** É.

**Entrevistadora:** Mas o que você faz lá?

**0:41 Entrevistada:** Bom, eu acompanho a leitura, eu rezo, faço um monte de coisa.

**Entrevistadora:** Você gosta de ir pra lá?

**0:54 Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** O que você sente quando você tá lá?

**0:58 Entrevistada:** Ai...

**Entrevistadora:** Você fica mais tranqüila? Você encontra os amigos?

**1:01 Entrevistada:** Fico. Eu não encontro meus amigos não, mas eu fico muito bem lá, eu sinto que fico bem melhor lá.

**Entrevistadora:** E você vai só no domingo ou você vai outro dia?

**1:13 Entrevistada:** Não, as vezes eu vou outro dia.

**Entrevistadora:** Entendi. E você reza todo dia?

**1:19 Entrevistada:** Sim, rezo todo dia e toda noite.

**Entrevistadora:** Aí você reza quando acorda e quando vai dormir? É isso? E o que você reza? Você agradece, o que você fala?

**1:29 Entrevistada:** Ai, as orações que eu rezo é ave Maria, pai nosso e santo anjo. Eu agradeço por tudo que eu tenho.

**Entrevistadora:** E aí normalmente dá certo? Já teve alguma vez que você queria uma coisa e você rezou e deu certo, você acha que foi Deus?

**1:52 Entrevistada:** Ai, já.

**Entrevistadora:** Você lembra de alguma coisa que aconteceu?

**1:56 Entrevistada:** Ai, eu já pedi pra acontecer tipo assim, eu viajar, eu viajei no dia seguinte sem saber, assim, foi muito legal.

**Entrevistadora:** Ah, você pediu pra fazer uma viagem e foi surpresa.

**2:21 Entrevistada:** Foi.

**Entrevistadora:** Ah, que bom! E o que você acha que é Deus pra você? Quando você ora é uma pessoa, é uma pessoa? O que você acha?

**2:31 Entrevistada:** É minha alegria. É muito bom, eu sinto uma coisa muito diferente.

**Entrevistadora:** Ah é? Quando você ta conversando assim com ele você acha que ele te ajuda?

**2:46 Entrevistada:** Acho, acho que ele sempre me ajuda.

**Entrevistadora:** E o que você faz no seu dia a dia que você acha que deixa Deus feliz, que é de acordo com o que você tem que fazer que a igreja fala? Tanto na escola, em casa. O que você tem que fazer normalmente?

**3:05 Entrevistada:** Eu não tenho que brigar.

**Entrevistadora:** Entendi, mas e no dia a dia, na escola, o que você faz que você acha que... ou em casa com seus pais, você acha que você tem que ajudar a fazer...

**3:31 Entrevistada:** É, eu tenho que ajudar.

**Entrevistadora:** Com que você ajuda eles?

**3:37 Entrevistada:** Eu ajudo assim, lá no jardim da casa eu vou e ajudo a capinar, a fazer um monte de coisa.

**Entrevistadora:** E você acha que você... vamos supor, que você ter a religião te ajuda em muitas coisas? Você acha que se você não tivesse como é que ia ser se não fosse pra igreja?

**4:08 Entrevistada:** Pra mim ia ser horrível, ia ser muito ruim.

**Entrevistadora:** Mas porque? O que você gosta de lá?

**4:16 Entrevistada:** Ah, eu gosto muito de Deus, por isso que eu não consigo largar.

**Entrevistadora:** E tem alguma coisa lá que você não gosta? Que você acha ruim e pra você podia ser diferente?

**4:30 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Você gosta de tudo lá?

**4:32 Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** E tem alguma oração que você sabe pra você falar pra mim, ou alguma música que você lembra?

**4:38 Entrevistada:** Tem, tem a oração e tem a música.

**Entrevistadora:** Canta uma música pra eu ver.

**4:44 Entrevistada:** Eu não sei se eu lembro de muita coisa, é que foi da minha primeira comunhão. É assim “Cristo vive em mim, aleluia, Cristo vive em mim, aleluia. Óh que maravilha é que Cristo vive em mim”.

**Entrevistadora:** Ah, muito bonito então Fabiana, obrigada viu? Por ter me ajudado, me ajudou bastante.

### **9.3.6 Isaías (12 anos) e José Abílio (11 anos) – SANTO DAIME**

**Entrevistadora:** Você gosta de ir lá pra igreja? O que você sente quando você vai lá? O que você faz lá?

**15:21 Isaías:** Eu gosto, porque lá a gente baila e reza, e a gente aproveita pra brincar com os amigos.

**Entrevistadora:** Entendi. E o que você sente quando você tá lá?

**15:32 Isaías:** Eu? Felicidade.

**Entrevistadora:** Você gosta?

**15:36 Isaías:** Gosto.

**Entrevistadora:** E você?

**15:39 José:** A mesma coisa.

**Entrevistadora:** O que você costuma fazer lá? Você canta?

**15:46 José:** Eu canto.

**Entrevistadora:** O que você acha dos hinos?

**15:39 José:** Eu acho legal.

**Entrevistadora:** Tem algum que você lembra pra você cantar pra mim?

**15:52 José:** Ele canta.

**Entrevistadora:** Depois vocês cantam todo mundo. Depois a gente pensa em um pra vocês cantarem. Mas o que que, vamos supor, quando você vai lá o que você faz? Você baila...

**16:06 José:** Eu bailo e depois brinco com os amigos.

**Entrevistadora:** E o Daime, você toma o Daime?

**16:11 José:** Tomo.

**Entrevistadora:** E o que você acha? O que você sente quando você toma?

**16:15 José:** Eu sinto um gosto amargo.

**Entrevistadora:** É ruim, não?

**16:19 José:** Não, é bom né?

**Entrevistadora:** Porque que é bom? O gosto é bom?

**16:24 José:** Não, o gosto não. Tomar Daime.

**Entrevistadora:** Mas porque que é bom?

**16:29 José:** Porque ajuda na hora de firmar pra rezar.

**Entrevistadora:** E o que você sente quando você toma? Você sente... o que você sente assim fisicamente? Você sente calor, você sente tontura ou você sente que você ta bem?

**16:43 José:** Eu fico normal.

**Entrevistadora:** Você não sente nada fisicamente, assim.

**16:47 José:** É.

**Entrevistadora:** Mas e espiritualmente? Você já sentiu alguma coisa mais forte? Você sente que se aproxima um pouco de Deus ou não?

**16:53 José:** Não.

**Entrevistadora:** Nunca sentiu nada por enquanto?

**17:00 José:** Não, mas isso foi quando eu dormi, quando eu dormi eu sonhei coisa.

**Entrevistadora:** O que você sonhou?

**17:04 José:** Eu sonhei que tinha várias luzinhas de cobrinhas passando assim na tela.

**Entrevistadora:** E aí, mas era o que isso?

**17:13 José:** Eram várias luzes coloridas, e outra vez era um bicho do mal, que tinha vários braços, ia chegando pra perto até cobrir a tela, aí quando cobria toda a tela eu acordei.

**Entrevistadora:** Mas que tela é essa?

**17:27 José:** A tela do que eu vejo.

**Entrevistadora:** Do que você, entendi? Mas isso foi depois de tomar o Daime, aí você dormiu.

**17:33 José:** É.

**Entrevistadora:** E você acha que teve efeito do Daime?

**17:33 José:** Hurum.

**Entrevistadora:** E você gostou do que você sentiu ou não?

**17:39 José:** Gostei.

**Entrevistadora:** E você já sentiu isso outras vezes ou não? Foi uma vez só.

**17:44 José:** Teve um pesadelo.

**17:45 José:** Um foi pesadelo e outro não.

**Entrevistadora:** Esse outro você achou bom né? Das cobrinhas, diferente.

**17:52 José:** É.

**Entrevistadora:** Legal. E você, o que você sente quando você toma o Daime?

**17:56 Isaías:** Eu? Eu fico alegre assim, meio lerdo assim, é isso.

**Entrevistadora:** E o que você sente assim espiritualmente? Você acha que... você sente que tem alguma conexão com Deus ou ainda...

**18:11 Isaías:** Tem, um dia eu passei mal lá, fiquei lá porque eu tomei muito Daime.

**Entrevistadora:** Mas você passou mal de que assim? Porque tomou muito?

**18:20 Isaías:** Ah, é, porque eu tomei muito Daime.

**Entrevistadora:** Mas foi físico assim?

**18:24 Isaías:** Foi.

**Entrevistadora:** Entendi. Mas e assim, durante e depois que você toma o Daime, você acha que você consegue orar com mais força?

**18:31 Isaías:** Harã, é, dura mais, você fica mais forte lá.

**Entrevistadora:** E assim, me contem assim no dia a dia de vocês, o que você faz, por exemplo, pra estar de acordo com o Santo Daime. O que você tem que fazer em casa, ou na escola, no seu dia a dia, assim.

**19:20 Criança:** Quando eu to indo pra escola, a gente ta no carro a gente reza.

**Entrevistadora:** Hurum, e tem outras coisas que você faz aqui antes de dormir, você reza?

**19:28 Criança:** Harã.

**Entrevistadora:** E normalmente você reza pedindo alguma coisa, agradecendo? Como é que é?

**19:34 Criança:** Eu rezo o pai nosso, ave Maria, santo anjo do senhor e santo Antonio pequenino, essas.

**Entrevistadora:** Mas aí você pede alguma coisa no final? Ou você agradece por alguma coisa?

**19:48 Criança:** Não.

**Entrevistadora:** Normalmente você faz só oração, né? E você? Na hora de?

**19:54 Criança:** Quando eu to indo pra escola eu peço proteção, né? Pra não acontecer coisa ruim, e no final eu agradeço por tudo que aconteceu de bom.

**Entrevistadora:** Entendi. E no seu dia a dia, o que você faz de comportamento mesmo que você acha que você está fazendo e fica de acordo com o que a religião está dizendo? Que tem que ajudar em casa, que você tem que... o que você acha que a religião te ajuda?

**20:20 Criança:** Eu não sei.

**Entrevistadora:** Vamos supor, eles falam lá que você tem que... sei lá, não brigar com os colegas.

**20:27 Criança:** É, isso aí. Ajuda aqui em casa, faço todos os deveres, faço quase todos, e essas coisas.

**Entrevistadora:** Entendi. E vocês querem se fardar, não é isso?

**20:41 Criança:** Hurum.

**Entrevistadora:** Porque que você quer se fardar?

**20:43 Criança:** Porque...

**Entrevistadora:** Porque que deu essa vontade? Um dia você acordou e falou que você queria se fardar?

**20:52 Criança:** Não, porque todo mundo vai se fardar, e eu também quero me fardar, aí ...

**Entrevistadora:** Mas é uma coisa que você quer?

**20:58 Criança:** Hurum.

**Entrevistadora:** E o que você acha que vai mudar depois que você se fardar?

**21:01 Criança:** Eu vou ter que bailar mais, as vezes eu bailo menos pra brincar mais, então eu vou ter que bailar mais e brincar menos.

**Entrevistadora:** Entendi. Isso é bom né? E como é que é bailar? Você gosta? Como é? 3 pra lá, 3 pra cá? Como é que é a dança?

**21:20 Criança:** É... 2 pra lá e 2 pra cá. 2 passos pro lado e 2 passos pro outro, tem umas que você vira pra um lado e vira pro outro, e tem uma que é... que você fica só com o tronco assim mexendo, tronco não, o tronco pra cima se mexendo pro lado e pro outro.

**Entrevistadora:** Entendi. E vocês acham que bailar ajuda na hora da oração?

**21:43 Criança:** Ajuda.

**Entrevistadora:** Porque?

**21:44 Criança:** Porque você fica mais atento.

**Entrevistadora:** Você entra no clima assim né? Entendi. E o que que é Deus pra você? Você sabe me dizer assim?

**21:58 Criança:** Deus é o criador das coisas.

**Entrevistadora:** E é pra ele que você ora?

**22:04 Criança:** Hurum.

**Entrevistadora:** E você acredita muito nele? Você já pediu alguma coisa, você tem alguma experiência que você sentiu Deus?

**22:11 Criança:** Eu já pedi pra não machucar mais, porque uma vez eu tava machucando muito.

**Entrevistadora:** Assim, tava batendo, machucando. E aí deu certo? O que aconteceu?

**22:22 Criança:** Deu certo.

**Entrevistadora:** Você passou a não se machucar mais? Hum, que bom. E você, o que é Deus pra você?

**22:28 Criança:** Deus? É a mesma coisa que ele falou.

**Entrevistadora:** Mas o que mais? Ele criou as coisas e que outras coisas vocês podem falar?

**22:37 Criança:** Ele ajuda a gente a fazer as coisas e...

**Entrevistadora:** E aí o que você... você teve já alguma coisa, alguma experiência com Deus?

**22:52 Criança:** Eu? Acho que não. Não sei.

**Entrevistadora:** Ou então alguma coisa relacionada ao Santo Daime que você achou... alguma história pra contar? Você lembra de alguma coisa que você quis muito e deu certo?

**23:05 Criança:** Eu queria viajar de avião, e consegui.

**Entrevistadora:** Você orou pra isso?

**23:10 Criança:** Harã.

**Entrevistadora:** E aí? Deu tudo certo?

**23:11 Criança:** Deu.

**Entrevistadora:** E o que vocês querem ser quando vocês cresceram? Vocês já pensaram uma profissão?

**23:17 Criança:** Não.

**Entrevistadora:** Nem idéia?

**23:18 Criança:** Quando eu era criancinha eu queria ser inventor, mas não faz muito sentido né?

**Entrevistadora:** Não faz? Porque?

**23:25 Criança:** Inventor? Vou inventar o que? Eu pensava em inventar uma máquina de dinheiro.

**Entrevistadora:** Aí hoje agora você tá pensando em outras coisas, ainda não sabe.

**23:35 Criança:** É.

**Entrevistadora:** Entendi. E vocês lembram da primeira vez que vocês foram na igreja?

**23:47 Criança:** Não lembro não.

**Entrevistadora:** Tem alguma coisa que você não gosta lá? Que você se incomoda, as vezes acha o hinário muito longo? Ou não?

**23:57 Criança:** Não.

**Entrevistadora:** Vocês gostam de tudo o que tem lá?

**24:01 Criança:** Harã.

**Entrevistadora:** E na escola, tem outras crianças que são do Santo Daime também?

**24:06 Criança:** Na minha só tem uma pessoa.

**Entrevistadora:** Mas você conversa com eles mesmo os que não são do Santo Daime, sobre o Santo Daime?

**24:15 Criança:** Não.

**Entrevistadora:** Por quê?

**24:17 Criança:** Porque não precisa falar, ninguém pergunta.

**Entrevistadora:** E aí você acha que eles iam achar estranho?

**24:26 Criança:** Não.

**Entrevistadora:** Não ia ter problema com isso? Porque eles não são da religião igual, aí vocês acham que não ia ter nenhum problema. E você também?

**24:36 Criança:** Eu acho que ia ter um pouco, você bebe uma coisa e você fica vendo coisas eu não existe, eu acho que eles iam achar meio estranho.

**Entrevistadora:** Mas já aconteceu de você falar com alguém?

**24:47 Criança:** Não. Não tem ninguém que eu conheço... quer dizer, tem, mas na mesma escola.

**Entrevistadora:** Mas aí você prefere não falar pra evitar que as pessoas interpretem errado. E vocês quando crescerem querem continuar que a família seja Santo Daime?

**25:02 Criança:** Eu quero.

Entrevistadora: Aí você quer, tipo assim, quando você tiver seus filhos, sua esposa, que eles também continuem.

**25:08 Criança:** Harã.

**Entrevistadora:** Porque que você quer continuar?

**25:10 Criança:** Ah, porque é legal, é bom.

### **9.3.7 Isabel (7 anos) – SANTO DAIME**

**Entrevistadora:** O que você faz lá na igreja?

**00:17 Entrevistada:** É, eu canto e fico... eu fico sentada e eu fico escutando eles cantarem quando eu não quero.

**Entrevistadora:** Você gosta de ir?

**00:44 Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** Você vai desde que nasceu né (aham), toma o daime (aham)... que gosto que tem?

**00:58 Entrevistada:** Amargo.

**Entrevistadora:** E você gosta?

**01:01 Entrevistada:** Aham.

**Entrevistadora:** Você aprendeu a gostar ou gosta desde sempre?

**01:05 Entrevistada:** Eu acho que eu aprendi a gostar (rindo).

**Entrevistadora:** É muito forte?

**01:10 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** E o que você sente depois que toma? Uma coisa boa?

**01:15 Entrevistada:** Uhum.

**Entrevistadora:** Você sabe dizer o que você sente?

**01:19 Entrevistada:** hu-hu.

**Entrevistadora:** E como você reza?

**02:34 Entrevistada:** Às vezes eu rezo o pai nosso... ave maria, essas coisas...

**Entrevistadora:** Do que você mais gosta na igreja?

**03:07 Entrevistada:** Dos hinos.

**Entrevistadora:** Canta um hino:

**03:59 Entrevistada:** “Dendum...

### **9.3.8 Larissa e Letícia (8 anos) - EVANGÉLICAS**

**Entrevistadora:** Larissa, você vem aqui na igreja desde sempre?

**00:48 Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** E o que você faz aqui na igreja?

**00:53 Entrevistada:** Eu oro, eu louvo, eu ouço a palavra.

**Entrevistadora:** É? O que mais? O que você aprende aqui? O que te ensinam? Ensinam a ouvir a palavra de Deus, como é que falam pra você fazer?

**1:11 Entrevistada:** Falam pra eu orar, fala pra eu louvar.

**Entrevistadora:** E você ora todos os dias? E o que você pede? O que você agradece normalmente? Se você fosse orar agora, antes de dormir, por exemplo, como é que é?

**1:31 Entrevistada:** Pra Deus abençoar o novo dia, pra nossa viagem, que a gente vai viajar amanhã.

**Entrevistadora:** Você ora por tudo isso, né? Que legal? E o que é esse... me explica um pouco sobre esse disco que estavam falando, como é que funciona?

**1:49 Entrevistada:** É que tem o número 1 até o 7, aí o número 1 é pra louvar, o número 2 é pra orar, o número 3 também é pra orar, o número 4 também, o número 5 também e o 6 é pra ler a palavra de Deus e o último é pra orar também.

**Entrevistadora:** E aí você ta cumprindo direitinho todos os dias? É quanto tempo que você fica orando?

**2:25 Entrevistada:** 15 minutos.

**Entrevistadora:** E aí não cansa não?

**2:31 Entrevistada:** Não cansa e é bom.

**Entrevistadora:** E como é que você se sente depois que termina?

**2:43 Entrevistada:** Paz e mais tranqüila.

**Entrevistadora:** Então ta bom. E o que você mais gosta daqui? É dos amigos ou da oração? Quando você vai vir pra cá o que você pensa que você mais gosta, que você mais se sente bem?

**3:00 Entrevistada:** Tudo.

**Entrevistadora:** Olha que bom. Tudo, o que é tudo?

**3:04 Entrevistada:** O louvor, oração, a palavra.

**Entrevistadora:** Tudo você gosta? Ah, então ta bom. Deixa eu fazer com a outra.

**Entrevistadora:** Letícia, e você, o que você mais gosta daqui?

**3:48 Entrevistada:** O louvor, a palavra, a salinha.

**Entrevistadora:** E o que você tem que fazer assim no seu dia a dia pra ficar de acordo com a palavra de Deus?

**4:24 Entrevistada:** É. Eu faço pra ajudar... pra arrumar a cama, pra limpar a cozinha e pra varrer a casa.

**Entrevistadora:** Ah, muito bem. E com os amigos na escola, o que você tem que fazer assim pra...

**4:47 Entrevistada:** Eu ajudo eles a fazer o dever.

**Entrevistadora:** É? E na hora de brincar, como é?

**4:54 Entrevistada:** Eu brinco com eles também.

**Entrevistadora:** Compartilha os brinquedos, é assim? Ah, que legal. E Letícia, você sabe dizer o que é Deus pra você?

**5:05 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Não sabe? Nem tentar descrever? É difícil né? Eu também não saberia, mas tem alguma coisa que você ouve aqui?

**5:15 Entrevistada:** Eu ouço a palavra de Deus e louvor.

**Entrevistadora:** Quem é Jesus Letícia?

**5:30 Entrevistada:** É... Jesus pra mim é um... deixa eu ver... não sei.

**Entrevistadora:** O que ele criou? Ele criou todo mundo? Como é que é?

**5:47 Entrevistada:** Ele criou as pessoas, os alimentos e os... e só.

**Entrevistadora:** É? O que você sente quando você ora pra Jesus?

**6:05 Entrevistada:** Eu sinto felicidade e paz.

**Entrevistadora:** Hum, muito bem. E tem alguma coisa que você lembra que você queria muito e aí você orou e aconteceu?

**6:17 Entrevistada:** Eu queria um carrinho e uma boneca.

**Entrevistadora:** E aí aconteceu? Aí você orou pra Deus?

**6:26 Entrevistada:** É.

**Entrevistadora:** Ah, que legal. Então tá bom meninas. Muito obrigada, viu?

### **9.3.9 Luísa (7 anos) - EVANGÉLICA**

**Entrevistadora:** Você gosta de vir pra cá? O que você sente na hora que está aqui?

**10:09 Entrevistada:** Eu sinto alegria de estar vindo pra cá.

**Entrevistadora:** É? E o que mais? O que você pensa na hora que está vindo? Você acha que vai fazer o que aqui? O que você sente?

**10:22 Entrevistada:** Não sei.

**Entrevistadora:** O que eles ensinam aqui? O que você faz aqui?

**10:29 Entrevistada:** Eu oro aqui, eu louvo a Deus aqui, eu... aqui eu vou pra salinha, aqui eu ouço a palavra. Muitas coisas.

**Entrevistadora:** O que você mais gosta daqui? Diz uma coisa que você prefere de tudo aqui?

**11:05 Entrevistada:** É, eu gosto do louvor, da palavra.

**Entrevistadora:** Você canta muito aqui ou não?

**11:12 Entrevistada:** Mais ou menos.

**Entrevistadora:** Você gosta das músicas?

**11:15 Entrevistada:** Gosto.

**Entrevistadora:** E durante o dia, o que você faz? Você faz oração? Você ora todo dia?

**11:21 Entrevistada:** Não, todo... não, eu oro, mas... eu não oro toda hora também, eu oro.

**Entrevistadora:** Entendi. Mas todo dia antes de dormir, depois? Que horas é?

**11:35 Entrevistada:** Antes de dormir, quando eu acordo, antes de almoçar e quando eu vou acordar.

**Entrevistadora:** E como é que é essa oração? O que você fala? O que você pede?

**11:48 Entrevistada:** Eu agradeço a Deus por esse dia, eu agradeço a Deus porque...

**Entrevistadora:** Fala tudo o que você quer contar, tudo o que você lembrar. O que fala nessa oração?

**12:17 Entrevistada:** Eu agradeço a Deus pela minha vida, eu agradeço a Deus por aquele dia, eu agradeço a Deus pelo meu pai, pela minha mãe, pelo meu irmão, pelo meu pai e pela minha mãe, e eu agradeço a Deus porque eu tenho minha cama, porque eu tenho meu quarto, eu tenho tudo o que eu preciso, Deus me dá o que eu preciso.

**Entrevistadora:** O que você tem que fazer pra deixar Cristo feliz, pra seguir os ensinamentos da igreja?

**13:09 Entrevistada:** Obedecer minha mãe, obedecer meu pai, não mentir pra minha mãe e pro meu pai quando eu faço alguma coisa errada. Várias coisas.

**Entrevistadora:** E na escola, você tem alguns amigos que são evangélicos também? Ou não?

**13:30 Entrevistada:** Tem alguns. Alguns evangelizei e alguns já eram.

**Entrevistadora:** Ah é? E como é que você evangelizou eles?

**13:37 Entrevistada:** Falando que Deus é poderoso, que Deus ama todos eles, que Deus... que só tinha 3 pães e 2 peixes, né? E Deus multiplicou e sobrou, por causa que a multidão queria comer e só tinha 2 pães e 3 peixes, Deus multiplicou e ainda sobrou.

**Entrevistadora:** O que eles acharam quando você falou isso?

**14:09 Entrevistada:** Alguns não acreditaram e alguns acreditaram.

**Entrevistadora:** Aí você pegou os que acreditaram e começou a conversar todo dia? Como é que foi?

**14:16 Entrevistada:** É. Eu comecei a convidar pra célula, mas até hoje eles não vieram, comecei a convidar pra igreja.

**Entrevistadora:** Mas como é que você sabe que agora eles acreditam no que você falou? Eles falam que eles acreditam?

**14:30 Entrevistada:** Arã.

**Entrevistadora:** Eles se sentem bem? Você acha que você ajudou eles?

**14:35 Entrevistada:** Arã.

**Entrevistadora:** Ah, que bom. E pra você o que é Deus?

**14:41 Entrevistada:** Pra mim, o que é Deus?

**Entrevistadora:** Difícil né? Mas tenta pensar em uma... o que você acha, o que te ensinam aqui também.

**14:49 Entrevistada:** Deus pra mim é minha vida, né? Deus pra mim é tudo, Deus pra mim é... Deus pra mim é...

**Entrevistadora:** Mas tá bom, já tem uma boa definição já, se já é a vida dela já é ótimo. E você teve alguma experiência com Deus? Alguma vez você falou com ele? Alguma coisa que você rezou muito e deu certo? Me conta como foi?

**15:21 Entrevistada:** Assim, minha mãe tava com muita dor de cabeça um dia, ela ficou lá muito tempo na cama, aí eu orei muito por ela, muito, muito, muito, muito pra ela poder melhorar e Deus ajudou ela e melhorou, né mamãe? E também pedi muito a Deus que eu passasse na minha prova, porque eu tava tendo algumas dificuldades, eu não tava conseguindo. Aí eu pedi muito e muito a Deus e ele me ajudou.

**Entrevistadora:** Ah, que bom. Então você acha que todo dia você tem uma experiência com Deus?

**15:55 Entrevistada:** É.

**Entrevistadora:** Ah, então tá certo, tá bom. O que você quer fazer quando você crescer?

**16:02 Entrevistada:** Eu quero ser pastora de uma nação inteira.

**Entrevistadora:** Ah é? E quando é que você teve essa idéia? Como é que foi?

**16:13 Entrevistada:** Quando a mamãe começou a ser pastora.

**Entrevistadora:** E mas porque que você quer ser pastora? Porque você acha bonito? O que você acha?

**16:34 Entrevistada:** Eu gosto.

**Entrevistadora:** Porque que você gosta?

**16:38 Entrevistada:** Hum... o pastor faz, ele ora pelas pessoas, ele ajuda as pessoas, ele...

**Entrevistadora:** Você acha que o que você fez na sua escola parece com o que um pastor faz? De ajudar os colegas e ensinar as palavras de Deus pra eles?

**17:00 Entrevistada:** Acho que sim.

**Entrevistadora:** Então você já está dando os primeiros passos pra virar pastora. E porque de uma nação inteira?

**17:11 Entrevistada:** Na verdade de um país inteiro.

**Entrevistadora:** Ah é? Qual país?

**17:19 Entrevistada:** Do Brasil. Ah, dos EUA.

**Entrevistadora:** Ah é? Porque?

**17:32 Entrevistada:** É sim, é dos EUA e do... como é o nome? Ah, da China.

**Entrevistadora:** Ah é? Porque da China?

**17:47 Entrevistada:** Porque eu gosto da China.

**Entrevistadora:** Você sabe que lá é onde tem mais gente no mundo, né? Então você ia alcançar mais gente ainda. Você sabe disso? Você pensou nisso na hora?

**17:58 Entrevistada:** Pensei.

**Entrevistadora:** Ah, então ta bom. Muito bem Luisa.

### **9.3.10 Marina (12 anos) – ESPÍRITA**

**Entrevistadora:** Como foi sua ida ao centro? Quando começou a se interessar?

**16:53 Entrevistada:** Quando minha mãe contava o que que era e me explicava sobre reencarnação, ai eu comecei a gostar, ai ela me colocou na aula da comunhão, ai eu comecei a me interessar bem mais, ai eu comecei.

**Entrevistadora:** E o que você sentia logo que chegou lá? Achou estranho, o que aprendeu lá?

**17:19 Entrevistada:** É, porque eu não entendia muito bem porque eu nunca tinha visto o que eles tavam falando, ai era uma coisa meio estranha, o ambiente, ai depois eu me acostumei.

**Entrevistadora:** E você pensa sobre outras vidas?

**17:44 Entrevistada:** É, eu já pensei tipo o que eu poderia ter sido nas vidas anteriores...

**Entrevistadora:** E o que eles já te ensinaram lá?

**18:03 Entrevistada:** Sobre os apóstolos de Jesus, da bíblia mesmo.

**Entrevistadora:** E sobre a doutrina mesmo?

**18:15 Entrevistada:** Não, eles já citaram algumas coisas, mas ainda não muito, eles falavam essas coisas de Moisés ainda.

**Entrevistadora:** Você ora todos os dias?

**19:54 Entrevistada:** Todo dia de manhã quando eu to indo pro colégio com a minha mãe a gente reza três ave Maria, um pai nosso, faz um agradecimento e pede proteção.

**Entrevistadora:** O que é Deus pra você?

**20:12 Entrevistada:** Há pra mim é uma espírito evoluído, uma fonte de amor, de proteção pra gente.

**Entrevistadora:** Como é no colégio, tem amigas espíritas?

**20:39 Entrevistada:** A maioria é católica, só que tem uma amiga minha que assim, ela não tem uma religião definida. Ela sabe muitas coisas do espiritismo como do catolicismo. A gente conversa bastante, a mãe dela é médium. Ela tem um pouco.

**Entrevistadora:** E você teve medo de falar de espírito?

**21:09 Entrevistada:** É, eu já tive umas coisas assim, mas depois que minha mãe me explicou que eles não podem interagir com você e tudo mais, que eles estão pra aconselhar, ai eu não tive mais medo.

**Entrevistadora:** E o que você fazia quando já tinha medo?

**21:37 Entrevistada:** Quando eu fico com medo de espírito coisa assim, eu fico rezando.

**Entrevistadora:** Tem algo que te incomoda no espiritismo?

**21:55 Entrevistada:** Não, eu não tenho nada contra.

**Entrevistadora:** Experiência:

**22:54 Entrevistada:** A gente tava na educação física, ai eu tava sentada com essa minha amiga e, ai eu vi uma coisa, parecia uma pessoa borrada em cima do muro. ai eu perguntei se tinha alguma coisa ali, ai ela falou tem uma planta, só que ela tá no chão e não no muro. ai eu meio que percebi que era uma coisa diferente, eu não sei bem se era um espírito, se era só ilusão ou qualquer coisa assim.

**23:39 Entrevistada:** Ele tava ali, mas acabou a aula eu não vi mais, mas eu sempre sinto uma coisa assim. a gente ficou meio sem saber se chegava perto pra ver o que que era, ai a gente preferiu ficar longe. Ela se assustou mais que eu.

### **9.3.11 Matheus (11 anos) – SANTO DAIME**

**Entrevistadora:** Há quanto tempo você frequenta o santo daime?

**00:26 Entrevistado:** Há 11 anos.

**Entrevistadora:** Você gosta de lá?

**00:30 Entrevistado:** Gosto.

**Entrevistadora:** E o que você faz lá?

**00:33 Entrevistado:** Lá a gente reza... e só.

**Entrevistadora:** E você toma o daime? Gosta?

**00:45 Entrevistado:** Tomo... hmmm, meio amargo.

**Entrevistadora:** Você acha ruim tomar?

**00:48 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Se sente bem quando toma ele?

**00:53 Entrevistado:** Sinto.

**Entrevistadora:** E qual a importância do daime?

**00:57 Entrevistado:** Eu acho importante pra gente bailar lá no... santo daime.

**Entrevistadora:** E com ele você entra em contato com deus?

**01:06 Entrevistado:** É.

**01:45** (trecho da reza salve rainha).

**Entrevistadora:** Sabe dizer o que é deus pra você?

**02:01 Entrevistado:** Su não sei explicar.

**Entrevistadora:** E o que você ora?

**02:22 Entrevistado:** Eu rezo e peço, peço proteção pra família, essas coisas.

**Entrevistadora:** E como é quando você vai pra lá?

**02:44 Entrevistado:** A gente chega lá, ai tem a fila pra tomar o daime, a gente reza antes e depois vai pra bailar né mãe.

**Entrevistadora:** E como é bailar?

**03:49 Entrevistado:** Ah, é, três pra cá, três pra cá. mais ou menos, não sei explicar direito.

**Entrevistadora:** Canta, e tem palmas?

**03:08 Entrevistado:** Palma não, com o maracá, é, o instrumento.

**Entrevistadora:** E você toca o maracá?

**03:15 Entrevistado:** Não, eu não toco não. Minha mãe toca.

**Entrevistadora:** E você vai sempre lá?

**03:27 Entrevistado:** De vez em quando. Quando dá, tem hinário de vez quando oração de domingo.

**Entrevistadora:** aqui no colégio tem outros alunos do santo daime?

**03:39 Entrevistado:** tinha o Thiago e a Raquel que saíram esse ano.

**03:50 Entrevistado:** Eles ainda moram lá na chácara.

**Entrevistadora:** E você fala com seus colegas do colégio sobre santo daime?

**04:05 Entrevistado:** Não, porque a gente não conversa sobre isso.

**Entrevistadora:** É porque eles não entendem?

**04:14 Entrevistado:** Não sei, a gente nunca conversa.

### **9.3.12 Pedro (5 anos) - UMBANDISTA**

**Entrevistadora:** Pedro, você gosta de vir aqui no centro?

**00:05 Entrevistado:** Gosto.

**Entrevistadora:** E o que você faz aqui?

**00:13 Entrevistado:** Eu assisto umas palestras com a minha mãe.

**00:20 Entrevistado:** Eu vejo o pessoal cantando

**Entrevistadora:** Tem muito tempo que você vem aqui?

**00:32 Entrevistado:** Tem.

**Entrevistadora:** E você sabe dizer o que é Deus pra você?

**00:41 Entrevistado:** Não, não sei.

**Entrevistadora:** E você lembra o que aquele adulto que estava falando igual a uma criança com você semana passada falou? Ele falou para você tomar um banho...

**01:55 Entrevistado:** De rosa “banca”

**Entrevistadora:** E pra que que era esse banho?

**02:08 Entrevistado:** Para limpar tudo.

**Entrevistadora:** E você reza todo dia Pedro? Como é a oração que você faz?

**02:42 Entrevistado:** Santo anjo do senhor, meu zeloso guardador que a ti me confiou a piedade divina que me rege, me guarde, me ilumine, amém. (oração do anjo da guarda).

**Entrevistadora:** E na escola, como é a sua oração antes de comer?

**04:10 Entrevistado:** Obrigado pelo lanchinho gostoso que temos, obrigado.

**Entrevistadora:** E você gosta da sua religião, da umbanda?

**04:33 Entrevistado:** Gosto.

(mãe: fala que você foi batizado...)

**04:38 Entrevistado:** Na igreja católica.

**Entrevistadora:** Evocê é católico e umbanda?

**05:06 Entrevistado:** Sou dos dois. Vou na missa...

**Entrevistadora:** E tem alguma coisa aqui que você não gosta?

**05:22 Entrevistado:** Não gosto muito das palmas.

**Entrevistadora:** Por quê?

**05:27 Entrevistado:** Faz muito “balhulho”.

### **9.3.13 Rafael (7 anos) – CATÓLICO**

**Entrevistadora:** Rafael, você gosta de freqüentar a igreja?

**7:58 Entrevistado:** Hum... gosto.

**Entrevistadora:** Gosta?

**8:02 Entrevistado:** Às vezes não.

**Entrevistadora:** Porque que você não gosta? O que tem lá que você não...

**8:07 Entrevistado:** Não gosto de ficar parado, não gosto de ficar quieto sentado e não gosto de ficar parado, sem poder fazer nenhuma coisa. Eu gosto de ficar na árvore da igreja, subindo na árvore, essas coisas, brincando de pega-pega com meu amigo.

**Entrevistadora:** Entendi. E aí fora da igreja, você gosta de rezar, fazer as coisas que você faria na igreja, mas em casa, por exemplo, que você não tem que ficar parado?

**8:35 Entrevistado:** Gosto.

**Entrevistadora:** Mas aí você ora todo dia? Como é que é? Você reza?

**8:39 Entrevistado:** Algumas vezes com minha prima a gente reza e algumas vezes não. A gente faz um monte de experiência.

**Entrevistadora:** Aí você faz mais experiências que ela?

**9:08 Entrevistado:** É, eu faço um monte de experiência, pego ninho, pego passarinho na mão. Um dia desse eu fui pegar o passarinho e ele ficou fazendo cocô, eu lavava e ele continuava.

**Entrevistadora:** Entendi. E quando você reza, você falou que você reza com sua prima às vezes, o que você reza? Como é que é?

**9:30 Entrevistado:** Eu rezo pra pedir pra não chover, peço obrigado por mais um dia, peço essas coisas.

**Entrevistadora:** Ah, que bonito. E pra quem que você reza?

**9:41 Entrevistado:** Pra Deus, pros anjos, pra tudo.

**Entrevistadora:** E o que é Deus pra você? Você saberia dizer? Como é?

**9:47 Entrevistado:** É força.

**Entrevistadora:** É uma força?

**9:51 Entrevistado:** Pra mim.

**Entrevistadora:** E o que ele te ajuda no seu dia a dia, todo o dia o que ele te ajuda? Você sente ele te ajudando? As vezes você precisa fazer uma coisa difícil.

**10:00 Entrevistado:** É assim, é porque algumas vezes assim em arvore você tem que ficar mais seguro, nos galhos finos, os galhos finos e ele me ajuda, ter força pra segurar.

**Entrevistadora:** E teve alguma vez que você precisou fazer alguma coisa que você queria muito e aí você rezou muito e aconteceu?

**10:25 Entrevistado:** É, eu rezei, rezei pra eu ir pescar, rezei muito tempo. Aí depois passou vários dias que eu fiz esse pedido, eu consegui pescar 6. No 6º peixe ele puxou a vara bem na hora que ele fisgou, aí ele saiu correndo, e pegou no anzol.

**Entrevistadora:** Você reza pra essas coisas?

**10:57 Entrevistado:** É, eu adoro pescar, meu pai não pescou nenhum, só eu que pesquei peixe assim. Já matou um peixe, eu pesco e não gosto quando sai sangue da boca dele.

**Entrevistadora:** É ruim né? E o peixe é um animal que Deus criou? Você vê assim?

**11:18 Entrevistado:** É.

**Entrevistadora:** Mas aí você acha que você pode pescar ele?

**11:22 Entrevistado:** É, só que eu não gosto de levar pra casa, algumas vezes eu quero levar...

**Entrevistadora:** Porque que você não gosta de levar pra casa?

**11:30 Entrevistado:** Eu gosto, só que eu não levo porque... vai morrer pra que, não é? Ainda mais os filhotinhos, eles ficam tão felizes na hora que solta.

**Entrevistadora:** É mesmo? E aí você solta pra ele poder ficar na natureza, né? Porque é lá o lugar dele, não é isso? E como é que é a oração que você sabe fazer? Você pode fazer pra mim pra eu ver como é?

**12:12 Entrevistado:** Santo anjo do senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina. Me regue, me guarde, me governe, me ilumine, amém.

**Entrevistadora:** Muito bonito. Você faz essa oração todo dia?

**12:23 Entrevistado:** Todo dia que eu quero pedir alguma coisa, teve um dia que foi muito engraçado, eu rezei pra não chover e choveu.

**Entrevistadora:** Ah é? Não atenderam o seu pedido.

**12:31 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** E na escola tem algum outro amigo seu que é da igreja também?

**12:42 Entrevistado:** Alguns, o João Pedro.

**Entrevistadora:** Mas aí eles vão pra igreja também?

**12:51 Entrevistado:** Algumas vezes eu encontro o Lucas.

**Entrevistadora:** E você conversa com ele sobre a igreja?

**12:58 Entrevistado:** Não, a gente fica brincando mesmo.

**Entrevistadora:** Não conversa sobre isso, né?

**13:04 Entrevistado:** A gente brinca. Teve um dia que eu tava na árvore e a gente ficou conversando, eu fui subir lá no topo, levei uma batida na árvore, aí foi que Deus me ajudou a curar a batida, foi bem aqui atrás, aí deu um monte de raspada aqui.

**Entrevistadora:** Aí o que você fez? Você orou todo dia e Deus te ajudou, foi assim?

**13:33 Entrevistado:** É.

**Entrevistadora:** Muito bonito. E assim, o que você tem que fazer no seu dia a dia pra deixar Deus feliz?

**13:40 Entrevistado:** Não brigar com a minha prima... A Ana, minha irmã, ela é muito danadinha, ela briga comigo que só. Quando ela tá lá em casa ela detesta ficar com a Dona Maria, que é a minha empregada, e sempre tenho que ficar com ela, ela acorda já berrando, eu to fazendo meu trabalho, plantando horta, colhendo as coisas, e ela fica só atrás de mim.

**Entrevistadora:** Mas aí o que você tem que fazer? Porque quando ela fica assim...

**14:26 Entrevistado:** Cuidar dos meus 4 bichos.

**Entrevistadora:** Mas aí quando ela fica... quando ela briga e tá birrando, o que tem que fazer de acordo com o que você aprende na igreja? Tem que ser paciente?

**14:38 Entrevistado:** É, tem que por um filme, tem que tentar fazer ela dormir, essas coisas assim.

**Entrevistadora:** Muito bom. E aí você quer fazer mais coisas na igreja ou não?

**14:50 Entrevistado:** Eu gosto um pouco assim, eu rezo. É porque eu já tive muitos anos 4 bichos, 1 peixe, 1 cachorro, 1 passarinho e uma minhocada, agora morreu o meu peixe que viveu muito tempo, e ele não era de viver muito tempo, eu cuidei muito e ele ficou. Aí agora tá o meu passarinho, que ele tá muito safadinho, só bica, canta, fala assim “Rafael”.

**Entrevistadora:** E o que aconteceu com esse... qual que morreu?

**15:23 Entrevistado:** O peixe, o peixe de briga. Assim, ele tem uma hora certa pra morrer, só que ele não morreu na hora certa, ele morreu depois da hora certa.

**Entrevistadora:** Porque será?

**15:37 Entrevistado:** Porque eu cuidei bem, eu tava cuidando, minha empregada me ajudou. Tem um girassol que eu plantei faz meses, eu cuidava muito, nas minhas viagens eu pedia pra minha empregada cuidar, ela não cuidou, quando ele morreu eu quase morri. Tinha um pé de jabuticaba que era desse tamanho, era assim um metro, sei lá, aí ele só ficava daquele tamanho, ele não crescia, e ia nascendo a jabuticaba desse tamanho. Aí quando meu cachorro matou eu quase morri.

**Entrevistadora:** Mas me conta, esse animal que morreu, pra onde que ele foi depois? Pra onde que a gente vai depois que morre?

**16:24 Entrevistado:** Pro céu.

**Entrevistadora:** Pro céu?

**16:25 Entrevistado:** Aí eu sempre enterro todos os peixes. Um dia uma menina foi muito safada, ela tava cuidando do meu peixe e deixou no copo, quando ela percebeu que ele ia morrer ela levou ele pra minha casa e deixou lá, morreu. Aí eu enterrei ele, todos foram pro céu.

**Entrevistadora:** Ah é? Como é que você sabe?

**16:47 Entrevistado:** Porque ele não fez nada de mal, não brigou, só que ele é peixe de briga.

**Entrevistadora:** E se ele não fosse comportado, o que ia acontecer?

**17:00 Entrevistado:** Ele ia pro... ele não ia pro céu, ele ia pro inferno.

**Entrevistadora:** E aí você acha que cuidou bem deles pra eles poderem ir, né? E você enterrou eles todos? Como é que foi?

**17:11 Entrevistado:** Eu enterrei, ficou aquele cheiro ruim mas eu agüentei.

**Entrevistadora:** E aí o que você falou na hora? Você fez um enterro bonito, você falou algumas palavras pra eles?

**17:23 Entrevistado:** Não, eu não gosto... eu não gostei quando eles morreram. Eu tinha 3 peixes. Não, eu tinha 10, aí eu fui dando e foi morrendo, fui dando e foi morrendo. Aí eu fiquei só com 2, porque eu já tinha dado pra um monte de gente. O meu amigo tem 2, depois que o meu morreu eu já vi ele, e não tinha morrido, já fazia muitos mais anos do que ele. É porque lá cuidava bem, lá na minha casa eles cresciam, sabe? Aí ele morreu mais rápido do que... morreu a mais.

**Entrevistadora:** Entendi. E deixa eu te perguntar, lá na igreja tem várias imagens igual aquelas ali que tem na casa da sua avó, e você gosta das imagens? Você acha bonito? Você olha pra elas ou não?

**18:24 Entrevistado:** Olho.

**Entrevistadora:** O que você fala com elas?

**18:27 Entrevistado:** Ah, eu sempre rezei, o meu pai e minha mãe iam lá comungar e eu ficava rezando, tinha um banquinho lá e eu ficava rezando.

**Entrevistadora:** Então ta bom Rafael, muito obrigada por ter me ajudado.

### **9.3.14 Tayon (11 anos) - MAHIKARI**

**Entrevistadora:** Tayon, desde quando você vai pra Mahikari?

**9:31 Entrevistado:** Desde que eu nasci que eu sou de lá.

**Entrevistadora:** E o que você acha de lá?

**9:38 Entrevistado:** É legal, você recebe o okyomi. Quando eu vou eu vou todo fraquinho, aí as vezes eu vou com sono, eu volto de lá todo alegre.

**Entrevistadora:** É mesmo? O que você acha que acontece?

**9:50 Entrevistado:** Teve um seminário passado, eu tinha feito um tratamento aqui e tava com muita dor, e não conseguia andar direito, aí depois do seminário dos 3 dias passou a dor.

**Entrevistadora:** Mas era o que? O que você fez aí? Era uma alergia?

**10:04 Entrevistado:** Era um tratamento, que eu to com um cisto.

**Entrevistadora:** Hum, entendi. Mas aí doía? O que você sentia?

**10:10 Entrevistado:** Ficava incomodando, doendo um pouco. Aí depois de 3 dias de seminário passou a dor.

**Entrevistadora:** Entendi. E o que você faz lá? Eu já fui lá, já vi mais ou menos, eu queria que você contasse como é.

**10:22 Entrevistado:** Eu faço o okyomi, recebo, e...

**Entrevistadora:** E tem o agradecimento no início.

**10:32 Entrevistado:** É, omairi, de quando chega e quando vai embora.

**Entrevistadora:** E o que é o omari? É uma saudação?

**10:41 Entrevistada:** Tem que fazer duas reverências, a primeira, a principal, aí agradecer a Deus, aí depois tem que fazer uma reverência, bater palma, e uma oração pra agradecer.

**Entrevistadora:** Entendi. O que é o okyomi, me explica?

**10:59 Entrevistado:** É uma luz que sai da mão, que na primeira semana que eu estava fazendo aquilo, minha mão suava muito quando eu fazia okyomi. Aí eu começava a fazer e eu não sabia que dava, começava a suar e depois parava. Aí saía uma luz.

**Entrevistadora:** Mas pra que é o okyomi?

**11:19 Entrevistado:** Pra ajudar as pessoas.

**Entrevistadora:** E como que eles ajudam? É energia, elas se sentem melhor?

**11:28 Entrevistado:** No meu caso teve uma senhora que tinha um... o filho dela tinha um cisto, aí (inaudível)[11:38] o cisto. Eu não lembro o nome dela só.

**Entrevistadora:** Entendi. E em relação a problemas espirituais, ele também ajuda?

**12:00 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** Entendi. E o que você pensa quando está fazendo o okyomi? E quando está recebendo?

**12:09 Entrevistado:** Pra tentar ajudar o máximo as pessoas, mesmo sem curar, ajudar pelo menos.

**Entrevistadora:** E por que você está lá ajudando as pessoas? Alguém te mandou? Você sente uma vontade? Porque você foi pra lá?

**12:36 Entrevistado:** Vontade, por vontade própria.

**Entrevistadora:** Ah é? E o que você acha que te ajuda, que ta ajudando os outros?

**12:43 Entrevistado:** Primeiro, antes de pensar na gente tem que pensar nos outros, pra poder ajudar a humanidade.

**Entrevistadora:** E quantas vezes você vai lá? Você fica quanto tempo lá?

**12:54 Entrevistado:** Tem dias que eu vou e fico 2 horas, aí quando eu não vou minha mãe faz o okyomi em casa.

**Entrevistadora:** Então todo dia você recebe o okyomi?

**13:03 Entrevistado:** É, todo dia.

**Entrevistadora:** Mas normalmente é quantas vezes na semana que você consegue ir?

**13:10 Entrevistado:** Umas 3, 4.

**Entrevistadora:** Aí você gasta o seu tempo lá que você podia estar brincando...

**13:15 Entrevistado:** E é melhor lá.

**Entrevistadora:** Ah é? Porque?

**13:18 Entrevistado:** Porque lá eu tenho bastante amigos, dá pra fazer okyomi, receber.

**Entrevistadora:** Você preferia estar lá do que fazendo o que?

**13:27 Entrevistado:** Brincar. Porque lá tem... eu tenho mais amigo lá do que na escola, na escola eu só tenho 15.

**Entrevistadora:** Ah é? Nossa. E lá na escola você tem amigos que são da Mahikari, ou não?

**13:43 Entrevistado:** Tenho 2.

**Entrevistadora:** E você conversa sobre a Mahikari lá com eles ou não?

**13:48 Entrevistado:** Mas eles ficam com os amigos deles.

**Entrevistadora:** E o pessoal lá sabe que você é da Mahikari? O pessoal da escola?

**13:56 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Porque que eles não sabem?

**13:58 Entrevistado:** Eu não contei.

**Entrevistadora:** Porque?

**14:01 Entrevistado:** É que eu tenho vergonha. Eu já falei pra minha tia de português, pra tia eu já falei.

**Entrevistadora:** Mas porque que você tem vergonha? Você acha que eles iam achar estranho?

**14:11 Entrevistado:** Tem alguns são evangélicos, aí eu tenho vergonha um pouco.

**Entrevistadora:** Mas você acha que eles...

**14:16 Entrevistado:** Eles ficam perguntando.

**Entrevistadora:** Mas aí você acha que eles iam ficar brincando, caçoando de você por causa disso?

**14:29 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Mais é vergonha mesmo.

**14:31 Entrevistado:** É, é vergonha. Pra minha tia eu já falei, de português.

**Entrevistadora:** E o que ela achou?

**14:37 Entrevistado:** Ela queria que... eu falei da revista que tinha e ela queria que eu levasse, só que eu esqueci de levar.

**Entrevistadora:** Mas ela se interessou?

**14:44 Entrevistado:** Hurum. Ela está curiosa pra saber como é essa luz.

**Entrevistadora:** Você já viu essa luz?

**14:51 Entrevistado:** Só sinto.

**Entrevistadora:** E ela é boa? Como é que você descreve ela pra mim?

**14:58 Entrevistado:** As vezes você sente quente, começa a suar. Tem vezes que fazendo okyomi eu suar bastante.

**Entrevistadora:** Você coloca muita força, muita energia?

**15:09 Entrevistado:** As vezes sim, dá pra sentir.

**Entrevistadora:** E você já sentiu isso em alguma pessoa que tá muito mal assim? Você consegue sentir que ela está ruim ou não?

**15:19 Entrevistado:** Huhum.

**Entrevistadora:** Você só passa essa energia boa pra ela?

**15:20 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** E em casa, o que você faz no dia a dia que tem a ver com a Mahikari?

**15:28 Entrevistado:** Ah, de manhã eu oro e a noite também.

**Entrevistadora:** E como é essa oração que você faz?

**15:35 Entrevistado:** Eu faço 2 reverências, 3 palmas e agradeço a Deus pelo dia de hoje.

**Entrevistadora:** Entendi, e de noite também você falou que faz?

**15:42 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** E o que é Deus pra você?

**15:46 Entrevistado:** É o centro.

**Entrevistadora:** É o centro do que?

**15:49 Entrevistado:** Das atenções.

**Entrevistadora:** Ah é? Porque?

**15:55 Entrevistado:** Porque Deus que nos criou.

**Entrevistadora:** O que você sente por Deus quando você está orando?

**16:00 Entrevistado:** Amor.

**Entrevistadora:** É? E ele tem te ajudado nas coisas do dia a dia?

**16:05 Entrevistado:** Hurum, no meu tratamento. Era grandão e agora tá pequenininho.

**Entrevistadora:** Mas você tá fazendo algum outro tratamento fora ou não?

**16:13 Entrevistado:** Lá em Ribeirão.

**Entrevistadora:** E aí você acha que ele está diminuindo agora?

**16:19 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** Ah, que bom. Mas você sente dor?

**16:21 Entrevistado:** Não, não mais.

**Entrevistadora:** Antes você sentia?

**16:24 Entrevistado:** É, depois do tratamento.

**Entrevistadora:** Quando surgiu isso?

**16:29 Entrevistado:** Quando eu nasci. (irmã corrige: quando tinha 3 anos)

**Entrevistadora:** Ah é? Mas o que é?

**16:39 Entrevistada:** Eram 2 cistos, era bem grande...

**Entrevistadora:** Mas o nome é cisto mesmo? Fala pra mim onde ele está...

**16:52 Entrevistada:** Pescoço. Agora já está bem pequenininho, era desse tamanho assim.

**Entrevistadora:** E aí você sentia dor antes? O que você sentia?

**17:00 Entrevistado:** Ele ficava incomodando, doía um pouco. Quando eu deitava não podia ficar do lado aqui que começava a doer.

**Entrevistadora:** E qual foi a causa? Tem uma causa ou não?

**17:12 Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Surgiu, não é hereditário, não é nada. E aí está diminuindo desde que... você ta fazendo tratamento médico e com o okyomi.

**17:21 Entrevistado:** É.

**Entrevistadora:** Aí todo dia sua mãe faz concentrado aqui?

**17:24 Entrevistado:** É, 5 minutos .

**Entrevistadora:** E quanto tempo dura o okyomi que você faz nas pessoas?

**17:29 Entrevistado:** 32 minutos. 10 aqui, 12 aqui e 10 aqui, e...

**Entrevistadora:** Fala pra mim a região, pra ficar registrado.

**17:38 Entrevistado:** Frontal, 10 na cabeça, 12 aqui atrás no pescoço, na região do pescoço, e 10 no rim, 5 de cada lado.

**Entrevistadora:** E aí você não cansa fazendo?

**17:55 Entrevistado:** Não, é legal.

**Entrevistadora:** Você não acha chato assim “ai ta demorando”.

**18:00 Entrevistado:** Não, é bom.

**Entrevistadora:** Mas porque que é bom?

**18:04 Entrevistado:** Você fica fazendo aqui e fica tão triste, aí depois quando começa a fazer fica todo alegre, você sente alegria dentro.

**Entrevistadora:** Hum, que coisa boa. E como é que você aprendeu? Você fez o seminário, como é que foi isso?

**18:17 Entrevistado:** No seminário ensinou.

**Entrevistadora:** Quando foi o seminário?

**18:21 Entrevistado:** Ah, não lembro, foi ano passado.

**Entrevistadora:** E aí o que você aprendia lá no seminário?

**18:27 Entrevistado:** Todos os espíritos, como fazer okyomi, aprendi sobre o espiritual...

**Entrevistadora:** E a técnica do okyomi, alguém te ensinou?

**18:46 Entrevistado:** Ah, tem que ficar 30cm da cabeça, tem a aula.

**Entrevistadora:** Como é que é esse? Tem que ficar 30cm...

**18:55 Entrevistado:** Da cabeça, da região onde você está fazendo, a distância.

**Entrevistadora:** E tem alguma outra técnica ou dica que eles te dão?

**19:05 Entrevistado:** A aula.

**19:07 Entrevistada:** Tem aula de explicação...

**19:11 Entrevistado:** Antes do seminário tem algumas aulas.

**Entrevistadora:** E você faz o okyomi só em gente mais velha que você, né?

**19:16 Entrevistado:** Ah, as vezes é gente menor. A maioria é mais velha.

**Entrevistadora:** E aí, é engraçado? Eles acham assim “nossa, um menininho tão pequeno vai fazer em mim”.

**19:29 Entrevistado:** Às vezes sim.

**Entrevistadora:** E o que eles falam?

**19:31 Entrevistado:** Às vezes eles querem que eu faça porque eu sou pequeno.

**Entrevistadora:** Ah é? E como é que... você sabe me falar aquela oração que você fala antes, do okyomi?

**19:42 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** Você pode falar pra mim?

**19:43 Entrevistado:** (reza japonesa)

**Entrevistadora:** E você sabe japonês?

**20:46 Entrevistado:** Não. Só algumas coisas.

**Entrevistadora:** E aí como é que foi pra você decorar tudo isso aí? Porque você não falava né?

**20:51 Entrevistado:** É porque antes eu não conseguia aplicar eu ouvia as pessoas e eu decorei.

**Entrevistadora:** Ah é? Foi só ouvindo. Então quando você chegou no seminário você já sabia fazer.

**21:01 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** Nossa, que maravilha. Mas aí o que isso quer dizer? O que você tá dizendo com essas coisas?

**21:06 Entrevistado:** Eu não sei.

**Entrevistadora:** Mas você sabe que é uma coisa pra iluminar.

**21:09 Entrevistado:** Tem uma explicação...

**Entrevistadora:** Aí você não sabe qual é?

**21:13 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Mas você sabe que é uma coisa pra introduzir, pra vocês se concentrarem, não é? Entendi. E Tayon, teve alguma experiência que você teve dentro da Mahikari que você se lembre, ou alguma coisa que você orou muito e aconteceu, ou então que você sentiu que a pessoa estava mal e depois do okyomi você viu que ela estava mais feliz, ou algum caso de alguém que tava doente, que você lembra. Tem algum assim que você lembra? Que te marcou?

**21:40 Entrevistado:** Não, que eu lembre não.

**Entrevistadora:** E de repente algum dia nessa semana mesmo que você foi, alguém que você conheceu.

**21:48 Entrevistado:** Hu-hu.

**Entrevistadora:** E nem fora da Mahikari, uma coisa que você orou muito e deu certo? Ou então até pra parar seu cisto, ou não?

**22:02 Entrevistado:** É, o cisto baixou, eu orava pra poder ajudar a família, o tratamento antes de ir pra Ribeirão, eu orava para o tratamento dar certo.

**Entrevistadora:** E deu, né?

**22:17 Entrevistado:** Hurum.

**Entrevistadora:** Que bom! E assim, fora as pessoas, você pratica o okyomi em alimento, alguma coisa assim antes de comer?

**22:24 Entrevistado:** Sim. Antes de comer a gente faz o okyomi pra tirar um pouco das toxinas.

**Entrevistadora:** E outras coisas também ou não? Fora alimento e as pessoas, tem alguma outra coisa?

**22:41 Entrevistado:** Ah é, a gente fez aqui na casa... às vezes na escola faz o okyomi, no trabalho.

**Entrevistadora:** Pode fazer em qualquer coisa?

**22:49 Entrevistado:** É.

**Entrevistadora:** Que diferença você acha que faz você receber o okyomi? Se um dia você não receber, você acha que...

**23:04 Entrevistado:** Eu fico triste, eu fico mal.

**Entrevistadora:** Ah é?

**23:07 Entrevistado:** Quando eu vou pra Mahikari eu vou todo molenguinho, aí depois que eu recebo eu fico todo feliz.

**Entrevistadora:** É mesmo? Que coisa boa.

**23:15 Entrevistado:** É até divertido.

**Entrevistadora:** Tem alguma coisa que você não gosta lá? Que te incomoda?

**23:22 Entrevistado:** Hum, ficar muito tempo, não agüento. Ficar de joelho.

**Entrevistadora:** Então você pretende continuar indo lá sempre, sempre, sempre?

**24:00 Entrevistado:** Hurum, todos os dias. Amanhã eu vou.

**Entrevistadora:** E quando você crescer você quer continuar indo lá? Quando você tiver sua família, levar sua família pra lá também?

**24:09 Entrevistado:** Hurum. No próximo ano eu quero fazer o seminário intermediário.

**Entrevistadora:** Qual é esse? É um...

**24:16 Entrevistado:** É o segundo.

**Entrevistadora:** E o que você vai aprender nesse outro?

**24:20 Entrevistado:** Eu não sei.

**Entrevistadora:** Mas porque você quer fazer? Pra aprender mais?

**24:25 Entrevistado:** Pra aprender mais sobre a Mahikari.

**Entrevistadora:** E essa medalhinha de quem faz o... essa aí que você tem. Me explica sobre ela.

**24:33 Entrevistado:** É uma medalha que vem de Deus, que é pra dar luz pra gente conseguir fazer o okyomi.

**Entrevistadora:** E quem te deu ela? Foi depois do seminário? É isso? Quando você está apto?

**24:47 Entrevistado:** Hurum, no terceiro dia.

**Entrevistadora:** Aí essa medalha significa que você está pronto pra fazer o okyomi?

**24:53 Entrevistado:** Hurum.

### **9.3.15 Théo (5 anos) – JUDEU**

**Entrevistadora:** Você gosta de ir na Acib?

**00:13 Entrevistado:** Sim.

**Entrevistadora:** Quando você vai lá?

**00:18 Entrevistado:** Sexta e sábado.

**Entrevistadora:** O que você faz lá?

**00:22 Entrevistado:** Eu brinco, eu faço reza.

**01:03 Entrevistado:** Todo dia que eu chego na escola eu rezo.

**01:17 Entrevistado:** Eu a-gra-de-ço.

**Entrevistadora:** Tem algum outro judeus na sua escola?

**02:04 Entrevistado:** Nenhum, eu sou o único. Só tem a safira, minha irmã.

**Entrevistadora:** Você conversa com eles sobre judaísmo?

**02:14 Entrevistado:** Não, eu só converso algumas coisas.

**Entrevistadora:** E as festas judaicas?

**03:06 Entrevistado:** Eu só me lembro de uma. Purim.

**Entrevistadora:** A as outras? o que vocês fazem no Chanucá?

**03:32 Entrevistado:** A gente ascende as velas.

### **9.3.16 Thayná (8 anos) - EVANGÉLICA**

**Entrevistadora:**Thayna, você vai sempre à igreja?

**00:26 Entrevistado:** Não, só às vezes.

**Entrevistadora:** Desde quando você vai pra igreja?

**00:43 Entrevistado:** Desde que eu tenho 8 anos.

**Entrevistadora:** Então você só foi esse ano que passou?

**00:48 Entrevistado:** Foi, só final de semana quando a tia da minha amiga vinha. Aí eu ia pra igreja.

**Entrevistadora:** E qual igreja você ia?

**01:01 Entrevistado:** Evangélica.

**Entrevistadora:** E por que você só ia quando ela vinha?

**01:05 Entrevistado:** Por causa que eu não podia ir sozinha.

**Entrevistadora:** Mas e a sua família?

**01:10 Entrevistado:** São tudo católico.

**Entrevistadora:** E como é isso, a família toda católica e você indo na evangélica?

**01:17 Entrevistado:** É, porque a amiga... a tia da minha amiga é evangélica.

**02:17 Entrevistado:** Eu vou pra igreja com a tia da minha amiga porque ela é evangélica e só final de semana que eu vou.

**Entrevistadora:** E a sua família?

**02:32 Entrevistado:** Minha família são tudo católico.

**Entrevistadora:** E ninguém da sua família quer te levar pra católica.

**02:36 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Mas você preferia ir pra católica?

**02:41 Entrevistado:** Não, qualquer igreja tão bom.

**Entrevistadora:** Mas você se considera católica ou evangélica?

**02:48 Entrevistado:** Católica.

**Entrevistadora:** Mesmo freqüentando a evangélica?

**02:52 Entrevistado:** Porque eu só vou às vezes, final de semana.

**Entrevistadora:** E como é toda vez que você vai lá?

**03:11 Entrevistado:** Eles cantam, eles falam um monte de coisa.

**Entrevistadora:** Você tem uma bíblia?

**03:27 Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Sua mãe é católica ou de igreja nenhuma?

**03:37 Entrevistado:** Não é de igreja nenhuma.

**Entrevistadora:** E você reza todos os dias?

**03:45 Entrevistado:** Rezo... agora eu parei uns dias de rezar porque eu esqueço.

**03:57 Entrevistado:** Eu tenho um livro de oração da criança.

**Entrevistadora:** E como é a oração?

**04:06 Entrevistado:** Pai nosso, que estais no céu

santificado seja o vosso nome,

venha a nós o vosso reino,

seja feita a vossa vontade,

assim na terra como no céu.

o pão nosso de cada dia nos dai hoje.

perdoai as nossas ofensas,  
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.  
e não nos deixeis cair em tentação,  
mas livrai-nos do mal,  
amém.

ave maria,  
cheia de graça,  
o senhor é convosco,  
bendita sois vós entre as mulheres,  
bendito é o fruto em vosso ventre,  
jesus.  
santa maria mãe de deus,  
rogai por nós os pecadores,  
agora e na hora da nossa morte.  
amém.

**Entrevistadora:** Epor que você ora? Você acha importante?]

**04:52 Entrevistado:** Não, porque eu gosto.

**Entrevistadora:** E como você ora, você ajoelha na sua cama?

**04:58 Entrevistado:** Não, só quando eu vou dormir que eu deito na minha cama e rezo.

**Entrevistadora:** E você ora em voz alta ou na sua cabeça?

**05:06 Entrevistado:** Eu rezo bem baixinho.

**Entrevistadora:** O que é deus pra você, como ele é?

**05:33 Entrevistado:** Ele fica no céu, a gente não pode ver.

**Entrevistadora:** E ele tá com você o tempo todo?

**05:39 Entrevistado:** Deve tá.

**Entrevistadora:** E ele é quem criou tudo, criou você?

**05:48 Entrevistado:** Deve ser.

**Entrevistadora:** E o que acontece depois que a gente vive aqui, você sabe?

**06:12 Entrevistado:** Muitas coisas.

**Entrevistadora:** E tem céu e inferno? Você acha que você vai pra onde?

**06:28. Entrevistado:** Pro céu.

**Entrevistadora:** E por que?

**06:31 Entrevistado:** Porque sim.

**Entrevistadora:** E essa história de fazer xixi na cama?

**07:14 Entrevistado:** É porque quando eu faço xixi na cama é porque eu fiz alguma coisa de mal. Porque quando eu faço xixi na cama minha mãe fica brigando comigo. E aí quando a minha prima faz, eu também brigo com ela.

**Entrevistadora:** E aí deus está castigando por quê?

**07:51 Entrevistado:** Porque eu briguei com ela. E aí eu faço xixi na cama também.

**08:17 Entrevistado:** Quando eu faço xixi na cama eu acho que é deus castigando porque eu fiz alguma coisa ruim.

**08:36 Entrevistado:** Às vezes quando eu rezo não acontece coisa boa não.

**08:42 Entrevistado:** Só às vezes, às vezes quando eu rezo acontece coisa boa. Aí quando eu rezo mesmo assim faz xixi na cama.

**08:55 Entrevistado:** Todos os dias eu rezo pra não fazer xixi na cama, mas aí eu fazia, alguns dias eu fazia outros não. Aí quando eu cheguei de viagem eu fiz xixi na cama, aí minha mãe foi e brigou comigo. Aí eu chorei e ela disse que ia me bater. Aí eu falei pra minha avó e ela disse que “se ela te bater eu bato nela”. Aí depois eu fui e não fiz mais xixi na cama até hoje. Não fiz mais.

**Entrevistadora:** E na sua escola, qual a religião das suas amigas?

**09:58 Entrevistado:** Algumas são católicas, outras são evangélicas.

**Entrevistadora:** E você fala sobre religião com elas?

**10:07 Entrevistado:** Não, porque lá elas só falam de brincar... ou então de estudar.

**Entrevistadora:** E como foi quando a tia da sua amiga te levou?

**10:34 Entrevistado:** Porque a menina que foi né, aí a tia dela foi lá e falou assim: vai lá chamar a Thayna, pergunta se ela quer ir pra igreja. aí eu disse que queria.

**Entrevistadora:** Ninguém nunca tinha te falado da igreja antes?

**10:52 Entrevistado:** Já.

**Entrevistadora:** Mas não tinha vontade nem quem levasse?

**10:58 Entrevistado:** Eu tinha vontade de ir, mas não tinha quem me levasse pra ficar lá escutando mais eu.

## 9.4 Primeira versão de cada uma das reportagens

### 9.4.1 Reportagem 1

LOC 1: SE PARA ALGUNS RELIGIÃO É ALGO QUE NÃO SE DISCUTE, PARA OUTROS ELA SE TORNOU UM ASSUNTO CONSTANTE E APAIXONANTE. QUEM MENOS SE ESPERA FALAR SOBRE CRENÇAS, CONVICÇÕES E ATÉ MESMO SOBRE DEUS, TALVEZ SEJAM OS QUE MAIS QUEIRAM FALAR: AS CRIANÇAS.

LOC 2: E NÃO É MAGIA, VELHINHO NO CÉU OU HOMEM MALVADO. SÃO ORAÇÕES DIÁRIAS, EXPERIÊNCIAS DE CURA E CONCEITOS INCRÍVEIS DE RELIGIÃO.

LOC 3: VOCÊ VAI CONHECER A HISTÓRIA DE DEZOITO CRIANÇAS QUE ESCOLHERAM A RELIGIÃO COMO PARTE ESSENCIAL DE SUAS VIDAS OU QUE CONVIVEM BEM DE PERTO COM ELA.

LOC 4: DIEGO MORAES, UM GAROTO DE ONZE ANOS, É UMA DELAS. DESDE QUE NASCEU É ESPÍRITA E TEM UMA RELAÇÃO MUITO PRÓXIMA COM ENTIDADES ESPIRITUAIS.

SONORA DIEGO 1: 03:15 “eu sinto, eu escuto, a gente conversa...”

LOC 5: O PEQUENO MINEIRO AJUDOU COLEGAS EM MOMENTOS DIFÍCEIS E ATÉ CONVERTEU GRANDE PARTE DAS PROFESSORAS DE SEU COLÉGIO EM ESPÍRITAS, COM SIMPLES ATITUDES.

SONORA DIEGO 2: 09:07 “No ano passado também teve uma outra experiência com uma professora de ciências chamada marina. O irmão dela havia morrido de avc, de avc, de convulsão, de parada cardíaca, uma doença que ele tinha que fazia sentir esses sintomas todos acontecerem. Ai então ela ficou muito abalada, não conseguia fazer as aulas direito. Ai eu recomendei a ela que “desse” um livro. Ai eu comprei a ela um livro chamado violetas na janela que conta como é a vida após a vida... E depois interessantemente quase todas as professoras do colégio se tornaram espíritas.”

LOC 6: OUTRA HISTÓRIA É DA PEQUENA LUÍSA MARQUES, DE 6 ANOS, QUE TEM UM SONHO BEM AMBICIOSO.

SONORA LUÍSA 1: 16:02 “Eu quero ser pastora de uma nação inteira.”

SONORA LUÍSA 2: 17:32 “É sim, é dos EUA e do... como é o nome? Ah, da China.”

LOC 7: O TAYON OUKI É UM PRATICANTE ASSIDUO DA MAHIKARI, UMA RELIGIÃO ORIENTAL QUE SE BASEIA NO OKYOMI, QUE É A IMPOSIÇÃO DA MÃO PARA TRANSMITIR UMA ENERGIA EM ALGUNS PONTOS DO CORPO. O GAROTO, QUE PREFERE ESTAR PRATICANDO O OKYOMI DO QUE BRINCANDO, ACREDITA QUE TEM SE CURADO DE UM CISTO QUE APARECEU EM SEU PESCOÇO POR MEIO DA TÉCNICA. O QUE TINHA O TAMANHO DE UMA LARANJA, HOJE É MENOR QUE UMA BOLINHA DE PING PONG.

SONORA TAYON: 16:05 “Hurum, no meu tratamento. Era grandão e agora tá pequenininho. 17:00 Ele ficava incomodando, doía um pouco. Quando eu deitava não podia ficar do lado aqui que começava a doer.”

LOC 8: HÁ OUTRAS CRIANÇAS QUE CONHECERAM A RELIGIÃO UM POUCO MAIS VELHAS, OUTRAS SE ADEQUAM NO DIA A DIA PRA LIDAR COM O PRECONCEITO POR FAZEREM PARTE DO SANTO DAIME E AINDA HÁ AQUELAS QUE HONRAM SUAS TRADIÇÕES MESMO A CONTRAGOSTO COMO ALGUNS JUDEUS.

LOC 9: TODOS SÃO PRATICANTES EM BRASÍLIA E LIDAM COM OS PROBLEMAS E BENEFÍCIOS QUE A RELIGIOSIDADE LHES TRAZ.

LOC 10: PARA OS PAIS E MÃES, FICA O DESAFIO DA INICIAÇÃO, DAS PERGUNTAS QUASE SEM RESPOSTA E DA INTRODUÇÃO DE NOVOS COMPORTAMENTOS.

LOC 11: ANA CRISTINA FRAGA É RECÉM-CONVERTIDA AO BUDISMO E TEM ENCONTRADO ALGUMAS SURPRESAS NA HORA DE PASSAR ALGUNS CONCEITOS PARA SUA FILHA EMÍLIA, DE CINCO ANOS.

SONORA ANA FRAGA: 19:07 “trouxe um livrinho de colorir e aí quando eu comecei a ler algumas coisas do livrinho, que era pra crianças, que falava da morte. E aí ela ficou muito impressionada, e ela falou assim “mas eu vou morrer?”, ela não... ela, assim, eu percebi que aquilo estava sendo introduzido de uma forma que ela não esperava, não esperava que um livrinho pra colorir...”

20:00 “Então, e aí me lembro que inspirada pela minha própria experiência direta no budismo eu disse pra ela “eles chamam aqui de morte uma coisa que acontece é que a gente fica invisível, então aí a gente invisível a gente vai continuar vendo as coisas e tal”, e ela achou muito legal” 20:51 “Ela tinha 3. Ela achou que era uma aventura, né? E eu acho que...” 22:00 “Ela encarou super bem, ela continuava perguntando as vezes “ah mamãe, a vovó...”, “ela já tá bem velhinha, ela já tá quase ficando invisível”, entendeu? Então ela começou a olhar e comparar as pessoas que estão novas, as que estão velhas, em que momento elas vão morrer, etc. E foi interessante, porque na verdade quando você pensa numa nova forma de encarar a morte.”

LOC 12: OUTRO ASPECTO QUE ESSES PAIS TÊM QUE LIDAR É O FATO DE O BRASIL SER UM PAÍS COM FORTES RAÍZES CATÓLICAS. SEGUNDO O ÚLTIMO CENSO COM RESULTADOS SOBRE RELIGIÃO, O DE DOIS MIL, MAIS DE SETENTA POR CENTO DA POPULAÇÃO É ADEPTA DO CATOLICISMO.

LOC 13: PARA JANAÍNA RIBEIRO, QUE É UMBANDISTA, ISSO É UM ENTRAVE PARA PASSAR OS CONHECIMENTOS DOS CABOCLOS PARA SEU FILHO PEDRO, DE CINCO ANOS. E A BARREIRA ESTÁ DENTRO DE CASA.

SONORA JANAÍNA 2’34’’: “Então em casa eu não tenho muitos comportamentos de umbandista porque meu marido é muito católico né. E aí eu tenho alguns conflitos né, ele deixa a gente vir, ele sabe que a gente vem. Mas em casa ele não gosta de muitos motivos né, então eu tenho um altar católico em casa, nossa senhora, terço no carro, mas umbandista eu venho toda semana.”

LOC 14: O NOSSO PASSADO HISTÓRICO MOSTRA COMO A INFLUÊNCIA CATÓLICA CHEGOU AO PAÍS POR MEIO DA EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA E POSTERIORMENTE NA EDUCAÇÃO. A LIBERDADE RELIGIOSA FOI ESTABELECIDA OFICIALMENTE PELO ESTADO EM MIL OITOCENTOS E NOVENTA E QUATRO, MAS SÓ FOI PERCEBIDA DE FATO CEM ANOS MAIS TARDE, O QUE PERMITIU REDUZIR UM POUCO OS PRECONCEITOS E TORNAR POSSÍVEL HISTÓRIAS COMO A DO PEDRO, QUE MESMO TÃO PEQUENO, JÁ ENTENDE UM POUCO SOBRE A INCORPORAÇÃO. UMA VEZ POR MÊS ELE CONVERSA COM ESPÍRITOS DE CRIANÇAS INCORPORADOS NOS MÉDIUNS DA CASA. LEMBRA ATÉ DE UM BANHO RECOMENDADO PELO ESPÍRITO:

SONORA PEDRO: 01:55 “de rosa “banca””. E pra que que era esse banho? 02:08 para limpar tudo.

LOC 15: OS CONCEITOS RELIGIOSOS, MESMO COM OBSTÁCULOS, ESTÃO CHEGANDO A ESSAS CRIANÇAS.

LOC 16: SEGUNDO O SOCIÓLOGO DAS RELIGIÕES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA EURICO CURSINO, A PASSAGEM DESSES CONCEITOS É AINDA IMPORTANTE PARA A FORMAÇÃO DO SER HUMANO EM SOCIEDADE.

SONORA EURICO: 27:08 “Alguém quer assumir uma religião primeiro: no nosso país hoje pelo seu caráter utilitário, as religiões são caixinhas de ferramentas para você sair de encrencas ou apertos financeiros, saúde, basicamente o que as pessoas querem é dinheiro, cura e um pouco de auto controle né, pra parar de beber, pra parar de bater na mulher, pra bater nos filhos, de arranjar encrenca com a polícia.”

27:56 “E segundo por essa carteira de identidade. 20:14 é como se preocupar em tirar uma carteira de identidade. (minha intervenção). Algo puramente social.”

LOC 17: ENTRE MEDOS, DESEJOS E INCERTEZAS, ESSAS CRIANÇAS ENCONTRARAM O QUE QUERIAM.

SONORA ISAÍAS: “E o que você sente quando você tá lá? 15:32 *Isaiás*: Eu? Felicidade.”

## 9.4.2 Reportagem 2

LOC1: O PRIMEIRO SOM QUE JOSÉ ABÍLIO OUVIU AO NASCER FOI UM HINO DO SANTO DAIME. (som do hino). FILHO DE PAIS ADEPTOS DESSA RELIGIÃO, O MENINO NASCEU PELOS BRAÇOS DE UMA PARTEIRA AMAZONENSE E DAIMISTA. HOJE COM ONZE ANOS, O GAROTO É APAIXONADO PELA CHAMADA DOUTRINA DA FLORESTA E VIVE EM UMA COMUNIDADE DE CHÁCARAS PERTO DE ITAGUARI E SOBRADINHO.

LOC 2: SUA INICIAÇÃO NO SANTO DAIME FOI DESDE CEDO. MESMO ANTES DE TER CONSCIÊNCIA DE QUALQUER COISA, LÁ ESTAVA ELE COM SEUS IRMÃOS ACAMPADOS DO LADO DE FORA DA IGREJA, COMO LEMBRA SUA MÃE ANDRÉA MAGALHÃES.

SONORA ANDRÉA MAGALHÃES 2:25 "A gente é... tinha, por exemplo, Hinário, que era trabalho grande, de noite inteira, aí a gente sempre levava eles, montava uma barraquinha, deixava eles... pra gente poder ir, porque também não tinha quem ficasse com eles em casa, a gente começava a levar, e eles a medida que foram crescendo pediram pra estar... eles pediram para estar participando, para estarem dentro da corrente um pouco."

LOC 3: HÁ UM ANO JOSÉ ABÍLIO PEDE PARA SUA MÃE PARA SE FARDAR. ISSO SIGNIFICA MUITO MAIS DO QUE APENAS VESTIR UM UNIFORME. SIGNIFICA SE COMPROMETER COM A RELIGIÃO, CRIAR UM VÍNCULO MAIOR E ESTAR PRONTO PARA SEGUIR OS ENSINAMENTOS. SEU PEDIDO SERÁ ATENDIDO EM BREVE E AINDA NESTE ANO SE TORNA UM MEMBRO FARDADO DA IGREJA, MAIS ENVOLVIDO ATÉ QUE MUITOS ADULTOS AINDA NÃO FARDADOS.

SONORA JOSÉ ABÍLIO1: 21:01 "Eu vou ter que bailar mais, as vezes eu bailo menos pra brincar mais, então eu vou ter que bailar mais e brincar menos."

LOC 4: JOSÉ TAMBÉM SABE QUE AGORA TERÁ QUE TOMAR A BEBIDA DA PLANTA AYAHUASCA COM MAIS FREQUENCIA. ELE CONSOME O CHÁ HÁ ALGUNS ANOS E ENTENDE BEM DO QUE ELE GOSTA.

SONORA JOSÉ 2: "Porque que é bom? O gosto é bom? 16:24 *José*: Não, o gosto não. Tomar Daime. Entrevistadora: Mas porque que é bom? 16:29 *José*: Porque ajuda na hora de firmar pra rezar."

LOC 5: SEU IRMÃO ISAÍAS CONFIRMA.

SONORA ISAÍAS BARBOSA:18:31 "é, dura mais, você fica mais forte lá."

LOC 6: A MÃE DOS MENINOS NÃO VÊ PROBLEMA EM DAR A BEBIDA QUE JÁ FOI CONSIDERADA DROGA PROIBIDA NO BRASIL EM MIL NOVECENTOS E OITENTA E CINCO, MAS QUE EM DOIS MIL E QUATRO TEVE SUA LEGITIMIDADE PARA USO RELIGIOSO RECONHECIDA PELA COMISSÃO NACIONAL ANTI-DROGAS, DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. EM DOIS MIL E DEZ, O GOVERNO BRASILEIRO FORMALIZOU LEGALMENTE O USO DA BEBIDA PRA FINS RELIGIOSOS.

LOC 7: JOSÉ ABÍLIO JÁ VIVENCIOU EFEITOS ALUCINÓGENOS DO CHÁ.

SONORA JOSÉ ABÍLIO: 17:13 "eram várias luzes coloridas, e outra vez era um bicho do mal, que tinha vários braços, ia chegando pra perto até cobrir a tela, aí quando cobria toda a tela eu acordei."

LOC 8: MAS MESMO ASSIM, A MÃE DOS MENINOS RESPEITOU O TEMPO DELES E SÓ APROVOU O CONSUMO DA BEBIDA QUANDO ELES SABIAM O SIGNIFICADO DELA.

SONORA ANDRÉ 2: 5:54 "foi uma vontade minha de dar mais velho, esperar eles... saberem também se eles querem seguir o mesmo caminho da família, se querem seguir o mesmo caminho do pai e da mãe".

LOC 9: JÁ FERNANDO FIGUEIREDO, ENGENHEIRO AGRÔNOMO DE TRINTA E CINCO ANOS PRÁTICA O SANTO DAIME DESDE OS DEZESSEIS E INICIOU SEUS TRÊS FILHOS NA RELIGIÃO DESDE QUE NASCERAM. ISABEL, MATHEUS E DAVI FAZEM O USO DA BEBIDA DESDE OS PRIMEIROS MESES DE VIDA.

SONORA FERNANDO FIGUEIREDO: 7:06 "Nossos filhos tiveram o contato com a substância desde muito cedo né, então é uma tradição nossa, desde que a criança nasce, a título de batismo tomar uma gotinha de daime né a efeito de se batizar mesmo a criança na doutrina". 6:27 "várias universidades do mundo todo fizeram vários estudos e constataram que não há prejuízo direto à saúde, muito pelo contrário: as pessoas do grupo que faziam uso apresentavam resultados melhores né assim em vários aspectos, rapidez de raciocínio né..."

LOC 10: E AS CRIANÇAS, QUE HOJE ESTÃO COM SETE, ONZE E DOZE ANOS, APROVAM A BEBIDA:

SONORA ISABEL: 01:05 "eu acho que eu aprendi a gostar (rindo)."

SONORA MATHEUS: 00:45 "tomo... Hmmm, meio amargo. Você acha ruim tomar? 00:48 não."

SONORA DAVI: 01:01 "gosto até do gosto, é bom."

LOC 11: EM OUTRAS RELIGIÕES, A INICIAÇÃO ACONTECE AINDA MAIS CEDO, JÁ NOS PRIMEIROS DIAS DE VIDA, COMO NO JUDAÍSMO. THÉO ALEM É UM JUDEU DE SEIS ANOS QUE SEMPRE PARTICIPOU DAS TRADIÇÕES E FESTAS JUDAICAS. SUA MÃE ÉRICA EXPLICA COMO SE DEU A ENTRADA DO FILHO NA RELIGIÃO.

SONORA ÉRICA ALEM: 02:26 "bem natural, ele com sete dias foi circuncidado, então o menino entre na religião muito cedo. E sempre participamos de todas as festas. Então foi tudo muito natural, a gente canta músicas... Não tem uma educação programada ainda."

LOC 12: MESMO SEM PLANEJAR MUITO A EDUCAÇÃO RELIGIOSA, ÉRICA TEVE SURPRESAS AO PERCEBER COMO O FILHO REALMENTE SE ENVOLVEU NO JUDAÍSMO.

SONORA ERICA 2: 05:48 "ele fala muito que ele é judeu, ele se identifica mais até do que a gente esperava 06:28 a gente estava no aeroporto outro dia e ele viu um avião da el al e falou "olha, aquele avião vai pra israel".

LOC 13: E THÉO FOI CONTAGIANDO ATÉ OS COLEGAS DA ESCOLA:

SONORA THÉO: 01:03 "todo dia que eu chego na escola eu rezo."

LOC 14: E A MÃE LEMBRA COMO OS AMIGOS FORAM REPARANDO NO GAROTO JUDEU.

SONORA ERICA 3: 16:07 "Uma vez eu fui na escola e eu falei pro professor "eu posso trazer um cd de música favorita dele?" E ele falou "eu sei qual é a música favorita dele, é uma assim naguila ava?" E eu falei "você sabe? Ele canta muito?" E ele falou "não, todas as crianças cantam, então a gente vai pro parquinho e ele começa, o outro canta e quando você vai ver está todo mundo cantando ava naguila". Criança não tem preconceito né, então um pouquinho ele está ensinando pros amigos dele uma coisa que é da religião dele, mas sem nenhuma conotação religiosa, é como se fosse um aprendizado de tolerância. Eles vão chegar em casa e cantar ava naguila, então isso eu achei legal."

LOC15: NO CASO DA ÉRICA, ELA NÃO PERCEBEU QUE A INICIAÇÃO GRADATIVA TINHA MUDADO TANTO O FILHO, MAS HÁ SITUAÇÕES EM QUE ESSA INICIAÇÃO ACONTECE SEM QUE OS PAIS SEQUER NOTEM. THAYNÁ PEREIRA, DE OITO ANOS, CONTA COMO FOI SUA PRÓPRIA INICIAÇÃO NA IGREJA EVANGÉLICA FEITA POR UMA VIZINHA, NA AUSÊNCIA DOS PAIS.

SONORA THAYNÁ PEREIRA: 10:34 "Porque a menina que foi né, ai a tia dela foi lá e falou assim: vai lá chamar a thayna, pergunta se ela quer ir pra igreja. Ai eu disse que queria."

LOC 16: E A MENINA FICOU MAIS RELIGIOSA DO QUE A MÃE EDIANA PEREIRA ESPERAVA.

SONORA EDIANA PEREIRA 2: 03:06 "Muitas vezes eu esqueço até de rezar mesmo e ela pega e "mãe, você não rezou ainda não? Vamos rezar". 03:18 ela já dorme com o livrinho embaixo do travesseiro."

LOC 17: E A PEQUENA EVANGÉLICA ACABOU DESENVOLVENDO CRENÇAS PRÓPRIAS E BEM FORTES.

SONORA THAYNA PEREIRA 2: 08:17 "Quando eu faço xixi na cama eu acho que é deus castigando porque eu fiz alguma coisa ruim."

LOC 18: E ESSE DEUS QUE A THAYNA FALA É EVANGÉLICO, MAS NA HORA EM QUE PERGUNTAM...

SONORA THAYNA PEREIRA 3: Mas você se considera católica ou evangélica?  
02:48"Católica".

LOC 18: ISSO PORQUE SUA MÃE SE CONSIDERA CATÓLICA, MESMO QUE NÃO PRATICANTE. E UMA CONFUSÃO ENTRE CATOLICISMO DENTRO DE CASA E PROTESTANTISMO FORA CRIOU UMA DUPLICIDADE NA MENINA. EDIANA ADMITE QUE A CONFUSÃO NÃO É SAUDÁVEL, MAS DÁ SUA JUSTIFICATIVA.

SONORA EDIANA PEREIRA: 01:58 "Ela chama pra ir, ai não dá pra gente ir naquele mesmo dia. Ai eu não tenho tempo às vezes pra estar indo na igreja. E quando eu não to trabalhando eu to em casa ajudando minha mãe no bar. 02:47 ahh, ai eu deixei ela ir e toda vez que ela vinha chamar eu deixava ela ir. Ou então muitas vezes a menina nem vinha chamar e ela pegava e ia lá na casa da vizinha. "vocês vão pra igreja hoje?"

LOC 19: O SOCIÓLOGO DAS RELIGIÕES EURICO CURSINO DÁ UMA RAZÃO BEM SIMPLES PARA O FATO DA MENINA SE DIZER CATÓLICA, MESMO SENDO EVANGÉLICA.

SONORA EURICO: "porque percebem uma pressão social muito grande das pessoas que se identifiquem como católicas"

LOC 20: E É EXATAMENTE ISSO QUE ACONTECE. A AVÓ DE THAYNA É AINDA DE OUTRA RELIGIÃO, DO ESPIRITISMO, MAS NESSA CASA, FILHA, MÃE E AVÓ PERCEBERAM QUE É MAIS SIMPLES DIZER QUE SÃO CATÓLICAS PORQUE GERA MENOS PERGUNTAS. NO CASO DA THAYNA, SAUDÁVEL REALMENTE NÃO É, MAS FOI A FORMA QUE A MÃE ENCONTROU DE PASSAR ALGUNS VALORES PARA A MENINA, QUE NO FIM TEM UMA SÓ CONCLUSÃO.

SONORA THAYNA 2: 02:41 “Qualquer igreja tão bom”.

LOC 21: JÁ VALÉRIA D’ÁVILA, MÃE DE MARINA, TEVE TODO O CUIDADO DE PRIMEIRO SE FIXAR EM UMA RELIGIÃO, PARA DEPOIS ENSINAR A FILHA, POR ISSO, AS DUAS IRMÃS MAIS VELHAS NEM RECEBERAM A ORIENTAÇÃO RELIGIOSA. MARINA ACABOU SÓ ENTRANDO NO UNIVERSO DO ESPIRITISMO NO ANO PASSADO, QUANDO TINHA ONZE ANOS.

SONORA MARINA D’AVILA: 16:53 “Quando minha mãe contava o que que era e me explicava sobre reencarnação, ai eu comecei a gostar, ai ela me colocou na aula da comunhão, ai eu comecei a me interessar bem mais, ai eu comecei.”

LOC 22: COMO MARINA NÃO LIDAVA COM OS ASSUNTOS RELIGIOSOS DESDE QUE NASCEU, ALGUNS RECEIOS ERAM COMUNS COMO O MEDO DE ESPÍRITOS.

SONORA MARINA 2: 21:09 “É, eu já tive umas coisas assim, mas depois que minha mãe me explicou que eles não podem interagir com você e tudo mais, que eles estão pra aconselhar, ai eu não tive mais medo.”

LOC23: DIEGO MORAES É UM GAROTO TAMBÉM ESPÍRITA QUE, DIFERENTE DA MARINA, DESDE CEDO CONVIVEU COM A PRESENÇA DE ESPÍRITOS E COM A MAIOR SENSIBILIDADE ESPIRITUAL. SEU PAI, DIEGO TAMBÉM, CONTA UM POUCO DE UMA EXPERIÊNCIA DE QUANDO O FILHO TINHA APENAS UM ANO E RECEBEU A PROTEÇÃO DE UMA FREIRA DESENCARNADA.

SONORA DIEGO NARDOTTO: 06:13 “minha esposa, em belo horizonte, no colégio em que ela estudou, um colégio de freira tinha uma freira que já fazia milagre em vida, a irmã benigna. Quando ela era muito pequenininha, uns 7, 8 anos, a irmã benigna era viva ainda, ela matava aula pra ir rezar com a irmã benigna. E depois ela veio a falecer, veio a desencarnar e sempre ficou com aquela imagem da irmã benigna. E diego com mais ou menos um ano de idade teve essas coisas que criança tem, um excesso de gripe. Numa madrugada ele vomitou muito catarro, tava muito quente, ai gelou. Ai fiquei despreocupado, passou a febre, mas vou dormir com ele no colo. Acordei com ele tendo uma convulsão nos meus braços 40 minutos depois. Ai corremos pro hospital, e quando a gente chegou lá, diego muito assim morre, não morre, morre, não morre, desliga, liga. A enfermeira que nos atendeu no atendimento administrativo falou assim “olha, veio uma senhora aqui, perguntou como estava a criança pelo que eu entendi, perguntou não, veio afirmando ‘a criança está bem, a criança isso, a criança aquilo’ e foi embora. Falou que era pra vocês ficarem despreocupados porque estava tudo bem”. Minha esposa já sabia, tinha intuido o que tinha acontecido e falou “vem cá, não veio ninguém com a gente”. “ahh mas veio uma senhora com vocês sim, ahh uma freira”. Ai ela já arregalou o olho “ela era assim, assim assado?” “era”. Ai a minha esposa pegou a carteira dela assim que anda com um santinho da irmã benigna na bolsa, tirou a santa, mostrou “a foto é essa?” “é, era essa aqui.” Ela foi e virou “morreu tem 16 anos”. A mulher puff pra trás.”

LOC 24: E DESDE ENTÃO, DIEGO TEM SUAS EXPERIÊNCIAS QUASE QUE DIÁRIAS COM DEUS. E O OBJETIVO DISSO TUDO?

SONORA DIEGO 2: 06:50 “que eu consiga continuar seguindo o caminho que eu defini pra mim mesmo. 13:50 – com deus me permitindo... Sou apenas um ser buscando a evolução divina.”

### 9.4.3 Reportagem 3

LOC1: MAIS DE MEIA HORA IMÓVEL, COM OS BRAÇOS ESTENDIDOS, EM SILÊNCIO. ALÉM DE ENTEDIANTE, ISSO PARECE CANSATIVO PARA QUALQUER UM. MAS PARA UMA CRIANÇA EM ESPECIAL, ESSE É O MELHOR MOMENTO DO SEU DIA. E PRA QUE ISSO?

SONORA TAYON: 11:19 “Pra ajudar as pessoas.”

LOC 2: TAYON OUKI É UM PRATICANTE DA MAHIKARI DESDE QUE NASCEU. AO LADO DE SENHORES COM MAIS DE SETENTA ANOS, O GAROTINHO DE APENAS ONZE É UMA DAS POUCAS CRIANÇAS QUE APLICA NAS PESSOAS DO CENTRO O CHAMADO OKYOMI.

SONORA TAYON 2: 10:59 “É uma luz que sai da mão, que na primeira semana que eu estava fazendo aquilo, minha mão suava muito quando eu fazia okyomi. Aí eu começava a fazer e eu não sabia que dava, começava a suar e depois parava. Aí saía uma luz.”

LOC 3: ESSA LUZ, SEGUNDO OS ENSINAMENTOS DA MAHIKARI, É CAPAZ DE PURIFICAR A PESSOA, TRANSMITIR UMA ENERGIA POSITIVA E ATÉ CURAR MUITAS DOENÇAS FÍSICAS E MENTAIS. TAYON DEDICA OITO HORAS DE SUA SEMANA NA PRÁTICA E CONTA COMO ELE FAZ CADA UM DOS OKYOMIS.

SONORA TAYON 3: 17:29 “32 minutos. 17:38 Frontal, 10 na cabeça, 12 aqui atrás no pescoço, na região do pescoço, e 10 no rim, 5 de cada lado. E aí você não cansa fazendo? 17:55 Não, é legal. Entrevistadora: Mas porque que é bom? 18:04 Você fica fazendo aqui e fica tão triste, aí depois quando começa a fazer fica todo alegre, você sente alegria dentro. 12:43 Primeiro, antes de pensar na gente tem que pensar nos outros, pra poder ajudar a humanidade.”

LOC 4: MESMO ANTES DE PASSAR PELO SEMINÁRIO ONDE APRENDEU A TÉCNICA, O MENINO JÁ SABIA FAZER TODA A REZA EM JAPONÊS, MESMO SEM SABER O QUE SIGNIFICAVA. (REZA) A VONTADE DE AJUDAR OS OUTROS FOI MAIOR E O RITUAL PASSOU A SER O QUE TAYON MAIS GOSTA DE FAZER, MAIS ATÉ DO QUE BRINCAR. E POR QUE ELE PREFERE ESTAR NA MAHIKARI DO QUE EM QUALQUER OUTRO LUGAR?

SONORA TAYON 4: 13:18 “Porque lá eu tenho bastante amigos, dá pra fazer okyomi, receber. 23:07 Quando eu vou (inaudível)[23:09] todo molenguinho, aí depois que eu recebo eu fico todo feliz.”

LOC 4: AO CONTRÁRIO DE TAYON, HÁ CRIANÇAS QUE NÃO GOSTAM DAS PRÁTICAS DA RELIGIÃO QUE ESCOLHEU. É O CASO DE RAFAEL SIMÕES, UM CATÓLICO FERVOROSO, MAS QUE NÃO GOSTA DE MISSAS.

SONORA RAFAEL: 8:07 “Não gosto de ficar parado, não gosto de ficar quieto sentado e não gosto de ficar parado, sem poder fazer nenhuma coisa. Eu gosto de ficar na árvore da igreja, subindo na árvore, essas coisas, brincando de pega-pega com meu amigo.”

LOC 5: MAS ASSIM QUE O PADRE PARAVA DE FALAR...

SONORA RAFAEL: 18:27 “eu ficava rezando, tinha um banquinho lá e eu ficava rezando.”

LOC 6: SUA MÃE, CRISTINA SIMÕES, ENTENDE A RESISTÊNCIA DO FILHO, MAS O LEVA À MISSA MESMO ASSIM.

SONORA CRISTINA: 5:25 “e ele vai, mas ele vai porque ele é obrigado a ir, ele não tem aquela vontade de ir, ele já não gosta muito, ele tem as outras formas de ele poder rezar, de agradecer, ele tem a forma dele, mas a missa ele acha um pouco cansativa.”

LOC 7: MESMO NÃO CONCORDANDO COM OS COSTUMES DE SUA RELIGIÃO, RAFAEL, AOS SETE ANOS, SE TORNOU BASTANTE RELIGIOSO. ORA TODOS OS DIAS E DESENVOLVEU CONCEITOS TÍPICAMENTE CATÓLICOS. ELE CONTA O QUE ACONTECEU DEPOIS QUE SEUS PEIXES DE ESTIMAÇÃO MORRERAM.

SONORA RAFAEL 2: 16:25 “Aí eu sempre enterro todos os peixes. todos foram pro céu. Ah é? Como é que você sabe? 16:47 Porque ele não fez nada de mal, não brigou. E se ele não fosse comportado, o que ia acontecer? 17:00 Ele ia pro... ele não ia pro céu, ele ia pro inferno.”

LOC 8: JÁ SUA PRIMA FABIANA DESENVOLVEU OS MESMOS CONCEITOS, MAS NÃO CONSEGUE IMAGINAR SUA VIDA SEM A IDA A IGREJA E PRINCIPALMENTE ÀS MISSAS.

SONORA FABIANA: 4:08 “Pra mim ia ser horrível, ia ser muito ruim. 4:16 Ah, eu gosto muito de Deus, por isso que eu não consigo largar.”

LOC 9: DIFERENTE DE TODAS AS CRIANÇAS QUE COSTUMAM GOSTAR DA IGREJA POR ENCONTRAR OS AMIGOS, FABIANA NÃO TEM UM SEQUER AMIGO LÁ, SEU ENCONTRO É DIRETO COM DEUS.

SONORA FABIANA 2: 1:01 “Eu não encontro meus amigos não, mas eu fico muito bem lá, eu sinto que fico bem melhor lá.”

LOC 10: CANTAR, ORAR, DANÇAR, AJUDAR OS OUTROS. EM CADA RELIGIÃO, UM RITUAL DIFERENTE. E EM CADA CRIANÇA UM SIGNIFICADO ESPECIAL. PARA ELIS MURAHOVISCHI, UM DOS RITUAIS JUDAICOS QUE PASSARÁ EM BREVE, O BAT MITZVAH, REPRESENTA A CHEGADA DA VIDA ADULTA E DE RESPONSABILIDADES PERANTE AS LEIS JUDAICAS. MESMO FALTANDO AINDA QUATRO ANOS PARA A GAROTA COMPLETAR OS DOZE ANOS, QUE É QUANDO A CERIMÔNIA ACONTECE, ELA JÁ ESTÁ ANCIOSA PELA CELEBRAÇÃO.

SONORA ELIS : 08:21 “um dia eu tive que viajar pra são paulo porque eu vi o bat mitzvah da minha prima. É mais ou menos assim: tem um monte de meninas, algumas você pode não conhecer. São as melhores meninas das escolas escolhidas cuidadosamente. E durante o bat mitzva cada uma delas tem uma música própria, ou seja, que as outras cantam e ela faz o coral.e você está ansiosa para o seu? 09:09 não sei, é que eu não sei cantar nenhuma dessas músicas judaicas que elas cantaram. Eu to meio que nervosa, mas eu gostei. O vestido é bonito.”

LOC 11: E A GAROTA JÁ ESTÁ ANIMADA POR PASSAR PELA CERIMÔNIA ANTES DOS MENINOS, QUE FAZEM O BAR MITZVA AOS TREZES ANOS.

SONORA ELIS 2: 09:09 “Os meninos fazem o bar.. Não sei o nome, é tipo um bat mitzvah, só que eles fazem com treze. Ou seja eu vou ficar “mais velha” que alguém que tenha, que tenha, um ano, um ano a mais que eu. Eu gostei disso. Eu vou ficar adulta antes de alguém que tem um ano a mais que eu.”

LOC 12: NESSES QUATRO ANOS QUE RESTAM, ELIS TERÁ QUE SE DEDICAR AOS ESTUDOS, ELA PRECISARÁ APRENDER HEBRAICO E SABER MELHOR SOBRE A HISTÓRIA E TRADIÇÕES JUDAICAS. TODOS OS SÁBADOS ELA FREQUENTA A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ISRAELITA DE BRASÍLIA, A ACIB. O LUGAR SE TORNOU TÃO IMPORTANTE PARA A MENINA, QUE SEUS COLEGAS JUDEUS DA

ESCOLA NÃO PARECEM MAIS TÃO LEGAIS AGORA QUE ELA DESCOBRIU QUE ELES NÃO VÃO À ACIB.

SONORA ELIS 3: 06:21 “mas eles são muito chatos. Não são muito legais. Hmmm, eu falei um pouquinho com eles, mas eles nunca vão pra acib.”

LOC 13: ENQUANTO A META DE ELIS É APRENDER HEBRAICO E OUTROS COSTUMES JUDAICOS, O OBJETIVO DAS GÊMEAS LARISSA E LETÍCIA SOARES É DE COMPLETAR 1000 HORAS DE ORAÇÃO. O PROJETO É DA IGREJA EVANGÉLICA QUE ELAS FREQUENTAM. AS MENINAS ADERIRAM E TODO DIA, SÃO QUINZE MINUTOS DIRETO EM SILÊNCIO E EM ORAÇÃO. LARISSA É CATEGÓRICA:

SONORA LARISSA 2:31 “Não cansa e é bom.”

LOC 14: E SUA IRMÃ TAMBÉM APROVA:

SONORA LETÍCIA: 6:05 “Eu sinto felicidade e paz.”

LOC 15: AS MENINAS GANHARAM UM PEQUENO DISCO DE PAPEL, EXPLICANDO OS PASSOS DESSA ORAÇÃO.

SONORA LARISSA 2: 1:49 “É que tem o número 1 até o 7, aí o número 1 é pra louvar, o número 2 é pra orar, o número 3 também é pra orar, o número 4 também, o número 5 também e o 6 é pra ler a palavra de Deus e o último é pra orar também.”

LOC 16: TODO DOMINGO, ELAS SE JUNTAM A DEZENAS DE CRIANÇAS PARA ORAREM OS QUINZE MINUTOS JUNTAS. E DURANTE A SEMANA, ELAS PRATICAM EM CASA. PARA A MÃE SHEILA SOARES, ESTÁ AI A DIFERENÇA DA SUA FAMÍLIA, QUE CONTA AINDA COM MAIS DOIS MENINOS: ELES COLOCAM A IGREJA EM PRIMEIRO LUGAR.

SONORA SHEILA SOARES:4:09 “É, é uma prioridade na nossa vida. E até o meu filho, um deles, naquele negócio de Orkut ele colocou na época lá “tenho célula, mas não posso”, porque tipo assim, a célula é uma das atividades da igreja que nós temos durante a semana, uma vez por semana nós temos célula, que é uma reunião que a gente faz com todo o grupo pra estar ali buscando ao senhor, então muitas vezes surgem convites pra estar participando de coisas nesse momento, e nesse momento a prioridade é ir pra célula, você pode até depois que terminar a célula, porque? Porque é um compromisso com Deus que você tem.”

LOC 17: SHEILA, COMO A MAIORIA DAS MÃES, TENTA PASSAR SUA RELIGIÃO PARA SEUS FILHOS. MAS EM ALGUMAS RELIGIÕES, ISSO NÃO É FEITO. É O CASO DO BUDISMO. ANA CRISTINA FRAGA, MÃE DE EMÍLIA, DE CINCO ANOS, EXPLICA COMO FUNCIONA.

SONORA ANA FRAGA: 9:07 Não, não existe uma orientação pra que não seja passado, mas não existe também uma orientação pra que você se force pra isso, necessariamente. 7:16 os meus filhos foram, ano passado os dois pequenos apresentados ao Buda, que é uma cerimônia, e isso foi junto com o aniversário deles, foi super divertido, gostoso e tal, mas não existe nada de... que dizer, eles vêem, eu procuro, agora mesmo tinha um livrinho de colorir sobre o Buda, ou então agora eu comprei um outro livro de histórias de tradição japonesa, história descrita de seda e tal, eu acho que os componentes vão entrando, acho que a decisão sobre o que for melhor pra eles deve ser tomada por eles mesmos

LOC 18: E A DISCIPLINA JAPONESA NÃO CONQUISTOU A HIPERATIVA EMÍLIA. SEUS OLHOS SEMPRE ARREGALADOS REFLETEM A CURIOSIDADE DA MENINA QUE NÃO PÁRA DE PERGUNTAR, REPARAR E SE MOVIMENTAR. EMÍLIA FREQUENTA, ATÉ GOSTA, MAS O QUE ELA MENOS SE INTERESSA É EM FICAR DENTRO DO TEMPLO...

SONORA EMÍLIA: 7:12 “Menos de ficar lá, porque lá tem que ficar muito quieto. 7:24 Hurum, eu falo alguma coisa e ela “xiiii””

LOC 19: E ELA CONFESSA QUE NÃO SEGUIRÁ OS PASSOS DA MÃE.

SONORA EMÍLIA 2: 1:23 “Eu gosto, já fui muitas vezes. Você é budista ou só sua mãe? 3:57 Só minha mãe. Ah. E você quer ser budista um dia? 4:23 Não.”

LOC 20: E ENTRE O SILÊNCIO BUDISTA, A ORAÇÃO EVANGÉLICAS E A MISSA CATÓLICA, ALGUMAS CONVICÇÕES. ENTRE O PASSE ESPÍRITA, O HINO DAIMISTA, A INCORPORAÇÃO UMBANDA E OS CANTOS JUDAICOS, ALGUMAS SENSações. SERES TÃO PEQUENOS, FRÁGEIS E INOCENTES VIVENDO ALGO ALÉM DA ESCOLA, DOS BRINQUEDOS E DOS AMIGOS. ALGO IMPORTANTE, ALGO SOCIAL, ALGO MORAL.

#### **9.4.4 Reportagem 4**

LOC 1: PRESENTE NO NATAL E BOLO NO ANIVERSÁRIO. AS DUAS COISAS MAIS COMUNS E ESPERADAS POR UMA CRIANÇA, NÃO EXISTEM NA VIDA DE ELIS. A PEQUENA JUDIA, MESMO A CONTRAGOSTO, ENTENDE QUE ISSO FAZ PARTE DA SUA RELIGIÃO. ELA CONTA SOBRE AS ÚNICAS COISAS QUE LHE INCOMODAM NO FATO DE SER JUDIA.

SONORA ELIS: 06:49 “É... O fato de não ganhar presentes e ovos da páscoa. E o fato também de não poder comer pão perto do meu aniversário. Tipo a gente tem um pão especialista que é feito do matzá que a gente come, aí a gente pode comer. A gente não pode comer tipo farinha de trigo, ou seja, eu não como bolo no meu aniversário.”

LOC 2: ELIS SE REFERE A PESSACH, QUE É A PÁSCOA JUDAICA. NESSA ÉPOCA, QUE, POR COINCIDÊNCIA, SEMPRE CAI NO ANIVERSÁRIO DA MENINA, OS JUDEUS NÃO COMEM NADA QUE TENHA FERMENTO DURANTE UMA SEMANA. ELES CELEBRAM A LIBERTAÇÃO DOS ISRAELITAS DO POVO EGÍPCIO. OS JUDEUS SÓ PODEM COMER NESSA ÉPOCA O MATZÁ, QUE É UMA MASSA NÃO FERMENTADA, EM HOMENAGEM AOS POVOS QUE FAZIAM O PÃO ANTES DA FUGA E NÃO TIVERAM TEMPO DE DEIXAR A MASSA FERMENTAR. A PEQUENA JUDIA CONTA O QUE COMEU NO ANIVERSÁRIO NO LUGAR DO BOLO.

SONORA ELIS 2: 07:40 “na verdade o cachorro-quente que a minha mãe fez com a receita da minha vó com aquele pão de matzá... Não gostei muito. Eu não gosto de matzá.”

LOC3: O PAI DE ELIS, DENIS MURAHOVSKI, EXPLICA COMO LIDA COM A INSATISFAÇÃO DA FILHA.

SONORA DENIS: 08:54 “Essa história de não ganhar presente de natal nenhuma criança gosta. Mas eles sabem bem que não é uma festa nossa, que nós temos as nossas próprias, eu explico também. A páscoa é uma festa interessante porque você consegue mostrar bem que tem um mesmo nome e tem significados completamente diferentes para as duas religiões apesar de ter uma aproximação. Então a gente conta a história dos judeus no egito e eu também conto qual é a visão da páscoa cristã pra eles saberem porque eles vivem num país que é cristão.”

LOC4: OUTRO QUE TAMBÉM MUDOU SUA ALIMENTAÇÃO POR ORIENTAÇÃO DE SUA PRÁTICA RELIGIOSA FOI O PEDRO. A MÃE JANAÍNA RIBEIRO EXPLICA COMO A SUGESTÃO DE UM ESPÍRITO CUROU SEU FILHO DE UM DOS PROBLEMAS QUE MAIS A ANGUSTIAVAM.

SONORA JANAÍNA RIBEIRO: 09:43 “ele tinha um quadro alérgico muito grande né, então eu já tive noites e noites em claro, eu já vi meu filho usando medicação de adulto, tomando quase 1000 miligramas de antibiótico por reações alérgicas na pele. E eu sempre trazia ele para os passes de cura. E as orientações que eles foram me dando né, o próprio alfredo incorporado já tinha falado “tira o leite, o problema dessa criança é o leite, você insiste com essa história de leite”. E eu comecei a tirar tudo isso. Depois que eu cheguei num alergista, depois que fizemos exames e constatamos que era o leite o problema. Mesmo, se é verdade, se é uma coincidência, mas a gente como mãe fica muito sensibilizada sabe.”

LOC 5: QUERENDO OU NÃO, A ROTINA DESSAS CRIANÇAS MUDOU COM A RELIGIÃO. E MAIS DO QUE HÁBITOS ALIMENTARES, ELAS PASSARAM A ENFRENTAR EM SEU DIA A DIA, PROBLEMAS DE GENTE GRANDE, COMO O FATO DE SEREM UMA MINORIA POR EXEMPLO. ÉRICA ALEM TAMBÉM É MÃE DE UM JUDEU E CONTA COMO ISSO É DIFÍCIL.

SONORA ERICA: 12:21 “É complicado, você ser minoria é sempre complicado, mas é uma coisa que eu vivi desde criança então eu não sei como é não ser esse tipo de minoria. Eu acho que é duro, mesmo aqui em Brasília, é um pouco pior. Tem preconceito? Tem. Eu já encontrei preconceito de estereotipar “puxa, judeu é pão duro”, “puxa, você é judia, mas você é legal”, eu já ouvi muita coisa assim. Eu espero estar criando meus filhos para não se incomodarem com isso porque eles vão sentir, é normal.”

LOC 6: OUTRO PROBLEMA AINDA MAIS COMPLICADO NO DIA A DIA DOS RELIGIOSOS É EM QUE ESCOLA COLOCAR SEUS FILHOS.

SONORA ERICA 2: 13:08 “Infelizmente eu não gosto que eu tenha que buscar uma escola por exemplo, é difícil encontrar uma escola laica, a grande maioria é religiosa. Então aqui em Brasília eu não tive um leque de opções, eu tive que escolher entre poucas. 13:34 ele teve na primeira escola dele, a escola era laica, mas teve papai Noel no natal, teve coelhinho de páscoa, então isso é uma coisa que eu não posso separar eles desse mundo. Mas a escola que ele está agora por exemplo, eles falam do natal, eles falam que é uma época legal, o que que significa ganhar presente, o que significa dar presente, eles trabalham... É como eu gosto, eles são obrigados a trabalhar com a realidade, mas não reforçando “olha, o papai Noel vai te trazer um presente”, mas trabalhando, o que você sente quando alguém que você gosta te dá um presente, qual o prazer de dar um presente também.”

LOC 7: E A PREOCUPAÇÃO DA ÉRICA FAZ SENTIDO. A ESCOLA É UM DOS MAIORES ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA. A NOSSA CONSTITUIÇÃO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E OITO, EM SEU ARTIGO DUZENTOS E DEZ, E DEPOIS, A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, EM NOVENTA E SEIS, EM SEU ARTIGO TRINTA E TRÊS, RESERVAM PARA AS ESCOLAS A DISCIPLINA CHAMADA ENSINO RELIGIOSO. DESDE ENTÃO, ESSA DISCIPLINA, QUE NÃO QUER DIZER PREGAR UMA RELIGIÃO, MAS SIM DAR CONHECIMENTO SOBRE A EXISTÊNCIA DAS MAIS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES, PASSOU A SER OBRIGATÓRIA PARA AS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO FUNDAMENTAL, SENDO FACULTATIVA AO ALUNO. EM ALGUNS ESTADOS, POR SUAS LEIS ORGÂNCIAS, TORNARAM O ENSINO OBRIGATÓRIO TAMBÉM PARA O ENSINO MÉDIO. O QUE É O CASO DO DISTRITO FEDERAL. AS ESCOLAS PARTICULARES PODEM OPTAR POR ADERIR OU NÃO. MAS A LEI NÃO FUNCIONA NO DF, COMO EXPLICA O PEDAGOGO E FILÓSOFO DA INFÂNCIA ÁLVARO RIBEIRO.

SONORA ÁLVARO: 06:44 “No DF nós tínhamos há algum tempo atrás, uma coordenação que cuidava da capacitação permanente de professores. Enquanto durou a coordenação, funcionou o ensino religioso naquela época, antes da LDB, ainda de forma cristã, mas não era um cristianismo só católico, um cristianismo, um trabalho mais ecumênico. A partir de noventa e sete foi elaborado um currículo que é em cima do fenômeno religioso, que é de todas as religiões, com todos os grupos, com todas as manifestações religiosas incluídas, e aí não funcionou, mudou

o governo e houve uma volta pra trás. E hoje há um movimento por parte de diversas igrejas, por parte de professores de recuperar esse ensino religioso.

LOC 8: E A QUESTÃO AINDA GANHA DIMENSÕES MAIS PRECUPANTES NA HORA DE SE PENSAR NA CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO DOS PROFESSORES QUE ESTÃO PASSANDO ESSES CONHECIMENTOS RELIGIOSOS PARA AS CRIANÇAS.

SONORA ALVARO 2: 7:57 “O ensino religioso, tendo um espaço apropriado, ou disciplinarmente ou então de forma transversal evita que você tenha essas manifestações do professor a partir da sua própria fé. A participação dos alunos também é importante, eles vão falar a partir da sua própria fé. Agora, eles vão falar sobre a sua fé e não o professor. O professor é um orientador, ele tem que mostrar que existem outras pessoas que pensam diferente sobre a mesma questão. 12:40 Na maior parte dos estados, eles tem um acompanhamento sim, tem uma preparação pra isso, mas no DF não tem, hoje não tem, nos estamos realmente sem nenhuma coordenação na área de ensino religioso, sem nenhuma orientação para que se evitem proselitismos, então as decisões acabam ficando por conta do professor e ai ele vai fazer a sua intervenção a partir da sua fé, o que não é aconselhável.”

LOC 9: E EM MEIO A TANTO DESPREPARO E A FALTA DE UMA ORIENTAÇÃO, O PRECONCEITO GANHA ESPAÇO. OS ADEPTOS DO SANTO DAIME SABEM QUE SE COMENTAREM NA ESCOLA SOBRE SUA RELIGIÃO, A RESISTÊNCIA APARECE.

SONORA DAVI FIGUEIREDO: Você conversa com os colegas da escola sobre Santo Daime? Acha que eles achariam estranho? 03:25 depois da história do glauco e tudo, talvez, se eles tivessem visto a história e tudo.”

LOC 10: O PAI DE DAVI FICA SATISFEITO COM AMATURIDADE DOS FILHOS COM RELAÇÃO A QUESTÃO.

SONORA FERNANDO FIGUEIREDO: 14:12 “Eles perceberam por si que há uma resistência da sociedade, um preconceito, confundir com droga né. 14:22 eles têm essa percepção sem a gente falar”

LOC 11: ASSIM COMO DAVI, JOÃO ABÍLIO COMPARTILHA O MESMO RECEIO.

SONORA JOÃO ABÍLIO: 24:36 “Eu acho que ia ter um pouco, você bebe uma coisa e você fica vendo coisas eu não existe, eu acho que eles iam achar meio estranho.”

LOC 12: E ANDRÉA MAGALHÃES, SUA MÃE ORIENTA OS FILHOS, MAS SABE QUE ÀS VEZES O ASSUNTO É INEVITÁVEL.

SONORA ANDRÉA: 7:06 “ tem outras crianças que participam e aí as crianças conversam sobre o assunto, mas eu sempre peço pra ter mais discrição, são assuntos nossos, questões nossas, mas eles conversam...”

LOC 13: E A ORIENTAÇÃO DE ANDRÉA É TAMBÉM A RECOMENDAÇÃO DA PSICÓLOGA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL ANGELA BRANCO.

SONORA ANGELA BRANCO: 24:01 “O fato dela não falar é uma maneira de se preservar também e a medida que ela vai crescendo ela vai ter condições de escolher né. É esse o caminho. 24:51 olha, existe uma grande diversidade, é super bem-vinda sempre. É um absurdo você ficar restringindo se a pessoa quer pintar o cabelo de vermelho, se pessoa quer botar um lenço, um turbante, se vestir todo de... E né o grupo ser orientado a aceitar. “esse ai, só anda com roupas coloridas”, “é, porque lá na África usa isso”. Ai vem outra vestida de hindu. “ahh, que coisa não sei o que”, “é, ela veio da Índia”. O outro tá com a cabeça coberta, é, tá com a cabeça coberta”

LOC 14: E PARA LIDAR COM TODAS ESSAS QUESTÕES, O CAMINHO AINDA TEM SIDO O DIÁLOGO, COMO PROPÕE O FILÓSÓFO INFANTIL ÁLVARO.

SONORA ÁLVARO: 22:40 “ É preciso que nós tenhamos uma pedagogia que seja dialógica. E a partir daí podemos então diminuir o preconceito, que é aquele conceito que a gente faz porque nós não conhecemos o que o outro pensa. Eu posso até ser contra uma igreja, uma linha de pensamento, mas eu não posso ser contra as pessoas que aderem a essa igreja porque eu preciso aprender a conviver com essas pessoas.”

LOC 15: E UMA FORMA DE TRABALHAR COM ISSO É PROPOSTA PELO PROFESSOR BASEADA EM EXPERIÊNCIAS QUE JÁ DERAM CERTO.

SONORA ÁLVARO: 25:10 “Então você discute a questão de família, ai você tem uma família que tem dois homens homossexuais e uma criança, isso é família? E ai você tem resposta de criança de cinco anos como eu vi dizendo que ‘não, isso não é família porque Deus não quis assim, tem que ser um homem e uma mulher’. E ai na discussão essas crianças mudaram de ideia a ponto de dizer assim ‘não, se eles se amam, se amam as crianças, se existe uma relação afetiva’. Trabalhar logo com criança pequena a questão da auteridade. É a visão do outro, então é necessário que a gente entenda logo no início do nosso desenvolvimento que existe um outro e que esse outro pensa diferente de mim, é a valorização do outro a partir dele mesmo, e não a partir de mim. E o que nós temos hoje é que eu valorizo o outro a partir do meu pensamento. Na medida que eu procuro uma resposta dentro de mim porque o outro é diferente, eu não vou encontrar, eu tenho que encontrar a partir dele mesmo”.

LOC 16: PRATICAR TOLERÂNCIA, PRATICAR ACEITAÇÃO E PRATICAR RESPEITO É JUSTAMENTE, ISSO, UMA PRÁTICA. DE TODOS OS DIAS, FEITA POR TODOS E INCENTIVADA POR TODOS. A ROTINA DESSAS CRIANÇAS FORA DO AMBIENTE RELIGIOSO APRESENTA VÁRIOS ENTRAVES TÍPICOS DE UMA VIDA ADULTA, MAS QUE JÁ SE APRESENTAM TÃO CEDO PORQUE ELAS MESMAS FIZERAM UMA OPÇÃO, QUE PROVAVELMENTE LHEM TRAZ BENEFÍCIOS ALÉM DO PRECONCEITO, DA ALIMENTAÇÃO A CONTRAGOSTO OU DA AUSÊNCIA DE UM COSTUME.

### **9.4.5 Reportagem 5**

LOC 1: DESCREVER O QUE NINGUÉM NUNCA VIU. TAREFA COMPLICADA. AINDA MAIS QUANDO SE TRATA DE DESCREVER ALGO QUE NEM SE SABE O QUE É, COMO É E ATÉ SE DE FATO EXISTE. O QUE É DEUS PRA VOCÊ? DIFICULDADE DE TODOS, NÃO HÁ DÚVIDA. PARA QUEM CONVIVE TÃO DE PERTO COM ELE, TALVEZ SEJA UM POUCO MAIS PAUPÁVEL ESSE CONCEITO. APRENDER RELIGIÃO NA INFÂNCIA TRAZ ESSA VANTAGEM: OU SE SABE DESDE QUE NASCEU OU SE APRENDE LOGO E TORNA AQUILO UMA VERDADE. E A VARIEDADE DE RESPOSTAS PARA QUEM É DEUS É ENORME. DO CONCEITO MAIS SIMPLES.

SONORA JOSÉ: 21:58 “Deus é o criador das coisas.”

LOC 2: AO MAIS COMPLEXO.

SONORA DIEGO: 03:39 “Deus é o grande mestre, o criador, aquele que nos criou pra ver se conseguimos alcançar algum dia uma evolução maior. Pra conseguirmos só se nós pudermos aprender como é essa doutrina. É o grande mestre, o criador, aquele pessoa que tenta nos ajudar em qualquer ocasião. 05:42 Pra falar a verdade, deus sempre está com todo mundo né. Deus sempre é aquela pessoa que te ajuda, que tenta te aconselhar, mas mesmo assim deixa você seguir seu caminho porque é isso que você veio fazer aqui. Você planeja alguma coisa e deus lhe dá permissão pra você cumprir ela, mas isso é o livre arbítrio de cada um, se quer ou não quer cumprir, aí é decisão, decisão de cada um.”

LOC 3: HÁ AQUELES QUE ESTÃO CONVICTOS.

SONORA MARINA: 20:12 “Há pra mim é uma espírito evolúido, uma fonte de amor, de proteção pra gente.”

LOC 4: E OS QUE AINDA ESTÃO NA DÚVIDA.

SONORA THAYNA: 05:33 “Ele fica no céu, a gente não pode ver. E ele tá com você o tempo todo? 05:39 deve tá. E ele é quem criou tudo, criou você? 05:48 deve ser.”

LOC 5: HÁ TAMBÉM AQUELAS CRIANÇAS QUE TRAZEM DEUS PRA BEM PERTO DO SEU DIA A DIA.

SONORA RAFAEL: 9:47 É força. 10:00 É assim, é porque algumas vezes assim em arvore você tem que ficar mais seguro, nos galhos finos, (inaudível)[10:08] os galhos finos e ele me ajuda, (inaudível)[10:13] ter força pra segurar.

LOC 6: E OUTRAS QUE VEEM COMO ALGO MAIS DISTANTE.

SONORA DAVI: 02:04 “É uma forma de vida que não é vida então e, não é uma pessoa exatamente, é mais uma energia.”

LOC 7: O CONCEITO VAI DOS GENERALISTAS...

SONORA LUÍSA: 14:49 “Deus pra mim é minha vida, né? Deus pra mim é tudo”

LOC 8: AOS PONTUAIS.

SONORA TAYON: 15:46 “É o centro. É o centro do que? 15:49 Das atenções.”

LOC 9: HÁ AINDA OS QUE NÃO CONSEGUEM VIVER SEM.

SONORA FABIANA: 2:31 É minha alegria, (inaudível)[2:33]. É muito bom, eu sinto uma coisa muito diferente. 2:46 Acho, acho que ele sempre me ajuda.”

LOC 10: E OS QUE SE ENXERGAM UM POUCO NELE.

SONORA ELIS: 05:34 “Deus é tudo. Eu acho que deus é tudo. Deus é ar e deus também é um pedacinho do nosso coração. Deus é amor. Eu acho que deus é isso.”

LOC 11: MUNIDAS DO CONCEITO DE DEUS, ESSAS CRIANÇAS EXTRAÍRAM DA RELIGIÃO MUITO MAIS DO QUE NOMES OU IDEIAS. A JUDIA ELIS, POR EXEMPLO, ENTENDEU BEM O QUE É TOLERÂNCIA RELIGIOSA.

SONORA ELIS: 15:15 “Jesús cristo? Eu não sei, só sei que pra gente jesús não era real. A gente não tinha nada contra jesús. A gente só não achava que ele existia. A gente não acreditava que filho de deus existia. E você acha errado os outros acreditarem? 16:06 não, porque eles tem a religião deles e eu tenho a minha.”

LOC 12: JÁ O RAFAEL, QUE DESCOBRIU NA RELIGIÃO QUE QUER SER VETERINÁRIO, APRENDEU COM O CATOLICISMO O RESPEITO AOS ANIMAIS. QUANDO PERGUNTADO SE GOSTA DE LEVAR PRA CASA OS PEIXES QUE PESCA...

SONORA RAFAEL: 11:30 “Eu gosto, só que eu não levo porque... vai morrer pra que, não é? Ainda mais os filhotinhos, eles ficam tão felizes na hora que solta.”

LOC 13: O DIEGO APRENDEU COM O ESPIRITISMO A SER SOLIDÁRIO.

SONORA DIEGO: 13:18 “Um amigo meu que tava passando por um momento de separação dos pais dele e todo dia a gente ia pra um cantinho lá do colégio e rezava secretamente e ai essa separação começou a parar, parar, parar e pufff, os pais melhoraram.”

LOC 14: E A LUÍSA, TÃO NOVINHA DEU UMA LIÇÃO DE VIDA A SEUS PAIS.

SONORA RENATA MARQUES: “7:16 A Luisa quando tinha 1 ano e 8 meses ela quebrou o fêmur, e ela ficou de gesso da cintura até as pernas, as duas pernas engessadas. 7:41 a previsão era pra ela ficar 45 dias de gesso, só deitada. e o que me impressionou na Luisa é que ela acabou tirando um pouquinho antes, ela tirou com 38 dias, e nesses 38 dias ela nunca reclamou da situação, ela nunca chorou por causa da situação, as pessoas iam visitar ela com o coração apertado e saiam de lá confortadas, porque ela transmitia uma alegria que foi algo sobrenatural, foi uma lição de vida pra mim e pro Flávio. A gente ficou muito mais arrasado do que ela, ela sentiu a dor, ela teve o trauma da quebra, ela teve o trauma de ter que colocar o osso no lugar no mesmo dia, então aquilo trouxe um trauma mas não pra ela, eu tenho certeza que por isso, porque ela já tinha essa bagagem espiritual, de crer em um Deus que ia cuidar dela, que tinha um Deus que zelava por ela, que ia cuidar daquela situação. 9:23 seria meio revoltante, meio “eu quero sair daqui”, nunca, nunca. Uma alegria. Incrível, foi demais.”

LOC 15: E MESMO ENTRE TANTOS ENSINAMENTOS, AS CRIANÇAS NÃO DEIXAM DE SER... CRIANÇAS. PARA ELAS, A RELIGIÃO PASSA A TER UM CARÁTER MAIS INSTRUMENTAL, DE MEIO PARA SE ATINGIR ALGO. É ATRAVÉS DA RELIGIÃO QUE ELAS FAZEM O QUE MAIS GOSTAM: PEDIDOS. POR MEIO DA ORAÇÃO, ELAS PEDEM DE BONECAS À PARAR DE CHOVER.

SONORA LETICIA:6:17 “Eu queria um carrinho e uma boneca.”

SONORA JOSÉ: 22:11 “Eu já pedi pra não machucar mais, porque uma vez eu tava machucando muito. “

SONORA THAYNA: 08:55 “Todos os dias eu rezo pra não fazer xixi na cama”

SONORA JOSÉ: 23:05 “Eu queria viajar de avião, e consegui.”

SONORA LUISA 15:21 Assim, minha mãe tava com muita dor de cabeça um dia, ela ficou lá muito tempo na cama, aí eu orei muito por ela, muito, muito, muito, muito pra ela poder melhorar e Deus ajudou ela e melhorou, né mamãe? E também pediu muito a Deus que eu passasse na minha prova, porque eu tava tendo algumas dificuldades, eu não tava conseguindo. Aí eu pedi muito e muito a Deus e ele me ajudou.

TAYON 22:02 É, o cisto baixou, eu orava pra poder ajudar a família, o tratamento antes de ir pra Ribeirão, eu orava para o tratamento dar certo.

SONORA ELIS: 01:10 A GENTE REZAVA ANTES,MAS AI MINHA MÃE, DEPOIS DA MUDANÇA DE CASA, A GENTE NÃO SABIA MAIS ONDE ESTAVA O LIVRO DE REZAS. A GENTE REZAVA PRA NÃO TER PESADELO.

SONORA EMÍLIA: 5:04 Eu peço a Deus que eu quero um dia ter um cachorrinho,

SONORA FABIANA: 1:56 “Ai, eu já pedi pra acontecer tipo assim, eu viajar, eu viajei no dia seguinte sem saber, assim, foi muito legal.”

SONORA RAFAEL: 9:30”Eu rezo pra pedir pra não chover.”

LOC 16: E PARA OS PAIS, A RELIGIÃO CARREGA MUITO MAIS DO QUE UMA FONTE DE DESEJOS, É TAMBÉM UM REFÚGIO DE UMA SOCIEDADE TÃO MARCADA PELA VIOLÊNCIA E PELO MEDO. A RELIGIÃO É UM CAMINHO PRA ENSINAR VALORES, ÉTICA E TRADIÇÃO. OS PAIS RENATA MARQUES, DENIS MURAHOVISCHI, ANDRÉA MAGALHÃES E JANAÍNA RIBEIRO CONTAM UM POUCO DA IMPORTÂNCIA QUE ELES ENXERGAM DE PASSAR SUA RELIGIÃO PARA OS FILHOS.

SONORA RENATA MARQUES: 6:14 “Como mãe eu entendo que na minha experiência pessoal, eu me converti com 12 anos, e antes dos 12 anos eu passei por algumas coisas que eu não gostaria que ela passasse, coisas da alma, de feridas da alma, de situações em casa. Então eu entendo que a própria bíblia diz, Jesus diz que nós... que esse mundo é mau, que nós passaríamos aflições, mas tem bom animo, eu venci, então vocês também podem vencer.. Eu entendo que eu passando isso pra ela, quando vierem os dias maus, quando vierem as necessidades, as preocupações, os problemas, ela vai estar mais firme pra poder superar ele, sabendo que ela está enfrentando um problema mas que tem um Deus que trabalha por ela e que está cuidando dela.”

SONORA DENIS MURAHOVISCHI: 12:54 “Eu acho que a cultura judaica tem alguns elementos extremamente interessantes que ajudam a pessoa a se situar inclusive no mundo moderno, que é um mundo complicado, que é difícil você entender as coisas, ter um comportamento ético, então pra mim é nesse aspecto que a coisa assume uma importância. Porque a tradição ajuda você a se situar, a entender que as coisas têm um sentido histórico, que tem um passado, tem um presente, tem um futuro. Ela traz elementos éticos importantes de comportamento.”

SONORA ANDREA MAGALHÃES: 10:28 “Então assim, é nessa primeira infância, eu acho que o cuidado que eles tem com os amigos, o respeito que eles tem com o corpo do outro, do físico, de não agredir, de não xingar, não sai briga, eu não presenciei nunca uma briga de verdade entre eles e tudo. Então eu acho que o Santo Daime, nessa primeira infância, nessa primeira infância foi um resguardo muito grande, uma proteção muito grande que a gente teve de ter crianças saudáveis, felizes, muito interativas, sociáveis, conseguem se socializar, se adaptar aos ambientes, e conseguem... já tem discernimento, o discernimento tanto político quanto de escolha de vida, com relação a álcool, drogas, e tudo isso em uma primeira infância.”

SONORA JANAÍNA RIBEIRO: 04:18 “Então eu acho que mais do que o lado da fé, o de ajudar o próximo, da caridade. Todos os médiuns estão trabalhando, as pessoas estão aqui fazendo passes de cura e ninguém está recebendo nada por isso né. Estão todos trabalhando pelo bem da humanidade né, pela caridade.”

LOC 17: E ASSIM COMO ESSES PAIS, SUAS CRIANÇAS ALMEJAM CONSTRUIR FAMÍLIAS COM A MESMA RELIGIÃO QUE FORAM CRIADOS.

SONORA JOSÉ: E vocês quando crescerem querem continuar que a família seja Santo Daime? 25:02 Criança: Eu quero. Entrevistadora: Aí você quer, quando você tiver seus filhos, sua esposa, que eles também continuem. 25:08 Criança: Harã. Entrevistadora: Porque que você quer continuar? 25:10 Criança: Ah, porque é legal, é bom.”

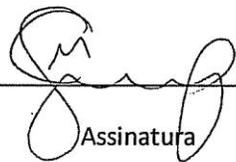
LOC 18: SE REALMENTE IRÃO CONSTITUIR FAMÍLIAS COM SUAS RELIGIÕES DE HOJE, É DIFÍCIL SABER, MAS O QUE SE SABE AGORA É QUE O SENTIMENTO PELA RELIGIÃO É TANTO A PONTO DE QUE ESSES PEQUENOS QUEIRAM FAZER DELA UM GUIA PARA TODA A VIDA. É... PODE ATÉ SER DIFÍCIL DESCREVER ALGO QUE NINGUÉM NUNCA VIU, MAS É BEM FÁCIL DESCREVER ALGO QUE SE SENTE TODOS OS DIAS.

## 9.5 Autorizações para uso de voz de menor de idade

Brasília, 26 de MARÇO de 2011

### AUTORIZAÇÃO

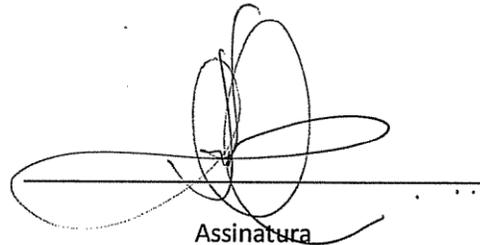
Eu, CRISTINA MEROLA SIMÕES ISRAEL, portador (a) do número de CPF 692796 401-00, responsável pelo (a) menor de idade FABIANA MEROLA SIMÕES MARINHO, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

  
Assinatura

Brasília, 03 de 04 de 2011

### AUTORIZAÇÃO

Eu, KOICHI OKI, portador (a) do número de CPF 067 602 448-34, responsável pelo (a) menor de idade TAIYON OKI, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

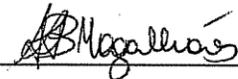


Assinatura

Brasília, 20 de março de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, André Luiz L. B. Magalhães, portador (a) do número de CPF 983 778 506 30, responsável pelo (a) menor de idade Ygor Alício Magalhães Almeida, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 30 de março de 2011

#### AUTORIZAÇÃO

Eu, Andréia Luiza de B. Magalhães, portador (a) do número de CPF 983 778 506 30, responsável pelo (a) menor de idade Isaías Barbosa M. Almeida, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 27 de março de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, Renata Soares Marques Hildebrande, portador (a) do número de CPF 020.771.001-25, responsável pelo (a) menor de idade 6 anos - Luiza Soares M. Hildebrande, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

Renata Soares Marques Hildebrande

Assinatura

Brasília, 26 de Março de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, CRISTINA MEROLA SIMÕES ISRAEL, portador (a) do número de CPF 092.796.401-00, responsável pelo (a) menor de idade RAFAEL SIMÕES ISRAEL, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

  
Assinatura

Brasília, de de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, Ana Cristina Fraga Schwingel, portador (a) do número de CPF 443.485.501-82, responsável pelo (a) menor de idade Emília Fraga Schwingel, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

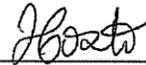


Assinatura

Brasília 20 de MARÇO de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, SHEILA SOARES COSTA, portador (a) do número de CPF 410925541-49, responsável pelo (a) menor de idade LARISSA SOARES COSTA, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 20 de MARÇO de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, SHEILA SOARES COSTA, portador (a) do número de CPF 410925541-49, responsável pelo (a) menor de idade LETÍCIA SOARES COSTA, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 18 de fevereiro de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, Helena M.A. Figueiredo, portador (a) do número de CPF 693.253.911-04, responsável pelo (a) menor de idade Davi de Abreu Figueiredo, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 18 de FEVEREIRO de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, HELENA M. A. FIGUEIREDO, portador (a) do número de CPF 693.253.911-09, responsável pelo (a) menor de idade MATEUS DAVI DE ABREU FIGUEIREDO, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 18 de FEVEREIRO de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, HELENA M.A. FIGUEIREDO, portador (a) do número de CPF 693 253 911 09, responsável pelo (a) menor de idade ISABEL DE ABREU FIGUEIREDO, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

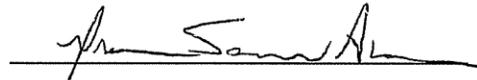


Assinatura

Brasília, de de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, ERICA SAUBERMANN ALÉM, portador (a) do número de CPF 021.257.911-60, responsável pelo (a) menor de idade THEO SAUBERMANN ALÉM, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 14 de fevereiro de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, VALÉRIA DE FREITAS D'AVILA, portador (a) do número de CPF 484.388.551-72, responsável pelo (a) menor de idade MARINA DE FREITAS D'AVILA, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

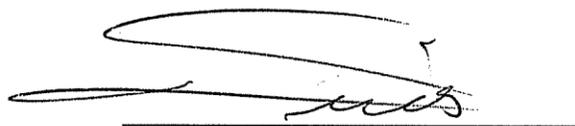
Valéria de Freitas D'Avila

Assinatura

Brasília, de de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, DEWIS MURAHOVSKI, portador (a) do número de CPF 08848044807, responsável pelo (a) menor de idade ELIS, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.



Assinatura

Brasília, 09 de fevereiro de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, Janaína R. de Lima Felipe, portador (a) do número de CPF 923 135 311-04, responsável pelo (a) menor de idade Pedro Arthur L. dos Santos Felipe, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

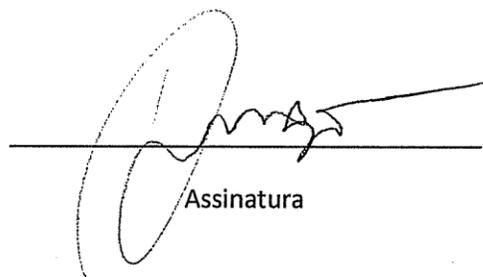
jl.

Assinatura

Brasília, 31 de JANUÁRIO de 2011

### AUTORIZAÇÃO

Eu, DIEGO FIGUEIRA MAROZZO, portador (a) do número de CPF 610964741-15, responsável pelo (a) menor de idade DIEGO GIOVANNY MONTEFALCONE MAROZZO, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

  
Assinatura

Brasília, 08 de Fevereiro de 2011

AUTORIZAÇÃO

Eu, Ediana dos Santos Pereira, portador (a) do número de CPF 972.166.741-20 responsável pelo (a) menor de idade Mayna Pereira de Sousa, autorizo a gravação de suas entrevistas com a estudante Alessandra Watanabe, portadora do número de CPF 022.829.831-81, bem como a utilização do material no projeto final de graduação da referida estudante do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

Ediana dos Santos Pereira

Assinatura